

Damas Literárias

*Pelo reconhecimento da escrita feminina
apagada pela história* 

Volume 2

Organização:

Andréia Dias de Souza
Danyelle Almeida Saraiva
Flávio Amorim da Rocha
Jaqueline Alonso Braga de Oliveira
Amanda Messias Silva
Angelina Quevedo Bakargi
Bianca Pereira Teodosio Martins
Camila Rodrigues Cunha
Isabela dos Santos Calado
Isabelli dos Santos Guaripuna
Maria Clara de Freitas Barcelos

Apoio:


Fundect
Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino,
Cultura e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul


INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso do Sul


editora **ECO**
Didática

Damas Literárias
pelo reconhecimento da escrita feminina
apagada pela história

Volume 2

Organização:

Andréia Dias de Souza
Danyelle Almeida Saraiva
Flávio Amorim da Rocha
Jaqueline Alonso Braga de Oliveira
Amanda Messias Silva
Angelina Quevedo Bakargi
Bianca Pereira Teodosio Martins
Camila Rodrigues Cunha
Isabela dos Santos Calado
Isabelli dos Santos Guaripuna
Maria Clara de Freitas Barcelos

Campo Grande/MS
2024

Apoio:



FUNDAÇÃO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DO ENSINO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL



INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso do Sul



Copyright © 2024 dos autores e da Editora Ecodidática

Os direitos de edição e publicação foram cedidos à Editora Ecodidática
Esta obra está licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-
NãoComercial-Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND). Disponível em: [https://
creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Editor-Chefe: Gleidson Melo

Assistente Editorial: Marta Regina da Silva-Melo

Edição e diagramação: Gleidson Melo e Marta Regina da Silva-Melo

Capa: Projeto visual de Clara dos Santos Calado e Giovanna Cardoso Cuenga

Imagens vetorizadas: freepik.com

Revisão dos textos: Profa. Dra. Andréia Dias de Souza, Prof. Dr. Flávio Amorim da Rocha,
Profa. Ma. Jaqueline Alonso Braga de Oliveira e Profa. Ma. Danyelle Almeida Saraiva.

Ilustrações: Angelina Quevedo Bakargi, Clara dos Santos Calado, Emanuelle Candido
Pimenta, Giovana Manuela da Silva Garcia, Giovanna Cardoso Cuenga, Tauane Francine
Fonseca Gomes, Tarsis Junio Alencar Guedes e Maria Isabel Moura Teixeira.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Damas literárias [livro eletrônico] : pelo reconhecimento da escrita
feminina apagada pela história : volume 2. -- 1. ed. -- Campo
Grande, MS : Editora Ecodidática, 2024.
PDF

Várias autoras.

Bibliografia.

ISBN 978-65-85640-07-7

1. Cânones da literatura 2. Igualdade de gênero 3. Literatura
brasileira - Miscelânea 4. Mulheres na literatura 5. Textos - Produção.

24-228510

CDD-809.939287

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres na literatura : História e crítica 809.939287

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI: 10.56713/editoraecodidatica/85640077

Editora Ecodidática: <https://editoraecodidatica.com.br>

E-mail: contato@editoraecodidatica.com.br

WhatsApp: +55 67 3211-2328

Instagram: <https://www.instagram.com/editoraecodidatica.com.br>

*Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo (...)
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.
(Conceição Evaristo)*

Sumário



Prefácio.....	13
Apresentação.....	15
Com a palavra: as idealizadoras do projeto.....	20

CAPÍTULO I

As Damas Literárias e suas Histórias: biografias.....	27
Beatriz Francisca de Assis Brandão.....	28
Isabelli dos Santos Guaripuna	
Clarice Lispector.....	34
Camila Rodrigues Cunha	
Mme Chrysanthème - Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Vasconcellos	38
Maria Clara Nantes Fernandes	
Francisca Clotilde	41
Camila Rodrigues Cunha	
Maria Angélica Ribeiro.....	45
Bianca Pereira Teodosio Martins	
Narcisa Amália.....	49
Isabela dos Santos Calado	

Rachel de Queiroz	52
Maria Clara de Freitas Barcelos	
As Damas Pretas Literárias e suas Histórias: biografias ...	58
Auta de Souza	59
Isabela dos Santos Calado	
Conceição Evaristo	62
Isabelli dos Santos Guaripuna	
Elza Soares	65
Angelina Quevedo Bakargi	
Geni Guimarães	69
Amanda Messias Silva	
Jarid Arraes	73
Melissa Vitória Silva Gauna	
Ruth Guimarães	76
Amanda Messias Silva	

DOI: <http://doi.org/10.56713/editoraecdidatica/85640077.1>

CAPÍTULO II

Resenhas das Obras	79
<i>A Carne</i>, de Elza Soares	81
Angelina Quevedo Bakargi	

<i>A Cor da Ternura</i> , de Geni Guimarães	85
Amanda Messias Silva	
<i>A Divorciada</i> , de Francisca Clotilde	89
Isabela dos Santos Calado	
<i>Água Funda</i> , de Ruth Guimarães	91
Amanda Messias Silva	
Andréia Dias de Souza	
<i>A Hora da Estrela</i> , de Clarice Lispector	94
Maria Clara de Freitas Barcelos	
<i>A Infanta Carlota Joaquina</i> , de Cecília Moncorvo de Mello Rebelo.....	98
Maria Clara Nantes Fernandes	
<i>Cancros Sociais</i> , de Maria Angélica Ribeiro	100
Camila Rodrigues Cunha	
<i>Cantos da Mocidade</i> , de Beatriz Francisca de Assis Brandão	103
Isabelli dos Santos Guaripuna	
<i>Corpo Desfeito</i> , de Jarid Arraes.....	105
Bianca Pereira Teodosio Martins	
Isabela dos Santos Calado	
<i>Enervadas</i> , de Maria Cecília de Melo Vasconcelos	108
Maria Clara Nantes Fernandes	
<i>Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis</i> , de Jarid Arraes.....	111
Bianca Pereira Teodosio Martins	

Macabéa, Flor de Mulungu, de Conceição Evaristo 113
Maria Clara de Freitas Barcelos

Poema: *Angelina e A morte de Helena*, Obra: *O Horto*,
de Auta de Souza 116
Isabela dos Santos Calado

Poema: *Angelina*, Obra: *O Horto*, de Auta de Souza 118
Melissa Vitória Silva Gauna

Olhos d'Água, de Conceição Evaristo 120
Isabelli dos Santos Guaripuna

O Quinze, de Rachel de Queiroz 122
Angelina Quevedo Bakargi
Maria Clara de Freitas Barcelos

DOI: <http://doi.org/10.56713/editoraecodidatica/85640077.2>

CAPÍTULO III

Benditos frutos 125

Parte I – Contos

Em busca de viver 128
Jonathan Gonçalves Marzurkiewicz

Um grito silencioso 133
Inaiá Gotardi Ruiz

A luta pela esperança 137
Takuya Leonardo Uchino

Protagonistas do cotidiano	143
Angelina Quevedo Bakargi	
A profundidade das coisas	148
Angelina Quevedo Bakargi	
Esse grito não é meu	157
Maria Clara de Freitas Barcelos	
Diário de uma desprovida de encantos.....	160
Isabelli dos Santos Guaripuna	
A voz silenciada, a flor que desabrocha.....	163
Lorenzo Tresl Bordado de Brito	

Parte II – Crônicas

O amor é trégua.....	168
Angelina Quevedo Bakargi	
Guerreira Dandara.....	172
Giovana Manuela da Silva Garcia	
Lida de mentiras.....	175
Amanda Messias Silva	
Floresça como mulungu.....	178
Maria Clara Nantes Fernandes	

Parte III – Poemas

Poema para ninar meu filho Oscar.....	182
Isabela dos Santos Calado	

Opção	185
Isabelli dos Santos Guaripuna	
A cor de seus olhos.....	187
Camila Rodrigues Cunha	
A morte é triste	189
Bianca Pereira Teodosio Martins	
Me olhando no espelho, me vejo além.....	191
Isabela dos Santos Calado	
Minha pele tem a melanina.....	194
Bianca Pereira Teodosio Martins	
Em pedaços	196
Bianca Pereira Teodosio Martins	
Andréia Dias de Souza	
(A)mar traidor	200
Isabela dos Santos Calado	
Agora sou divorciada	202
Maria Clara Nantes Fernandes	
A solidão não ecoa.....	204
Melissa Vitória Silva Gauna	
Preto jabuticaba	207
Amanda Messias Silva	

CAPÍTULO IV

O que é ser mulher?.....	209
Segundo a Bíblia.....	211
Amanda Messias Silva	
O que é ser mulher?.....	215
Angelina Quevedo Bakargi	
Ser mulher	218
Bianca Pereira Teodosio Martins	
Ser mulher é símbolo de resistência	223
Camila Rodrigues Cunha	
Ser mulher	225
Isabela dos Santos Calado	
Dádiva ou maldição?	228
Isabelli dos Santos Guaripuna	
DOI: http://doi.org/10.56713/editoraecodidatica/85640077.4	
Referências.....	231
Posfácio.....	241
Organização	243
Ilustradores.....	246

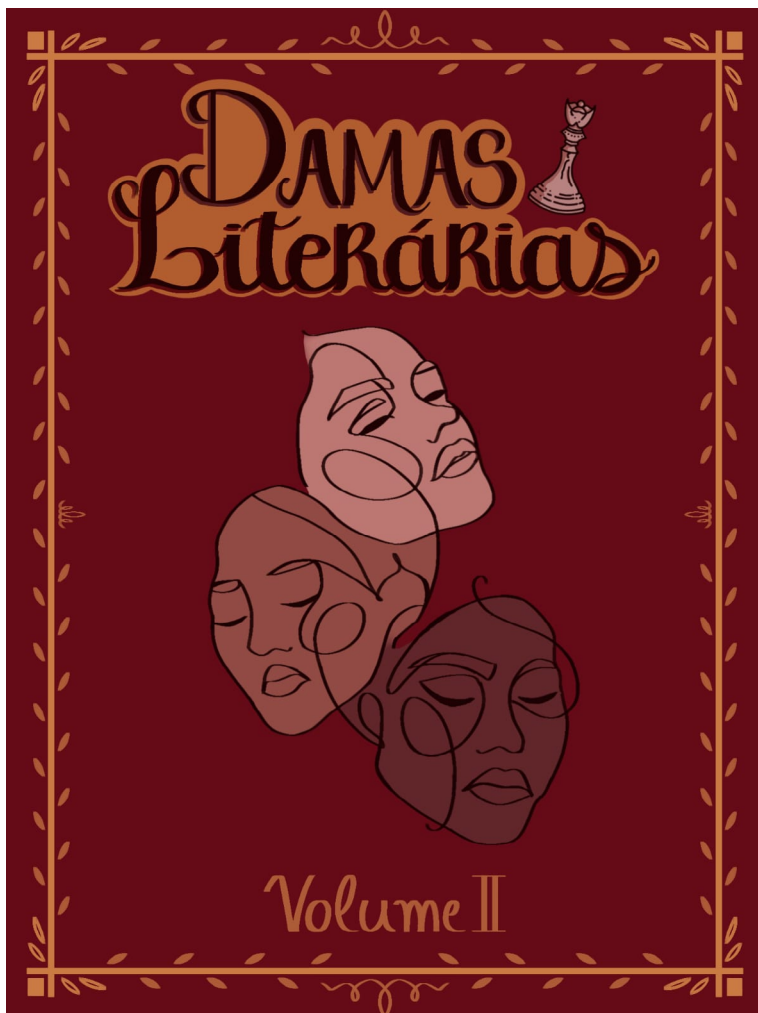


Ilustração: Clara dos Santos Calado e Giovanna Cardoso Cuenga



Prefácio



É pela linguagem que nos definimos enquanto sujeitos e nos inserimos no mundo. É pela possibilidade de narrar que deixamos nossas histórias registradas nas páginas do grande livro da humanidade. E são as vozes que ainda ecoam o nosso veículo de conhecimento, reflexão, transformação e resistência.

Contudo, faz-se importante questionar: que vozes são essas que permanecem e que são legitimadas ao longo da história da literatura brasileira? Quem estabelece os limites para que algumas sejam ouvidas e outras não? Para esta reflexão, é preciso revisitar o processo de construção do cânone – a seleção das obras prescritas para manuais escolares e para o “bom leitor” de literatura.

O projeto *Damas Literárias*, do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus Campo Grande*, ocupa papel importantíssimo nesse questionamento. Ele é conduzido por jovens pesquisadoras que se interessam e se mobilizam diante dos recortes feitos ao longo da história por uma sociedade pautada em valores brancos e masculinos. Meninas que, movidas pelo interesse na pesquisa científica, procuram compreender os fenômenos que obliteram textos de autoria feminina durante todo o processo de formação da literatura nacional e que buscam apresentá-los à comunidade escolar, em primeira instância, e, depois disso,



transformar esse conhecimento em informação que precisa transcender os muros dos locais de produção desta obra.

Neste segundo volume do *Damas Literárias*, nomes como Madame Chrysanthème, Auta de Souza, Geni Guimarães, Ruth Guimarães e Francisca Clotilde mostram que a escrita feminina acontece desde sempre, mas que muitas dessas autoras não receberam qualquer atenção de instâncias valorativas, como a academia. O projeto tem como função contribuir para que as vozes dessas mulheres não caiam no esquecimento e para que suas histórias sejam recuperadas e validadas. Ao lado delas, Clarice Lispector e Rachel de Queiroz contribuem como algumas daquelas poucas escritoras que são destacadas nos manuais que chegam a nossas mãos. Há um destaque, ainda, para Conceição Evaristo que conclama as vozes de suas ancestrais e de todas as mulheres que a precederam na luta por espaço de reconhecimento, tornando-se exemplo contemporâneo da busca pela visibilidade da arte produzida por mulheres.

É preciso questionar a história, quem a escreve e quem está em posição de legitimá-la para que possamos compreender que esses “esquecimentos” fazem parte de um projeto maior que tende à manutenção de um poder que ainda minoritariza sujeitos, impedindo-os de serem reconhecidos em suas multiplicidades de gêneros, crenças e modos de existir. Que o *Damas Literárias* possa provocar no leitor o incômodo necessário!

Prof. Dr. Flávio Amorim da Rocha
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
Campus Campo Grande

Apresentação

*Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras.
Cora Coralina em “Todas as Vidas”.¹*



À maneira da boneca russa matrioska e de suas várias versões concatenadas, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, ou melhor, Cora Coralina, descreve no poema “Todas as Vidas” que, entre umas e outras, dentro dela, há várias. Há a cozinheira, a benzedeira, a roceira, a analfabeta, a poetisa ...a meretriz. De forma poética, Cora usa a escrita para se inscrever e para nos ensinar que somos muitas - incontáveis - dentro e fora de nós mesmas. Contudo obscuras, ela registra, porque o mundo insiste em nos querer opacas desde as queimadas, nas fogueiras e nas fábricas; desde as que não puderam estudar, votar ...amar; desde todas as Vidas que nos precederam e das que, de maneira especial, formam a pesquisa e a inspiração desta obra. Mas, não por acaso, o poema que trata sobre mulheres traz a palavra “Vida” com letra maiúscula. Cintilamos, mesmo à sombra.

¹ CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. Prefácio de J. B. Martins Ramos. Apresentação de Oswaldino Marques, Lena Castello Branco Ferreira Costa e Silvia Alessandri Monteiro de Castro. 16. ed. São Paulo: Global, 199.



Do escuro a luz que nunca se apagou e que de novo brilha em segundo volume. O projeto *Damas Literárias* contou com a aprovação no Programa Meninas e Mulheres em pesquisas científicas - Edital 029/2023 promovido pelo Instituto Federal de Mato Grosso do Sul e com todo anseio de nossas vidas. Do primeiro volume, o projeto manteve como objetivo principal divulgar as grandes contribuições para o mundo das Letras deixadas por mulheres brasileiras que tiveram suas obras e narrativas de vida apagadas pela História.

Esta obra é fruto da continuidade do trabalho de pesquisa e de elaboração realizada por mulheres, (jovens) pesquisadoras e entusiastas da literatura com o intuito de expor e acabar com preconceitos já vividos por mulheres que, durante o exercício da profissão, tiveram seus trabalhos diminuídos por leitores e pela crítica literária, não pela qualidade de seus trabalhos, mas por serem mulheres. A equipe foi inicialmente composta por 3 jovens pesquisadoras, discentes do Ensino Médio Técnico Integrado do IFMS, *campus* Campo Grande: Amanda Messias Silva, Angelina Quevedo Bakargi e Camila Rodrigues Cunha ; pela coordenadora e idealizadora do projeto, professora Andréia Dias de Souza e pelas professoras-pesquisadoras Danyelle Almeida Saraiva e Jaqueline Alonso Braga de Oliveira. Após o lançamento do projeto, outras jovens pesquisadoras se juntaram voluntariamente à equipe, a saber: Bianca Pereira Teodosio Martins, Isabela dos Santos Calado, Isabelli dos Santos Guaripuna, Maria Clara de Freitas Barcelos e Maria Clara Nantes Fernandes.

Para elaboração da presente obra, a dinâmica de estudos e práticas permaneceu a mesma com pesquisa inicial, a fim de selecionar as autoras e textos abordados pelo projeto,



e posterior escrita e produção de ilustrações. Os critérios de seleção foram dois: 1) Escritoras que produziram durante o século XIX e início do século XX; 2) Escritoras com textos que abordavam temáticas relevantes ao empoderamento de mulheres e meninas, e, para esta versão, 3) Obras que não haviam sido selecionadas na primeira edição desse trabalho. Justifica-se o primeiro critério, porque são autoras pouco conhecidas pelo cânone, tendo suas obras pouco mencionadas em currículos escolares. O segundo critério, para trazer-mos à baila autoras modernas, com maior repercussão na academia e que tenham em suas obras discussões relevantes à temática de nossa pesquisa. E o terceiro, em função de nova edição de projeto em desenvolvimento.

Atendendo aos critérios propostos, abordamos as seguintes autoras e suas respectivas obras: Auta de Souza (Poemas “*Angelina*” e “*A morte de Helena*” de “*O Horto*”); Clarice Lispector (“*A hora da estrela*”); Conceição Evaristo (Conto “*Macabéa, Flor de Mulungu*” e “*Olhos d’água*”) e Madame Chrysantheme - Cecília Moncorvo Bandeira de Mello (“*A Infanta Carlota Joaquina*” e “*Enervadas*”); Elza Soares (Música “*A carne*”); Francisca Clotilde (“*A divorciada*”); Geni Guimarães (“*A Cor da Ternura*”); Jarid Araes (“*Corpo Desfeito*” e “*Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*”); Maria Angélica Ribeiro (“*Cancros sociais*”); Narcisa Amália; Ruth Guimarães (“*Água funda*”), Rachel de Queiroz (“*O Quinze*”); Beatriz Francisca de Assis Brandão (“*Cantos da Mocidade*”).

Foram realizadas rodas de leitura e discussão para análise das obras selecionadas, convidando outros estudantes a participarem. Todas as sessões foram mediadas pelas jovens pesquisadoras da equipe, que trabalharam como mediadoras de leitura e foram responsáveis por organizar a

discussão. Ao fim de cada roda de leitura, os participantes foram convidados a escrever algum tipo de texto autoral baseado na autora discutida ou em sua obra. Também contamos com ilustrações originais baseadas em arquivos e documentos das escritoras, utilizando a criatividade artística da equipe de ilustração, misturando diversas formas de arte para o desenvolvimento deste trabalho.

Do gesto de leitura, análise e criação, gestaram esta segunda obra dividida da seguinte forma: Nos capítulos 1, temos o resultado das pesquisas, do investigativo, desse primeiro resgate: a vida e história das escritoras selecionadas contadas pelos discentes por meio de *biografias* das autoras. Ele está dividido em duas sessões que se denominam “AS DAMAS LITERÁRIAS E SUAS HISTÓRIAS: BIOGRAFIAS” e “AS DAMAS PRETAS LITERÁRIAS E SUAS HISTÓRIAS: BIOGRAFIAS”, por entendermos que há, na vida e na trajetória de mulheres pretas, o recorte de gênero e de raça imbricados. Há nessa parte também as ilustrações dessas Damas Literárias. No segundo capítulo, temos as resenhas das obras abordadas e discutidas durante as rodas de análises. E, finalmente, temos as elaborações artísticas e críticas das leituras e reflexões com os contos, poemas, minicontos e artigos de opinião, que compõem os Capítulos 3 e 4 e que endossam as novidades desta edição. Além do Capítulo 3, intitulado *Benditos Frutos* como do primeiro volume, há a novidade de um capítulo de produções autorais que dá luzes a algumas respostas sobre “O que é ser mulher?” Produzido por NOSSAS DAMAS LITERÁRIAS. Este capítulo é fruto da discussão e análise a partir de poemas de Gilka Machado, Marina Colasanti e Conceição Evaristo no Dia Internacional da Mulher de 2024. As duas primeiras autoras, esperamos, serão abordadas no próximo volume de nosso trabalho, Conceição, é nossa Diva inspi-



radora, e sempre estará presente em nossas obras. Sua escrevivência nos inspira.

À semelhança de Cora, chegamos até aqui com mais um volume recheado de Vidas e de luta. E ainda que não seja possível sanar todas as dores e recuperar todas as tentativas de apagamento e cerceamento que, inclusive, tentam até hoje vigorar sobre nossas existências, apresentamos ao mundo mais um movimento de nossa imortal cintilação. Daqui adiante só uma certeza: o brilho que nos trouxe até aqui nos acompanhará sem jamais cessar.

Prof^a Dra. Andréia Dias de Souza
Prof^a Ma. JABO - Jaqueline Alonso Braga de Oliveira
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
Campus Campo Grande

Com a palavra: as idealizadoras do projeto



Nasce a segunda filha de nossa família. Com imensurável orgulho, coordeno a segunda etapa desse projeto e apresentamos o produto de nosso trabalho *Damas Literárias: pelo reconhecimento da escrita feminina apagada pela história - Volume II*.

Agradeço, primeiramente, ao Meu Senhor e Meu Deus, sempre presente em cada etapa de minha vida e a quem agradeço por cada alegria que tenho a chance de saborear. Obrigada por me permitir chegar até aqui, novamente, para o segundo volume deste trabalho. Em segundo lugar, agradeço ao Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), instituição que amo, em que atuo e que, por meio do Edital 029/2023 de sua Pró-reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação, promoveu a Seleção de propostas para a participação de meninas e mulheres em pesquisas científicas, financiou o desenvolvimento deste projeto.

Agora, agradeço às jovens pesquisadoras que tive o prazer de coordenar. Elas são a razão desse projeto persistir e deste segundo volume nascer. Admiro cada uma e orgulho-me de ter feito parte de suas trajetórias. A essas jovens Damas Pesquisadoras; Camila, Angelina, Amanda, Bianca,



Isabela, Isabelli, Maria Clara Barcelos e Maria Clara Nantes; minha mais sincera gratidão e admiração pela garra, dedicação, comprometimento e força que demonstram para tirar da obscuridade a narrativa dessas Damas Literárias.

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida: Rafael e Maria Caroline, meu Príncipe e minha Vidinha. Rafa, você me ensina a cada dia como as palavras não precisam ser ditas, mas sentidas; Carol, contigo aprendo que não tenho controle sobre nada nesse mundo e que essa é a grande graça da vida. Amo, Amo e Amo vocês. (Dra. Andréia Dias de Souza. Coordenadora do projeto Damas Literárias)

“Como uma Dama Literária que esteve presente desde o primeiro ciclo do projeto, ver a continuidade de um trabalho tão lindo como esse, é de fato, um sonho realizado. Crescer aprendendo sobre mulheres fortes com mulheres e meninas fortes, com certeza, me tornou uma também. Os agradecimentos principais vão aos meus pais, que em um ano tão cheio de obstáculos como foi o de 2024, não me deixaram desistir em nenhum momento, me enchendo de apoio e esperança, se tornando minha fonte diária de amor, força e tenacidade, muito obrigada por serem minha base. Os meus sinceros agradecimentos às bolsistas desse segundo ciclo, só posso dizer que eu não poderia escolher melhores meninas para estar levando o projeto comigo nesse momento tão difícil, e me deixa tranquila saber que o nosso Damas Literárias estará em suas mãos no ano seguinte, vocês são incríveis, meninas! Muito obrigada pela companheirismo, eu sou fã de cada uma de vocês. Um Agradecimento especial à professora Andréia Dias, uma mulher tão cheia de garra e uma mãezona muito amada por seus filhos e alunas! Mesmo com sua vida corrida e sua rotina cheia de desafios, provoca em cada uma de nós o sentimento de ser

um pouco mais como ela, de ser um dia tão sábia, guerreira, dedicada e zelosa como nossa orientadora, uma inspiração de mulher para todos ao seu redor! Muito obrigado por acreditar sempre em suas damas literárias! Um Agradecimento cheio de gratidão ao professor Flávio Amorim, um professor muito querido por seus alunos, e que sempre nos motiva das maneiras mais simples possíveis, ocupando o cargo de ‘paizão’ do Damas Literárias e sempre muito carinhoso com a gente. Muito obrigada por sempre torcer por nós! O Agradecimento final vai para mim, de forma que eu sempre me lembre que, como sou a única que pode fazer meus sonhos se tornarem reais, sou a única responsável pelo meu futuro, que eu sou tão capaz que não consigo nem imaginar, que mesmo depois de tudo, continuei-me de pé e corri atrás do que é meu. Que este livro sirva como mais um símbolo que, fases ruins passam e, se não passarem, nós passamos por cima.

Espero que ao lerem esse livro também se sintam inspirados pela coragem e pela robustez dessas grandes autoras, assim como eu me inspirei durante todo o processo de realização da obra, boa leitura!” (Camila)

Eu sou muito grata por estar fazendo parte de um projeto tão necessário como o Damas, um projeto que mantém viva a importância e sabedoria feminina. É um projeto extremamente importante pra mim. Como mulher, fiquei lisonjeadíssima em ter essa imensa oportunidade e como aluna, estou grata pela experiência de poder participar desse momento com tantas pessoas esplendidamente talentosas. Foi lindo participar de uma criação tão importante de perto, ver os processos e o livro se formando. Espero ter muitas outras oportunidades e experiências tão gratificantes como este projeto. (Bianca)



Ser uma mulher, moça, menina preta em ambientes majoritariamente brancos é uma vivência que marca profundamente, uma experiência que não se apaga da memória. Encontrar um projeto que nos faça sentir reconhecidas, valorizadas e ouvidas é igualmente inesquecível. Para mim, o Damas Literárias é isso: uma experiência que permanece viva e vibrante em minha trajetória, uma experiência que me mostrou que existe lugar para meninas como eu.

Sou imensamente grata ao Projeto Damas Literárias e à Prof. Dra. Andréia Dias por me concederem a honra de participar do nascimento de um legado tão poderoso como o Damas Literárias Vol. 2, nossa filha. Este projeto é mais do que uma publicação; é um espaço de afirmação, um terreno fértil onde nossas vozes florescem e encontram ressonância.

Agradeço a todas as mulheres que compõem este projeto, e principalmente a minha mãe, a mulher suprema da minha vida, que me ensinou a verdadeira força da mulher preta. A todas aquelas que me antecederam, que lutaram pela visibilidade da mulher, meu mais sincero agradecimento, sem a garra de vocês, hoje nós não estaríamos aqui. (Isabela)

Gostaria de registrar aqui meus sinceros agradecimentos para a professora Andréia por criar esse projeto maravilhoso que é o Damas literárias, para minha família que deu o apoio necessário em momentos difíceis e para você leitor que separou um precioso tempo para contemplar essa obra de muito valor emocional e cultural. (Isabelli)

Neste projeto, discutimos, conversamos e compartilhamos muito conhecimento. Sou grata a esses momentos, a essa oportunidade, às minhas colegas e orientadores. Nesses momentos, também falamos sobre a Academia Brasileira de Letras, que nos seus anos iniciais, não legitimava

o trabalho de mulheres escritoras e tardou 90 anos após sua fundação para conceder um lugar para uma mulher. Tendo em vista esse histórico machista no âmbito literário, que pode ser até desmotivador para algumas mulheres que escrevem, ter como mãe uma escritora premiada pela Academia (Sul-Mato-Grossense) de Letras, me motiva muito. Então acima de tudo, agradeço a minha escritora e mulher favorita: minha mãe. Agradeço também a mim mesma e a minha pequena brilhante mulher: minha irmã Helena. Por fim, agradeço a todas as mulheres que vieram antes de mim nesse mundo, tornando-o um lugar melhor para nós mulheres e tornando minha caminhada menos árdua. (Angelina)



Capítulo I



As Damas Literárias e suas Histórias: biografias

Isabelli dos Santos Guaripuna

Camila Rodrigues Cunha

Maria Clara Nantes Fernandes

Bianca Pereira Teodosio Martins

Isabela dos Santos Calado

Maria Clara de Freitas Barcelos

As Damas Pretas Literárias e suas Histórias: biografias

Isabela dos Santos Calado

Isabelli dos Santos Guaripuna

Angelina Quevedo Bakargi

Amanda Messias Silva

Melissa Vitória Silva Gauna

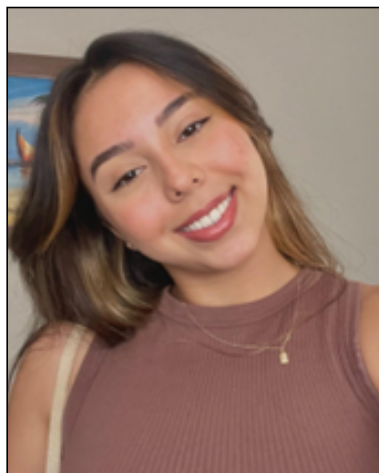


**As Damas Literárias e suas
Histórias: biografias**

Beatriz Francisca de Assis Brandão



Ilustração: Emanuelle Candido Pimenta e Giovanna Cardoso Cuenga



Escrito por
Isabelli dos Santos Guaripuna











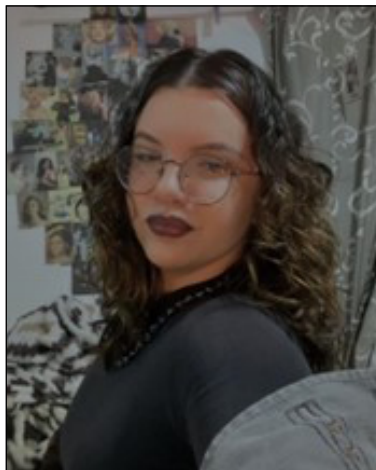
Fonte: Ilustrações de Tauane Francine Fonseca Gomes



Clarice Lispector



Ilustração: Giovana Manuela da Silva Garcia



Escrito por
Camila Rodrigues Cunha



Clarice Lispector nasceu no dia 10 de dezembro de 1920, na aldeia de Tchetchelnik, localizada na Ucrânia, e era filha de Mania e Pinkouss, ambos de origem judaica que fugiram de seu país durante a Guerra Civil Russa. A família se mudou para o Brasil quando Clarice tinha apenas dois meses de vida, por influência de seu pai. Ao chegar aqui, instalaram-se na casa de Zaina, tia materna de Clarice, na cidade de Maceió, e mudaram seus nomes por conta da dificuldade na pronúncia deles em língua portuguesa.

Nascida com o nome Haya Pinkhasovna Lispector, passou a se chamar Clarice Lispector. Ainda na infância,



ela e sua família se mudaram para Recife. Clarice começou a ler e escrever ainda muito nova, iniciando com a escrita de minicontos e peças teatrais, e ingressou no melhor colégio público da cidade, onde fez o curso primário e aprendeu inglês e francês. Aos 12 anos, ela se mudou para o Rio de Janeiro, especificamente no bairro da Tijuca, tendo completado os estudos no Colégio Silvio Leite. Em seguida, Clarice ingressou na Faculdade Nacional de Direito e começou a trabalhar como redatora na Agência Nacional e depois no jornal “A Noite”. Em 1943 casou-se com Maury Gurgel Valente.

Clarice publicou seu primeiro livro em 1944, um romance chamado “Perto do coração selvagem”, obra tão aclamada pela crítica que ganhou o prêmio Graça Aranha. No mesmo ano, ela e seu marido viajaram para o exterior, e com a Europa em Guerra, a escritora ingressou como voluntária de enfermagem no hospital da Força Expedicionária Brasileira. Mudou-se para a Suíça e, em 1946, publicou seu livro “O lustre”, e dois anos depois publicou “A cidade sitiada”.

Pouco tempo depois nasceu seu primeiro filho, Pedro Gurgel, e cinco anos depois a jornalista tem seu segundo filho, Paulo Gurgel, nascido em Washington - ambos vivem até os dias atuais. No ano de 1959, seu casamento chega ao fim, voltando assim a morar no Brasil. Em 1961 recebeu o prêmio Jabuti e, no ano seguinte, o prêmio Carmen Dolores Barbosa pela obra “Laços de Família”.

Em 1966 aconteceu um incêndio intenso em sua casa, que começou por causa de um cigarro aceso, fazendo com que Clarice ficasse internada por dois meses para tratar as queimaduras em seu corpo. No ano seguinte, a escritora enfrentou uma forte depressão, e teve a oportunidade de trabalhar no Jornal do Brasil escrevendo crônicas, tornan-



do-se muito popular. Depois de anos, em 1976, viajou para a Argentina e recebeu diversas homenagens e muitos prêmios por suas obras impressionantes e sentimentalistas, sendo um deles o prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal.

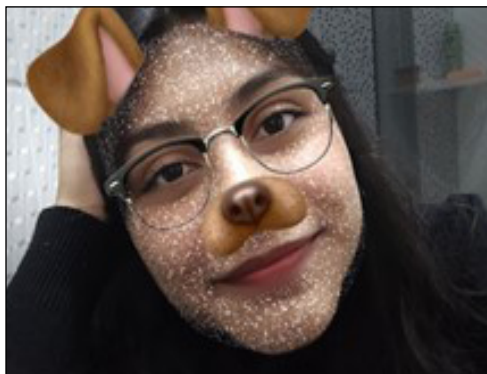
A escritora morreu na cidade do Rio de Janeiro, em 9 de dezembro de 1977, devido a um câncer no ovário, Nesse mesmo ano, antes de sua morte, é publicada a sua obra mais famosa, “A hora da estrela”.



*Mme Chrysanthème
Cecília Moncorvo Bandeira
de Mello Vasconcellos*



Ilustração: Giovanna Cardoso Cuenga



Escrito por
Maria Clara Nantes Fernandes



Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Vasconcellos nasceu no Rio de Janeiro, em 8 de fevereiro de 1869, e faleceu no dia 22 de agosto de 1948.

Ela se casou aos 19 anos, teve apenas um filho e ficou viúva no ano de 1907, aos 38 anos. No ano da morte de seu marido, Cecília começou a escrever, inspirada por sua mãe, que também era escritora. Foi assim que ela se tornou escritora, jornalista e cronista de prestígio no período da Belle Époque.

A escritora usava o pseudônimo Madame Chrysanthème ou apenas Chrysanthème, pois nas primeiras quatro



décadas do século XX uma voz feminista brasileira não deveria revelar sua verdadeira identidade. Usando sua afiada ironia, o pseudônimo tem origem no romance de Pierre Loti, denominado *Madame Chrysanthème*, publicado em 1887. A obra traz a história da *Madame Chrysanthème*, uma mulher submissa ao seu marido.

Ao longo de sua vida, a escritora publicou mais de quinze livros e colaborou regularmente com jornais importantes como *A Imprensa*, o *Diário de Notícias*, o *Correio Paulistano* e sobretudo *O Paiz*, onde manteve, entre os anos de 1921 e 1934, uma coluna semanal na primeira página.

As personagens produzidas pela escritora não agem segundo as convenções da época, mas andavam pelas ruas com roupas curtas e decotadas; usam o sexo como elemento de poder e consumiam drogas.

A partir da leitura de algumas produções da autora, fica visível a estratégia da sedução pelo apelo ao erótico, ao moderno e ao violento. Ela celebra o feminino, mostra-o e desnuda-o por meio de representações vigorosas, que compõem o leque de possibilidades de entendimento das mulheres à beira do moderno, mas ainda vagando à margem de uma consciência de seu papel enquanto mulheres.

Francisca Ottilde

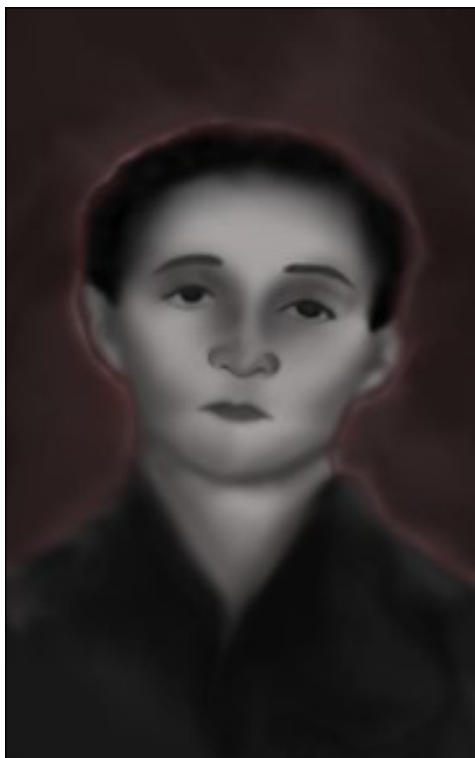
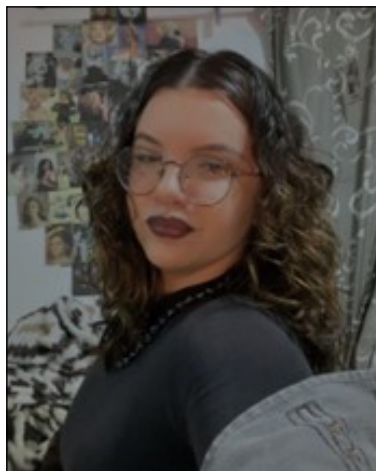


Ilustração: Emanuelle Candido Pimenta



Escrito por
Camila Rodrigues Cunha



Francisca Clotilde Barbosa de Lima nasceu em 19 de outubro de 1862 na cidade de Tauá no estado do Ceará. Clotilde foi escritora, professora, jornalista e dramaturga, sendo uma das mulheres cearenses que mais teve publicações no século XIX. Sempre muito a frente do seu tempo, era uma grande defensora do movimento abolicionista e dos direitos iguais entre homens e mulheres.

Sua obra mais conhecida foi “A Divorciada”, livro que traz muito sobre desigualdade entre gêneros na sociedade e sobre a importância da educação e da literatura.



Francisca é filha de João Correia de Lima e Ana Maria Castello Branco, nascida em Tauá, interior do Ceará. Após alguns anos, ela e sua família precisaram se mudar para Baturité por conta das complicações que a grande seca provocou. A primeira publicação da escritora foi para o jornal “Horas do Delírio”, quando ainda tinha apenas 14 anos de idade.

Em 1880, ela conclui seus estudos no Colégio Imaculada Conceição. Logo depois, teve seu casamento arranjado por seu pai com Francisco de Assis Barbosa, levando-os a casar no dia 1 de novembro do mesmo ano; mas assim que seu pai vem a falecer, Francisca Clotilde foge, deixando seu infeliz casamento e família para trás.

Essa ação foi o começo para sua carreira de escritora começar a tomar uma forma mais concreta, já que foi nessa época que tomou a atitude de fazer um exame de suficiência para atuar como professora de Letras na primeira Escola Normal de Fortaleza. Continuou escrevendo para muitos jornais e órgãos de agremiações literárias de sua época, sendo a única mulher sócia efetiva do Clube Literário. Organizou o órgão “A Quinzena”, que circulou durante os anos de 1887 e 1888. Nele, Francisca Clotilde e seus colegas, produziram obras sobre modernidade e progresso, com pautas naturalistas e realistas.

Clotilde, como outras muitas escritoras da época, tinha seus trabalhos sabotados e rejeitados, após suas publicações com temas abolicionistas e criticando o papel da mulher na sociedade, foi demitida da Escola Normal e afastada do meio intelectual.

Em 1902, Francisca publica seu primeiro romance e sua obra mais conhecida, “A Divorciada”. Por conta do tí-



tulo e de sua narrativa, o livro foi o mais lembrado da autora, sendo visto como desabafo dela para com a sociedade. Francisca Clotilde é um símbolo de lutas por direitos de gênero, ao amor e à educação de qualidade. Em 1908, depois de se mudar para Aracati, a escritora criou um novo Externato Santa Clotilde, dessa vez teve mais reconhecimento e mais alunos matriculados. Sua importância para a literatura feminina é de extrema relevância, uma vez que escreveu dezenas de poemas denunciando problemáticas sociais, obras sobre o ser feminino e sobre como mulheres deveriam ter os mesmos espaços que os homens na sociedade.



Maria Angélica Ribeiro



Ilustração: Tauane Francine Fonseca Gomes



Escrito por
Bianca Pereira Teodosio Martins



Maria Angélica de Sousa Rego, mais conhecida como Maria Angélica Ribeiro, nascida em 5 de dezembro de 1829 na cidade de Paraty, morreu aos 50 anos no Rio de Janeiro, em 9 de abril de 1880. Ela era filha dos nobres Maria Leopoldina de Sousa Rego e Marcelino de Sousa Rego. Seu pai morreu em serviço, deixando-a órfã antes dos 5 anos de idade. Seu tutor, Brigadeiro Bracet, antigo companheiro de armas de seu pai, impressionado com a inteligência incomum da menina, encarregou-se de dar-lhe uma educação mais aprimorada do que davam na época.



Aos 14 anos casou-se com seu professor de desenho, João Caetano Ribeiro, que mais tarde alcançaria renome como cenógrafo. Iniciou sua atividade literária ainda na adolescência, e pouco depois chegou a colaborar com entrevistas, com o pseudônimo de Nenia Silva. Contudo, só após os 25 anos começou a investir em sua carreira literária. Em 1855 escreveu a primeira de suas vinte peças que compõem sua obra dramática. Em sua maior parte ainda hoje inéditas, suas obras estão, ao que parece, perdidas. Vale destacar que os textos originais foram destruídos pelo incêndio ocorrido no Liceu de Artes e Ofício do Rio de Janeiro.

Sua estreia em público foi com a encenação do Drama *Gabriela*, em 1863, no Ginásio Dramático, um dos mais famosos teatros do Rio de Janeiro. Na época, ela já havia produzido cerca de 15 peças. Bem acolhida pelo público e pelas críticas, dois anos depois teria outro drama seu, *Cancros Sociais*, encenado no mesmo teatro, ocasião em que foi aplaudida calorosamente pelo público e pela imprensa local, com comentários destacados assinados por Machado de Assis. Essa peça alcançou 8 récitas seguidas após a estreia, além dos meses seguintes, tornando seu nome conhecido e, sobretudo, prestigiado no ambiente teatral da época, como até então nenhum outro nome feminino havia sido.

Após esse sucesso, prosseguiu escrevendo, publicando e tendo suas peças encenadas. Além dos dramas *Cancros Sociais* (1866) e *Gabriela* (1868), publicou as comédias *Um dia na opulência* e *Ressurreição do Primo Basílio*, respectivamente em 1877 e 1878. Já em 1879 seu drama *Opinião Pública* foi levado ao teatro São Luís.

Sua contribuição à história da dramaturgia brasileira, em particular à de autoria feminina, impõe-se como notável, especialmente por ter forçado a abertura de um espaço público para as mulheres. Maria Angélica Ribeiro de Sousa Rego foi a primeira mulher brasileira a ter uma peça encenada no teatro brasileiro.



Narcisa Amália



Ilustração: Giovana Manuela da Silva Garcia



Escrito por
Isabela dos Santos Calado



Narcisa Amália de Campos nasceu no dia 3 de abril de 1856 em São João da Barra no Rio de Janeiro. Seu pai, Jácome de Campos, era poeta e sua mãe, Narcisa Inácia de Campos, era professora. Seus pais a educaram em casa e aos 13 anos, já na cidade de Resende, Narcisa ajudou sua mãe a ministrar o colégio para meninas que ela tinha fundado.

No ano seguinte, ela se casa com João Batista da Silveira e durante esse curto casamento, pois João morre logo em seguida na cidade de Juiz de Fora, ela começou a traduzir pequenos textos para periódicos, já que aprendeu francês



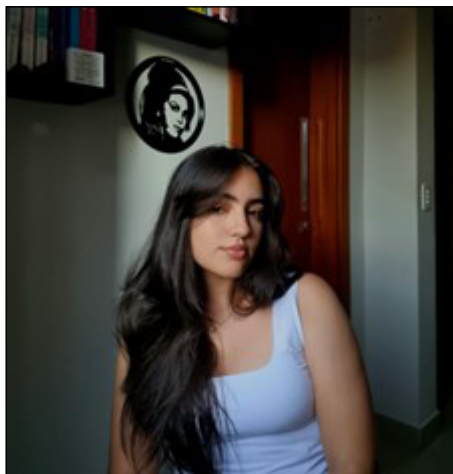
e latim com seus pais, e em 1872 ela publica seu primeiro livro de poemas “Nebulosas”. Ela se casa novamente com o padeiro Francisco Cleto de Rocha, mas ele tinha ciúmes das relações dela com outros artistas e eles se separam em 1887. Após essa separação ela se muda para a então capital do Império, Rio de Janeiro, onde fundou um periódico chamado “Gazetinha” que tinha como público alvo as mulheres. Escreveu, inclusive, sobre a situação das mulheres e contribuiu com o periódico feminista de Francisca Senhorinha da Motta Diniz.

Narcisa faleceu em 24 de junho de 1924, aos 72 anos, vítima de diabetes, e apesar de ela não ser reconhecida pelo cânone que não avalia somente a qualidade da literatura, mas também o gênero e a cor dela, Narcisa deixou na terra um legado importante. E é por esse apagamento que temos o dever de lembrar Narcisa. Finalizo este memorial com um conselho de Narcisa: “Eu diria à mulher inteligente [...] molha a pena no sangue do teu coração e insufla nas tuas criações a alma enamorada que te anima. Assim deixarás como vestígio ressonância em todos os sentidos”.

Rachel de Queiroz



Ilustração: Tarsis Junio Alencar Guedes



Escrito por
Maria Clara de Freitas Barcelos



Chegara a tão esperada hora de cantar parabéns: convidados, aniversariante e o bolo, que não podia faltar, à mesa. As velinhas se acendiam uma por uma, até os noventa e dois pontinhos de luz se estabilizarem acesos. A cantoria ali presente era tão intensa quanto contagiante, palmas e vozes em quase uníssono compunham a atmosfera geral de forma alegre e animada.

Mais um 17 de novembro se concretizava, dessa vez em 2002, mas constante desde 1910. Dessa vez no Rio de Janeiro, mas desde seu tempo em Fortaleza, Rachel precisava fazer um pedido, antes que as velas se apagassem



sozinhas. Em sua mente as mais fortes memórias eram de sua filha Clotilde, que carregava o nome da vovó, de olhos grandes como os da mamãe, de sorriso com poucos dentinhos ainda de leite, nem um metro de altura.

Por que Deus? Por que tão jovem? Pelo menos já era batizada. Só dezoito meses. O aperto no coração era ininterrupto desde a perda de sua única filha. Sentia o abraço eterno de um arame farpado, como se o que sobrasse de si mesma fossem restos, do que antes já foi mulher.

Também recordava o sofrimento familiar dos seus dias de menina no Nordeste, toda a tentativa de fuga daquilo que havia deixado de ser um problema socioambiental e se tornado uma entidade independente, com consciência própria, a Seca de 1915. Lembrou-se de seus tempos no Colégio Imaculada Conceição, como estudante e depois dos 15, professora. Lembrou-se da primeira carta que escreveu ao jornal local, seu início na carreira de jornalista. E vaidosamente, lembrou-se do seu primeiro livro, “O Quinze”.

Quem imaginaria que a Rachel de Queiroz, de apenas 20 anos, se projetaria na vida literária em nível nacional e seria tão bem recebida? Nem ela própria. Seu primeiro romance, já de extrema importância para o movimento modernista, rendeu elogios de autoridades e nada menos que um prêmio “Graça Aranha de Literatura” na categoria melhor romance.

Rachel pensava em como foi feliz ao escrever uma história de amor em um cenário alarmante, reclamando as queixas nordestinas para todo o Brasil. Como foi feliz nos encontros com toda a gente importante. Como foi feliz na sua iniciação política. Ela sabia que tinha muito mais já destinado para si, era uma mulher determinada, que fazia acontecer.



Trazia consigo um imenso orgulho de estar presente nos caminhos da política brasileira, defendia com força suas pautas e nunca se deixava ficar para trás, sempre avançando em sua carreira de jornalista, mas nunca desistindo da Literatura. Mudou-se para o Rio de Janeiro e acompanhou tudo de perto, exercendo seu ofício e habilidade, que eram seus, unicamente seus.

Rachel era certa em seu trabalho, tanto que se pluralizou. Não limitava suas virtudes, foi romancista, cronista, jornalista, escreveu teatro e traduziu mais de quarenta obras para o português. Não satisfeita, foi membro do Conselho Estadual de Cultura do Ceará e do Conselho Federal de Cultura desde a sua fundação até sua extinção. Mais além, esteve na 21ª Sessão da Assembleia Geral da ONU, em 1966, onde serviu como delegada do Brasil, agindo especificamente na Comissão dos Direitos do Homem.

Rememorava as amizades que cresceram com suas artimanhas políticas. Saudades do querido Humberto¹, da época em que conspiravam juntos, em triunfo pela pátria. E rememorava com honra, não se arrependia de nada, eternamente perseverante com seus valores e objetivos.

Revivendo todos esses momentos, Rachel não podia se esquecer daquele dia, daquele inimaginável 4 de agosto em 1977. 23 votos contra 15. Lembrou-se da feição exata de Francisco², ao perceber que havia perdido. Riu internamente. Ela foi a primeira. A primeira mulher a entrar para a tão aclamada Academia Brasileira de Letras. Aquilo que parecia inatingível, para Rachel de Queiroz não foi o mínimo problema.

¹Humberto de Alencar Castelo Branco (1897 - 1967).

²Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda (1892 - 1979).

Seus olhos marejaram. De lágrimas que carregavam o peso de toda sua jornada de vida. Então Rachel soprou as velas à sua frente, com o sopro de vida mais ardente já soprado por alguém no mundo. E não, não ousou pedir mais nada. Agradeceu. Agradeceu a si mesma, com ternura imensurável. Agradeceu por ter a honra de ser a grandiosa Rachel de Queiroz por noventa e dois anos. Agradeceu por nunca, em momento algum, pensar que algo é impossível, porque para ela, o impossível era só mais uma de suas qualidades.

Rachel de Queiroz faleceu em 4 de novembro de 2003, no Rio de Janeiro. Treze dias antes de completar 93 anos.





**As Damas Pretas Literárias e suas
Histórias: biografias**

Auta de Souza

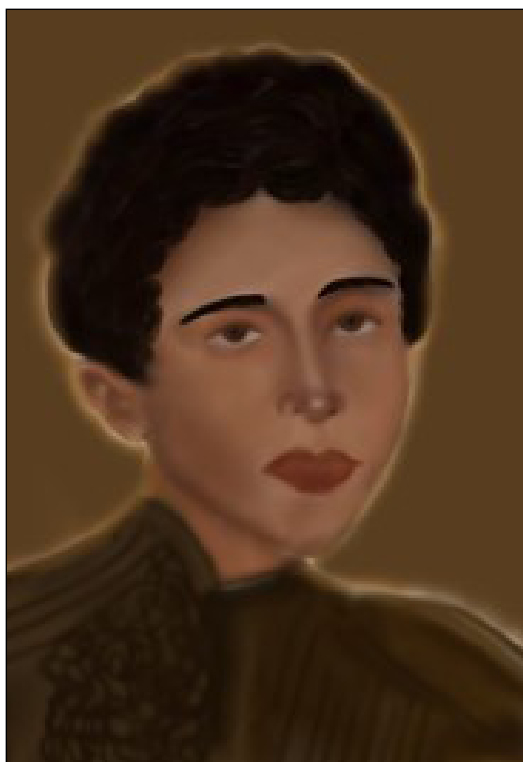


Ilustração: Emanuelle Candido Pimenta



Escrito por
Isabela dos Santos Calado



A história começa no dia 12 de setembro de 1873. Ali em Macaíba, no Rio Grande do Norte, nasce a mulher preta que, mais velha, seria considerada uma das maiores poetisas do Brasil, melancólica e consumida pela mesma doença que levou seus pais. Mesmo vivendo com o peso de ser órfã e a única filha em uma família com quatro filhos, Auta estudou no colégio de freiras São Vicente de Paulo e lá aprendeu literatura, inglês, francês, desenho, matemática, e se ligou fortemente com Deus.

Sua permanência no colégio durou pouco tempo, pois ela contraiu tuberculose e teve que se afastar. Apesar disso,



a jovem continuou estudando e escrevendo, produzindo poemas tristes como a vida dela era, tendo tristeza, morte e Deus como temáticas recorrentes. Auta fez sua estreia como escritora aos 21 anos de idade na revista Oásis, em Natal. Dois anos depois, começou a escrever para o jornal A República, o mais lido do país na época.

Auta teve a sorte que muitas escritoras não tiveram: ter sido reconhecida em vida. Isso não ocorreu ao acaso, uma vez que ela tinha irmãos políticos e era bisneta de um dono de terras. Mesmo com a fama de grande poeta, Auta era uma mulher triste. Tal constatação é evidente quando se nota que ela nunca escreveu nada que despertasse a sensação de alegria, parece nunca ter tido motivos felizes que a impulsionassem a escrever.

Vivia em constante tristeza depois da morte de seu irmão, que não veio a óbito em decorrência de tuberculose, mas morreu na presença de Auta, pelo fogo de um candeeiro. Com a morte de Irineu, a lembrança dessa ocasião viveu com ela até o fim de seus dias. Auta foi morrendo aos poucos e se despediu do mundo no dia 7 de setembro de 1901, e então “longe da mágoa, enfim no céu repousa quem sofreu muito e quem amou demais”.¹

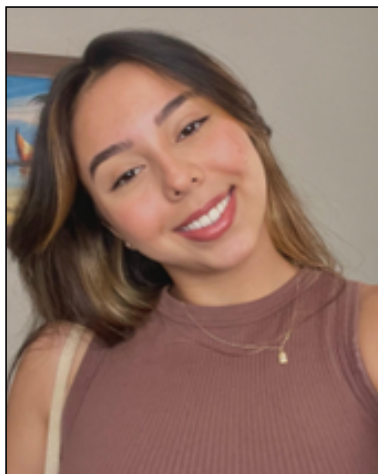
¹ Trecho do poema Ao pé do Túmulo, de Auta de Souza, que virou epitáfio em sua lápide.



Conceição Evaristo



Ilustração: Angelina Quevedo Bakargi



Escrito por
Isabelli dos Santos Guaripuna



A história da nossa excelentíssima escritora começa em Belo Horizonte no Estado de Minas Gerais em 29 de novembro de 1946, filha de Dona Joana, nasce Maria da Conceição Evaristo de Brito. Aos sete anos foi viver com sua tia, Maria Filomena da Silva, ambas moravam em uma favela a qual localizava-se ao lado de um bairro de classe média, dessa forma desde pequena Evaristo sentiu a desigualdade na pele e em todos os lugares, segundo a mesma até “a escola era uma experiência de racismo”.

Ainda na adolescência desenvolveu uma ocupação: ensinar tanto seus irmãos com os deveres de casa quanto os



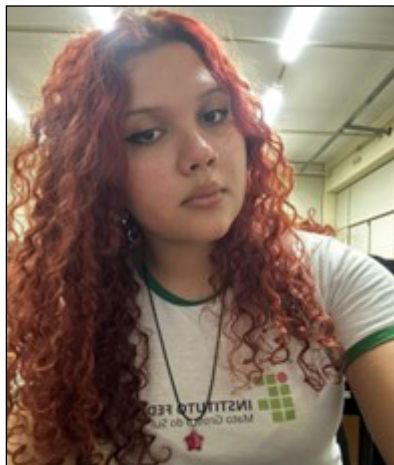
vizinhos, que às vezes pagavam uma certa quantia por suas aulas. Ela imaginava o futuro como professora e realmente exerceu tal cargo, mas inicialmente foi babá e empregada doméstica e posteriormente tornou-se mestre e doutora em Letras. Em palavras de Conceição, sua paixão pela literatura veio através da literatura oral - histórias de vida de seus parentes - e conseqüentemente ao ir para o Rio de Janeiro em 1973, desenvolveu tal paixão de maneira que atualmente é escritora contemporânea, romancista, poetisa, ganhadora do prêmio Camélia da Liberdade (2007), Prêmio Ori (2007) e prêmio Jabuti pela sua obra e personalidade (2015). Publicou ao todo sete livros, sendo *Becos da memória* o primeiro a ser escrito e publicado somente vinte anos depois e *Ponciá Vicêncio* o primeiro, publicado em 1990.

Tamanho reconhecimento deve-se também à sua constante e farta luta, tendo em vista que foi a primeira mulher negra a tentar ingressar na Academia Brasileira de Letras em 2018, apesar do apoio popular, a cadeira número 7 tem como patrono Castro Alves (1847-1871). Depreendendo-se, Conceição afirma: “Se ao menos o medo me fizesse recuar, pelo contrário, avanço mais e mais na mesma proporção desse medo. É como se o medo fosse uma coragem ao contrário”.

Elza Soares



Ilustração: Maria Isabel Moura Teixeira



Escrito por
Angelina Quevedo Bakargi



Biografia Elza Soares

“Feita a vontade de Elza Soares, ela cantou até o fim.”

Elza Gomes da Conceição foi uma das maiores vozes da música brasileira; forte e potente, poderosa e única. Assim podemos descrever não só a sua voz, mas a própria cantora. Elza teve uma trajetória e vida difíceis, mas ficará eternizada para a música brasileira para sempre, por sua relevância. Escreveu e interpretou canções que abordavam temas importantes e questões sociais, como racismo, sexismo e desigualdade.



A “mulher do fim do mundo” viveu 91 anos e teve uma carreira ativa, com shows planejados e discos de músicas novas, até o final da vida. Nasceu em uma família e região muito humildes e até noticiarem seu falecimento, a data de nascimento era incerta. Tanto o dia (23 de junho ou 22 de julho) quanto o ano (1930 ou 1937), mas que foi esclarecida e determinada 23 de junho de 1930, no Rio de Janeiro.

Engravidou e casou aos 13 anos (algumas fontes informam que foi aos 12 anos), com seu primeiro marido, Lourdes Antônio Soares, de quem Elza adotou o sobrenome e com quem teve dois filhos. Seu segundo filho veio a óbito por fome, causando grande trauma à cantora. Sofria violências físicas e sexuais e ficou viúva aos 21 anos.

Teve sete filhos, mas perdeu três. Além disso, sua filha recém-nascida havia sido sequestrada um ano antes. O casal que Elza confiava para cuidá-la enquanto trabalhava, sumiu com a criança, que a cantora procurou por trinta anos e só reencontrou já adulta. A filha não sabia de nada.

Depois da morte do marido, Elza Soares trabalhou como faxineira para sustentar os filhos e passou por outros empregos, mal remunerada em suas funções, ela e seus filhos passavam fome. Sempre amou música, desde criança. Precisando de dinheiro para cuidar de seus filhos, Elza se inscreveu no programa Calouros em Desfile, de Ary Barroso, na Rádio Tupi.

Com roupas emprestadas da mãe e de um tamanho maior, largas em seu corpo magro pela pobreza, Elza recebeu uma pergunta irônica do famoso apresentador e compositor de Aquarela do Brasil: “De que planeta você veio, minha filha?”, então ela respondeu ‘Do planeta fome’ ”.

Essa fala se tornou o título do último disco da carreira de Elza, Planeta Fome (2019).



Mesmo fazendo sucesso na rádio, Elza Soares também ganhou notoriedade por se relacionar com Mané Garrincha, um dos maiores jogadores da história do futebol brasileiro, quando ele ainda era casado, em 1962. O jogador largou a esposa e assumiu Elza após a Copa do Mundo, mas o relacionamento foi marcado pela violência doméstica e pelo alcoolismo de Garrincha. Agredida pelo jogador e enfrentando uma derrocada financeira, ela preferiu não denunciar o caso à polícia, mas retoma a esse acontecimento na música Maria da Vila Matilde, que aborda o feminicídio, com o verso “Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim”.

Ele morreu um ano após a cantora pedir o divórcio, em 1983. Elza fez um música sobre o jogador e seu relacionamento. Um filho do casal, conhecido como “Garrinchiinha”, faleceu em um acidente de carro três anos depois.

Ao longo de sua carreira, Elza lançou dezenas de álbuns e recebeu inúmeros prêmios, incluindo Grammys Latinos. Sua música mais famosa, “A Mulher do Fim do Mundo”, lançada em 2015, foi aclamada internacionalmente, marcando uma nova fase em sua carreira, onde se reinventou mais uma vez.

Elza Soares faleceu em 20 de janeiro de 2022, aos 91 anos, deixando um legado imensurável para a música brasileira e para a luta pelos direitos humanos. Ela é lembrada como uma artista que, apesar de todas as adversidades, transformou sua dor e sua luta em arte e inspiração para muitas gerações.

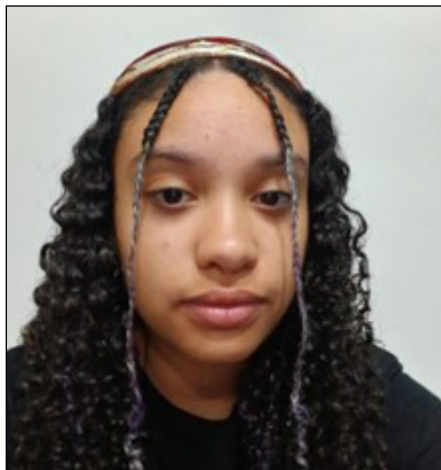
Ela comentou sobre a sua constante reinvenção durante toda a carreira: “My name is now. E deixa o futuro vir. Como deveria ser. O passado já foi”.



Geni Guimarães



Ilustração: Giovanna Cardoso Cuenga



Escrito por
Amanda Messias Silva



Afirmada negra, Geni Mariano Guimarães é professora, poeta e ficcionista. Nasceu na área rural de São Manoel (São Paulo) em setembro de 1947, entretanto, aos cinco anos se mudou com os pais para outra fazenda localizada também no estado de São Paulo, no município de Barra Bonita. Nessa cidade Geni começou a frequentar a escola, além disso para complementar a renda de sua casa, a menina vendia maços de agrião colhidos por seu pai e dava aulas de português às colegas abastadas.

Seus trabalhos primordiais foram publicados no Debate Regional e no Jornal da Barra. Em 1979, Geni trouxe a público seu primeiro livro de poemas intitulado “Terceiro



filho”. Durante sua trajetória, dedicou-se a questões sociais referentes à afrodescendência e ao debate em torno da literatura negra. Em 1981 escreveu seu segundo livro de poesias, que apresentava fortes marcas de protesto e afirmação de identidade. No mesmo ano, registrou dois contos na quarta edição de *Cadernos Negros*, série que se tornou um dos principais veículos de divulgação da escrita afro-brasileira ao publicar poemas e contos de autores negros.

Com o tempo, Geni conquistou espaço no círculo literário brasileiro. Em 1988, marcou presença na IV Bienal Nestlé de Literatura, evento dedicado ao Centenário da Abolição. A Fundação Nestlé foi responsável também por publicar o volume de contos “Leite do peito”, de Geni Guimarães.

No ano seguinte a autora expôs sua obra ganhadora dos prêmios Jabuti e Adolfo Aizen, a novela “A cor da ternura”. É evidente que os livros mais prestigiados de Geni apresentam caráter autobiográfico, reforçando a necessidade da autora pela escrevivência que, em suas próprias palavras, justifica: “Escrevi porque eu tinha que registrar a vivência de uma família negra, porque este livro é autobiográfico, eu precisava falar dos meus traumas, das minhas dores e das minhas alegrias, eu tinha que colocar isso pra fora”.

Após perder seu marido em 2003, Geni adentra em um longo período de depressão. Sendo este o único momento em que se afastou do papel, foi uma pausa em que se esqueceu de tudo, sem vontade nem de sair da cama. Contudo, para alívio, momentos depois ao encontrar seu nome na capa de um livro se sentiu impulsionada a retomar a escrita publicando, em 2019, “O Pênalti”.

Em 2020, Geni foi a homenageada do ano na Balada Literária, evento dedicado à música, à literatura e às artes.

Ela, detentora de inúmeras publicações, entre obras individuais, traduções e antologias, nunca deixou de utilizar a escrita como uma forma de expressar seus pensamentos aos outros, utilizando-a como uma forma de impedir que a voz dos afrodescendentes seja silenciada.

Acerca do que transmite ao futuro, Geni diz: “Já não morro mais, eu e Conceição não morremos mais, nós escrevemos como setas indicando caminhos para nosso futuro de luta, de quebras de racismo, de preconceitos, e da nossa afirmação enquanto gente negra dentro de uma sociedade que faz muita força para nos derrubar. Mas nós não caímos e não vamos cair, porque nós estamos plantando. E minha mãe dizia: quem planta, colhe.”

Portanto Geni se faz necessária como espelho e fortaleza, que através de suas obras nos embrenha na leitura de palavras de alerta contra preconceito, injustiça, violência e racismo. Mulher que emana coragem ao lutar em prol da liberdade e da vontade de expressar suas características definitivas: a diversidade e a ancestralidade. Senhora que aos 77 anos não deixa de esparramar sua escrita como presente aos olhos e ao coração. Esta é Geni Guimarães.

Jarid Arraes



Ilustração: Giovana Manuela da Silva Garcia



Escrito por
Melissa Vitória Silva Gauna



Jarid Arraes é uma brasileira nascida em Juazeiro do Norte em 12 de fevereiro de 1991. A escritora fez sucesso com cordéis e poesias, como *As Lendas de Dandara*, *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis*, *Um Buraco com meu nome* e *Redemoinho em dia quente*. Atualmente a escritora mora em São Paulo, e já tem mais de 70 cordéis lançados, como o *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis*. Na cidade ela teve o espaço para criar o *Clube da Escrita para Mulheres*.

Ela sempre teve contato com cordéis na infância graças a seu avô, Abraão Batista, um poeta, xilógrafo, escultor, ceramista, professor e gravador. Com o tempo escrevendo,



em 1960 se estabeleceu na cena tendo mais de 200 títulos. Ele também é um dos fundadores da Academia Brasileira de Literatura de Cordel no RJ. Ele foi muito importante para a literatura brasileira.

Hamurabi Batista, pai de Abraão Batista, bisavô de Jarid também foi muito importante. Hamurabi produziu mais de 250 folhetos, além de ser cordelista, poeta popular, xilógrafo e escultor. Sua escrita é voltada para a luta e história política, questões raciais e personalidade histórica.

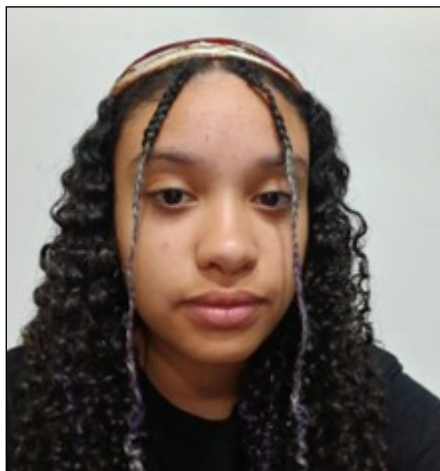
Jarid, já estava acostumada a ter esse ponto crítico desde pequena, pois sempre participou de manifestações de cultura tradicional nordestina. Como a escritora sempre teve ponto crítico, já é de se esperar que ela leia grandes poetas críticos e adorados pela literatura brasileira, como Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Paulo Leminski e Manuel Bandeira. Como ela sabia que na literatura brasileira havia uma escassez extrema em relação à participação das mulheres, começou a estudar e pesquisar a fundo, até ser a influência que é hoje em dia.

Sua vida após os 20 anos foi marcada por conquistas. Após sua primeira postagem em 2011, quando estava com 20 anos, ela começou a colaborar em blogs como o Blogueiras Feministas e o Blogueiras Negras. Ela não foi somente uma escritora que se empenhava, mas também já foi jornalista uma parte do tempo. Em 12 de outubro de 2017, Jarid foi homenageada pela atriz e cantora Thalma de Freitas.

Ruth Guimarães



Ilustração: Giovanna Cardoso Cuenga



Escrito por
Amanda Messias Silva



Era uma vez, uma menina chamada Ruth Botelho Guimarães, nascida em Cachoeira Paulista, no dia 13 de junho de 1920. Ela era negra e amava escrever de tudo, tanto que com dez anos já publicava seus versinhos no jornal.

Ruth se mudou para a capital aos dezoito anos de idade. A cidade grande era linda e notável, mas não chamava mais atenção do que os cursos nos quais ela pretendia ingressar: Filosofia, Letras Clássicas, Folclore e Estética.

A menina cresceu e se tornou uma mulher. Aos 26 anos publicou um notável romance que é como a vida e se



chama “Água funda”. Muita gente gostou e Ruth ficou importante, seu livro foi aplaudido por muita gente grande.

A garota teve na vida um mestre, cara legal que gostava de folclore, seu nome era Mário de Andrade. Ele ensinou pra ela muito sobre cultura e folclore brasileiro, até que a menina pegou gosto pela coisa e se tornou autora de várias obras que valorizam essa vertente.

A moça Ruth era muito inteligente, foi poetisa, romancista, contista, cronista, jornalista, teatróloga, tradutora, pesquisadora e professora. Só faltou saber dar cambalhota pra trás, porque sua lista de funções usava até o verso da folha. Isso que eu nem mencionei que até dicionário de Mitologia Grega ela escreveu!

A mulher virou senhora, e aos 61 anos falou do seu livro “Água funda”, que ele era como nossa literatura, toda feita de pedaços; como nossa formação mista; como um povo mestiço, cheio de misturas de todo jeito.

Com 62 anos de idade, Ruth tomou posse na Academia Brasileira de Letras. No mesmo ano se tornou uma imortal, não daqueles que não morrem, mas daqueles que ocupam uma cadeira da ABL até morrer. Ela que já era grande, importante e muito inteligente conseguiu isso com impressionantes 30 votos dos 34 válidos.

Já com 89, Ruth assumiu a pasta da Cultura em Cachoeira Paulista, tendo integrado antes o Centro de Pesquisas Folclóricas Mário de Andrade e a Sociedade Paulista de Escritores.

Porém como nem tudo são flores, no dia 21 de maio de 2014 Ruth Guimarães nos deixou, virando uma estrelinha e deixando uma história de 93 anos, de uma brasileira da roça que saiu procurando o rastro do negro na nossa literatura de povo e na nossa alegria de contar histórias.





Capítulo II



Resenhas das Obras

Angelina Quevedo Bakargi

Amanda Messias Silva

Isabela dos Santos Calado

Andréia Dias de Souza

Maria Clara de Freitas Barcelos

Maria Clara Nantes Fernandes

Camila Rodrigues Cunha

Isabelli dos Santos Guaripuna

Bianca Pereira Teodosio Martins

Melissa Vitória Silva Gauna



A Carne, de Elza Soares



Escrito por
Angelina Quevedo Bakargi



A música “A Carne” foi regravada e interpretada brilhantemente pela cantora brasileira Elza Soares, trazendo à música, por meio de sua poderosa voz, a dor indubitável e denúncia da desvalorização da vida dos negros na sociedade. A cantora costumava usar as letras de suas músicas para fazer críticas e protestar, associadas a sua intensa voz, carregada de sentimentos. Usava da arte como recurso político, militante e revolucionário.

Na canção, podemos sentir em sua voz a dor de séculos de preconceitos sofridos por todo um grupo de pessoas. Seu timbre soa como um grito de uma alma cansada e sofrida, mas não como pedido por ajuda, e sim como denúncia, protesto e revolta.

A triste realidade social e racial no Brasil é retratada na letra, repetindo a frase “A carne mais barata do mercado é a carne negra” e discorrendo a respeito da marginalização das pessoas negras na sociedade brasileira. Historicamente, a sociedade brasileira, oriunda de uma sociedade escravista, marginalizou as pessoas pretas e as colocou em condições que dificultam sua socialização, busca por emprego e qualidade de vida.

Pode-se interpretar o incessante verso que inicia a canção por diversas perspectivas. Uma delas, a utilização da palavra “barata”, que se refere a valor, preço e comércio, sendo empregada para aludir às pessoas negras na sociedade brasileira, que há pouco séculos atrás eram comercializadas como objetos.

Referir-se às pessoas negras com a expressão “carne mais barata do mercado” é extremamente impactante, mas certamente passou a mensagem pretendida. O compositor e a intérprete fazem questão de repetir diversas vezes essa frase. Impactar de imediato, logo no primeiro verso, como um soco. Não um, uma sucessão de golpes. Associar a vida de uma pessoa negra à carne vendida no açougue, que quando é comprada, não se assemelha mais a uma vida. Aquele pedaço de carne não se parece mais com o ser vivo que um dia foi.

A desumanização e “coisificação” das pessoas negras, desassociando-as de um ser vivo, é explicitada quando se



compara à carne que, quando comprada, não mais se assemelha a uma vida. Nos presídios, hospitais psiquiátricos, moradias precárias e necrotérios, encontramos pessoas negras sem identificação, apenas um número. Suas vidas resumidas a suas ocupações, muitas vezes subempregos. O motorista, a babá, a “doméstica”, o lixeiro. Não uma pessoa, não uma vida.

Ademais, a mão de obra das pessoas negras é menos valorizada e remunerada do que a mão de obra de pessoas brancas. Submetidos a condições de trabalho precárias e encarceramento em massa, pesquisas concluem que indivíduos negros ganham consideravelmente menos do que pessoas brancas, ocupam cargos com piores condições (como a música enuncia “Vai de graça pro subemprego”) e cerca de três a cada quatro brasileiros na pobreza são negros, segundo pesquisas.

Em contraponto com a discriminação racial historicamente estruturada, a obra destaca a contribuição histórica dos negros na edificação do Brasil, segurando “esse país no braço”, mas contendo sua revolta, simbolizada pelo “revólver já está engatilhado”. A referência ao “vingador” lento, mas bem intencionado, pode ser interpretada como a luta contínua e persistente por igualdade e justiça.

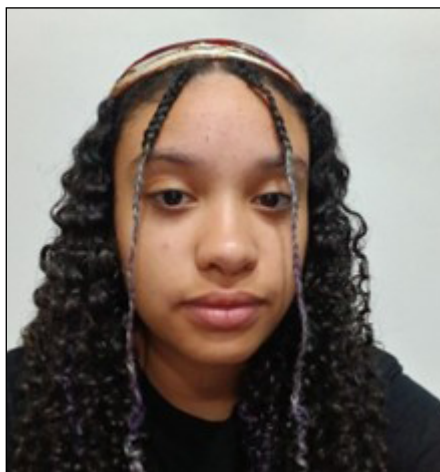
“Brigar sutilmente por respeito, brigar bravamente por respeito, brigar por justiça e por respeito”. A canção é, acima de tudo, sobre força, luta e justiça. É a contestação do preconceito e a irresignação. O conjunto da composição, escrita em 1997, com a interpretação de Elza Soares em 2002, formam uma canção forte, infelizmente ainda atual, mas que aborda um tema que não devemos ignorar, nem poderíamos. A realidade não é sempre fácil, nem deve ser sempre romantizada. Às ve-



zes o que é preciso, é mostrar essa realidade nua e crua, a carne e os ossos, pois os que vêm do planeta fome, do planeta rejeição e marginalização, mas principalmente do planeta injustiça, não podem mais admitir que a sua cor de pele faça suas vidas valerem menos.



A Cor da Ternura, de Geni Guimarães



Escrito por
Amanda Messias Silva



A *Cor da Ternura*, de Geni Guimarães é mais do que um livro, é uma obra de arte que, por meio de palavras simples e um linguajar acessível, mostra que a escrevivência é arma poderosa para encantar e impactar de forma tremenda, servindo para conscientizar e transformar qualquer outro pensamento repugnante que fuja à verdade desta obra.

A sutileza com que algumas coisas são explicadas a Geni é linda. Por ser uma criança, as pessoas ao redor da



protagonista explicam que sua mãe está grávida de uma forma compreensível, tendo cuidado com as palavras e não de forma escrachada.

Em contraponto a isso, alguns assuntos, como por exemplo a menstruação, são banalizados e tratados de forma corriqueira e desimportante. Uma tristeza intencional que gera dúvida e certa indignação no leitor.

As muitas superstições presentes na novela são incríveis, elas são colocadas lá com muito propósito e de uma forma genial. A cor das galinhas, a doença dos sete dias, muita coisa que parece meio absurda com o advento da modernidade, mas que naquele momento fazia todo sentido e era tido como regra para quase todo mundo.

O traço religioso é também muito presente, o que podemos ver nos trechos em que: a menina que ora para que a dor de sua mãe passe logo e quando em seguida o sofrimento da matriarca é cessado; ou quando Geni fica sem comer, sem fazer nada, e no instante em que ela volta ao seu estado natural, os pais vão logo pagar promessa; a forma como eles falam de Deus e dos santos repetidas vezes; ou como estão sempre fazendo orações e se benzendo. Inclusive quanto a esse último traço, existe um trecho em que a Geni está falando com seu pai e quando a menina sugere que Jesus poderia ser negro, o senhor a reprende afirmando que Jesus é branco e falar o contrário é blasfêmia. No entanto, hoje em dia sabe-se muito bem que as chances de Jesus ter sido branco são baixíssimas, quase nulas.

O ciúme que a protagonista tem sobre o Zezinho, seu irmão mais novo, é muito bem escrito e a forma como ela perde a vontade de fazer as coisas e comer, entendemos que não é simplesmente um ciúme, é uma saudade. E fran-



camente, é uma experiência tão boa ler isso, sinto como se ela traduzisse em palavras algo que a gente passa e nem consegue descrever.

Os trechos: “Senti uma fisgada no coração. Nunca quis nem pensei em fazer minha família sofrer. Propus-me a reagir imediatamente. Andar para agradá-los, sorrir para o sorriso de todos, comer, comer todos os dias e até a toda hora, se preciso fosse.” E “Alienei-me para inserir-me no contexto. Fiz amizades chegadas com a criançada da colônia. Queria aprender a chorar por causa de boneca, rir à toa, andar grudada nas pernas dos adultos, mendigar balas de hortelã. Entrosei-me. Animais, nem pensar”; eles evidenciam as profundas projeções que rondavam a mente de Geni já aos seis anos de idade.

A imaginação de nossa protagonista é completamente fértil, suas viagens no balanço e compreensão dos animais são até surreais. Mas ao falar que tentava disfarçar seu desinteresse por coisas que não diziam nada a ela, Geni nos apresenta um sentimento que se torna cada vez mais presente em nossas vidas à medida que crescemos.

Ao pensar que não pode dividir com a mãe seu descontentamento, desaprovação e cansaço acerca de fazer de conta que os xingamentos e a implicação não a afetam, esta é uma proposição de peso em que a menina se compara a sua mãe, e julga incabível se pronunciar para alguém que já suporta a tanto, tanta coisa, sem nunca reclamar.

Acho incrível que ela descreve de forma magnífica o jeito que estamos quando algo nos atormenta e passamos a não focar direito nas outras coisas que sucedem em nosso dia. Ainda, Geni apresenta todos aqueles laços familiares um mais profundo e complexo que o outro. E é tão bom ler

isso, sua relação fofa com o pai, com os irmãos, com a mãe, e até mesmo sua futura relação com seus alunos.

São tantos pontos a considerar em um único livro que fala e ensina tanto. Este exemplar necessita apenas de um olhar minimamente observador para despertar tantas conjecturas e dúvidas que levarão o leitor a reconhecer que sua mente é tão fértil como a de Geni e o levará a viagens tão distantes em si quanto as que a menina tinha no balanço.

A meu ver este livro é uma boa leitura que provoca o leitor, o faz questionar certas coisas que às vezes tão comuns nos passam despercebidas aos olhos focados demais no futuro, e além disso traz consigo um conglomerado de emoções e sentimentos muito divergentes um do outro, mas que juntos resumem e exemplificam uma vida. A vida de Geni Guimarães, escritora e também protagonista que nos presenteou com este livro que deveria sim, ser leitura obrigatória aos alunos a partir do ensino fundamental II, é realmente digna de nota em todo e qualquer manual literário brasileiro.

A Divorciada, de Francisca Clotilde



Escrito por
Isabela dos Santos Calado



A obra “A divorciada”, escrita por Francisca Clotilde no início do XX, é organizada em trinta e sete capítulos e aborda um assunto polêmico: o divórcio.

A história nos apresenta Nazareth, uma moça de família rica que estava doente e precisou ir morar no campo. Durante sua estadia, Nazareth se apaixona por Chiquinho, um moço bonito e divertido, mas como pertenciam a classes sociais diferentes, era um amor proibido e que jamais poderia acontecer.



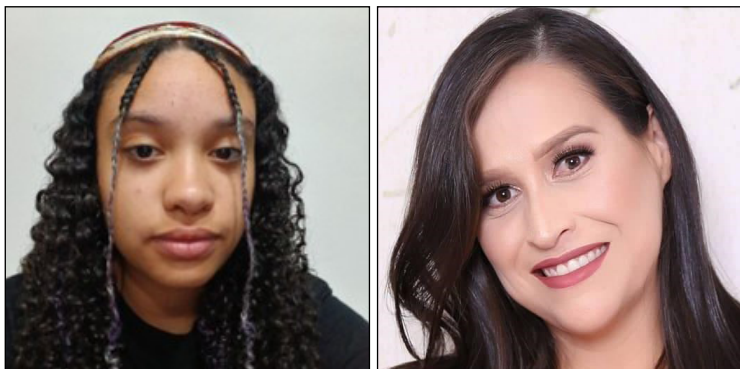
Para cumprir seus deveres, ela se casa com Arthur, um primo distante, e tem um filho com ele, mas o casamento não era bom e Arthur se mostrou um completo canalha. O pai de Nazareth, Coronel Pedrosa, apesar de ter apoiado o matrimônio, prefere ver a filha feliz e se mostra disposto a ajudá-la a se divorciar. Mesmo com motivos e apoio familiar, Nazareth sente que está traindo seus deveres com seu marido e com a sociedade e por isso decide não se divorciar.

Um ponto interessante a ser mostrado é que mesmo tendo direito ao divórcio, ela não se sente confortável o fazendo, mostrando que muitas vezes os deveres sociais se sobrepõem às vontades e necessidades das mulheres. O livro se encerra com o tão esperado divórcio e com o casamento de Nazareth e Chiquinho, que agora já tinha melhor condição financeira.

Escrito em 1902, 75 anos antes da criação da Lei do Divórcio no Brasil, este livro é lançado quase como em forma de denúncia, para dizer à população que o divórcio é crime, um crime presente em diversos lares brasileiros, mas isso é feito de maneira mansa. Não busca briga com os governantes, apenas mostra a mulher brasileira como seria a realidade de poder ficar livre de maridos ruins. Recomendo a leitura, pois é um livro gostoso de ler e ensina ao leitor, indiretamente, como as mulheres daquela época faziam para lutar contra seus opressores.



Água Funda, de Ruth Guimarães



Escrito por
Amanda Messias Silva e
Andréia Dias de Souza



O livro “Água funda” pertence a Ruth Guimarães e trata de uma fazenda, denominada Olhos d’Água, e as histórias que lá ocorreram entre a época da escravidão até os anos 1930. A obra é dividida em duas partes: o período em que a fazenda estava sob chefia da família de Sinhá Carolina, o momento em que o comando da fazenda foi orquestrado por parte da Companhia.

Neste primeiro momento, a autora, Ruth Guimarães, opta por tratar principalmente dos laços que compõem a



família de Sinhá Carolina. As relações entre irmãos, amantes, mães e filhas, todas elas são descritas e aprofundadas até o ponto em que seus protagonistas deixam o ambiente da fazenda, e então suas histórias são interrompidas e não se tem mais nenhuma notícia deles. Então temos o segundo momento, a parte da história em que ao comando da Companhia, nos são apresentados outros personagens da história. Personagens esses que ganham um grande enfoque a partir da premissa de que estão, todos sob uma maldição, uma praga que os condena a um triste e penoso fim.

Este é um livro perfeito para artigos e um ótimo objeto de observação para estudo. Seja por estabelecer com maestria as relações de poder e a hierarquia existentes no ambiente rural, seja pela incrível narração que referencia um momento real da história em que rapazes vinham às pessoas da roça com belas propostas acerca de um emprego no Nordeste em que os serventes receberiam um salário favorável, além de não precisarem levar nada, e tudo de que precisassem como a comida e o lugar para dormir poderiam ser pagos aos donos do empreendimento de forma vagarosa e tardia ao início de seu serviço. Entretanto, ao chegarem ao empreendimento, o salário todo era pago em vales que só poderiam ser utilizados em mercados e farmácias pertencentes aos donos do empreendimento, cujos produtos eram vendidos a preços exorbitantes. E como se não fosse suficiente, ao tentar se demitir, os serventes se encontravam afundados em dívidas que eram cobradas pelos donos do empreendimento acerca do colchonete em que dormiam, da viagem até o empreendimento entre outras coisas. Ou seja ainda, pelas entidades, como a própria Mãe de Ouro, que quase de forma concreta nos são apresentadas. Por qualquer um destes aspectos este livro deve ser considerado de forma inegável uma obra cujo olhar

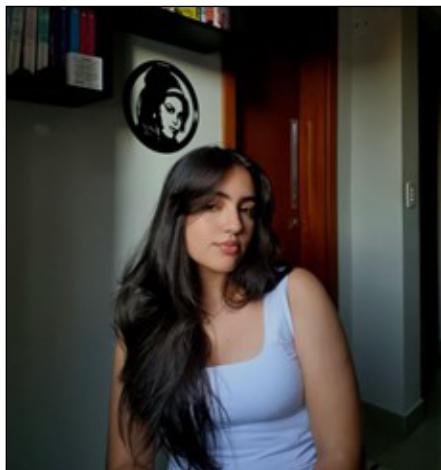


crítico e minucioso levará a uma boa reflexão acerca de algum aspecto cultural ou histórico de relevância para nossa sociedade.

Essa história, que abarca a época da escravidão até meados da década de 30, apresenta uma linguagem magistralmente articulada por sua autora. Conforme afirma Antonio Candido no prefácio da obra, ela consegue, magistralmente, articular a linguagem entre o popular e o erudito produzindo uma obra-prima do realismo fantástico, recheada de lendas que representam a riqueza do folclore brasileiro.

Após anos de apagamento, finalmente, sua obra tem o merecido reconhecimento e é abordada no exame de ingresso daquela que é considerada a melhor Universidade do país: a Universidade de São Paulo USP em 2025, além de figurar como obra obrigatória no vestibular da principal universidade pública de nosso estado, a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

A Hora da Estrela, de Clarice Lispector



Escrito por
Maria Clara de Freitas Barcelos



Clarice Lispector sabia o que fazia quando escreveu sua personagem Macabéa, protagonista de *A hora da estrela*. Publicada em 1977, a obra exhibe, em aproximadamente noventa páginas, a complexidade do exercício constante de existir no mundo e de se relacionar com o outro, colocando em discussão os diferentes pontos de vista de cada personagem a respeito da vida como um todo.



O enredo traz a história de Macabéa, jovem alagoana que se encontra no Rio de Janeiro. É datilógrafa, virgem, feia, ignorante, solitária, de poucas palavras e tem um ar de quem se desculpa por ocupar espaço. Sua história é narrada por Rodrigo S. M., escritor conflitante em relação a si mesmo (acredito que quase como todos nós que escrevemos), que apesar de escrever sobre a nordestina, se aborrece com a vida que ela leva.

De certo modo, é aborrecedor ver o livro que começa com a afirmação “tudo no mundo começou com um sim” ter como personagem principal uma garota que não diz sim e nem diz não. Macabéa tem uma vida medíocre e era feliz. Ela gostava de seu trabalho, por mais que não o fizesse bem e fosse diminuída por seu chefe. Gostava do que chamava de casa: alojamento em um cortiço que dividia com outras quatro garotas que trabalhavam nas lojas americanas. Só tinha dinheiro para comer cachorro-quente e tomar coca-cola, mas gostava. Era feliz. Ou não sabia que era infeliz.

Assim, a narrativa segue, a protagonista trabalha, se vê no espelho e questiona as manchas no seu rosto, come cachorro-quente com Coca-cola, ouve a Rádio Relógio e ganha conhecimentos aleatórios, tem acesso de tosse seca de madrugada, dorme e até arranja um namorado, mas também o perde para a colega de trabalho. Recebe indicação para ir à cartomante, ouve os dizeres da senhora sobre sua situação e só então percebe a infelicidade que a rodeia.

Na sequência, a cartomante prevê um futuro grandioso para Macabéa: conheceria um homem estrangeiro, loiro de “olhos azuis ou verde ou castanhos ou pretos”, com quem se casaria e a vestiria de joias e cetim. Renovaria sua vida, que acabara de descobrir ser desprezível. A alagoana estava atordoada, nunca achou possível sentir tamanha felicidade

e de súbito o destino a atropela com uma Mercedes amarela, lhe dá sua hora de estrela de cinema: Macabéa caída na sarjeta diz aos transeuntes, que se reuniram em sua volta e lhe davam alguma existência, “quanto ao futuro”. Então, a estrela dá seu último grito. Assim Rodrigo escolheu anunciar a morte de Macabéa.

Observando desta maneira, é possível dizer que essa seria uma novela desinteressante, talvez impopular. No entanto, Clarice nunca nos deixa de mãos vazias. Uma das grandes características de sua obra é o aprofundamento psicológico das personagens, alinhado ao fluxo de consciência, que não faltam em *A Hora da Estrela*. Estes são elementos-chaves que tornam a narrativa única e trazem a ficção literária como vizinha da realidade, envolvendo cada vez mais o leitor nos pensamentos de Macabéa e de Rodrigo.

Além disso, é pertinente destacar que, a partir do estilo de escrita da autora, é possível resgatar opiniões, intervenções e alguns pensamentos que faziam parte do seu cotidiano particular. Sendo esta a última obra que publicou em vida, Clarice abarca em seu discurso reflexões sobre a vida e a morte (tema abordado de maneira singular na descrição da morte de Macabéa), sobre o ofício do escritor e, especialmente, sobre a mulher.

Nas palavras de Clarisse Fukelman, quem escreve a apresentação da edição de *A Hora da Estrela* de 1998:

“É que aqui a Autora aborda de frente o embate entre o escritor moderno, ou melhor, do escritor brasileiro moderno, e a condição indigente da população brasileira. Isto sem deixar de lado - afinal de contas, traz a assinatura de Clarice Lispector - a reflexão sobre a mulher. A discussão se arma a partir de estórias que se entrecruzam, como num

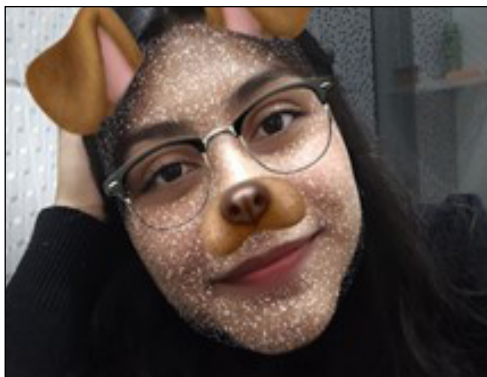


acorde musical: a da vida de Macabéa, imigrante nordestina que vive desajustada no Rio de Janeiro; a do Autor do livro que, embora sem rosto definido, se dá a conhecer nos comentários que faz; e ainda a estória do próprio ato de escrever” (Fukelman, 1998, p. 5).

Ou seja, o enredo tem em sua construção questionamentos extremamente profundos e filosóficos, traçando a relação entre escritor e linguagem, para, a partir dela, pensar o ser em sua origem e as controvérsias da sociedade em que vivemos. Não é por acaso que quem narra a vivência de Macabéa é o Rodrigo, nem que o namorado da moça respondesse “eu sei mas não quero dizer” quando muito questionado. Macabéa não saber falar de si, muitas vezes esquecer de si mesma e não saber da própria infelicidade não é coincidência. O próprio nome Macabéa faz referência aos Macabeus, que no antigo testamento da Bíblia foram um exército judeu, que lutou por muitos anos pela defesa de seus valores, fato um tanto contraditório com a essência da personagem do romance.

À vista disso, fica evidente tamanha importância e riqueza literária da obra *A Hora da Estrela*. O exercício da reflexão e do questionamento proposto por Clarice Lispector ao longo da narrativa (de maneira objetiva e subjetiva) é extremamente relevante ainda hoje para nós que praticamos o ser e nos relacionamos, uns com os outros e com a palavra, assim como Macabéa e Rodrigo.

A Infanta Carlota Joaquina, de Cecília Moncorvo de Mello Rebelo



Escrito por
Maria Clara Nantes Fernandes



O livro “A Infanta Carlota Joaquina” foi escrito por Cecília Moncorvo de Mello Rebelo em meados de 1930. Este foi o penúltimo livro lançado em vida pela autora.

Cecília decidiu escrever esta obra como forma de “proteger” a Carlota Joaquina, pois constantemente ela era (e ainda é) lembrada como uma megera e feia. O livro conta a história da monarca de forma cronológica com alguns *flashbacks*.



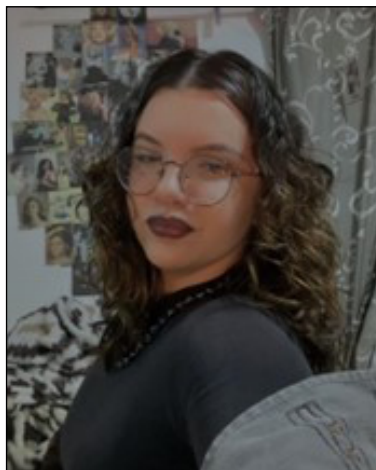
A Infanta nasceu na Espanha, mas aos 10 anos foi enviada a Portugal por sua mãe para se casar com D. João VI (que na época tinha 17 anos). Ela e seu esposo tiveram nove filhos, sendo D. Pedro I o mais famoso e o primeiro imperador do Brasil. Carlota viveu um tempo no Brasil e faleceu em Portugal.

Infelizmente, a Infanta da Espanha foi vítima dos historiadores e das outras mulheres interessadas em seu marido. Tendo a sua imagem completamente caluniada e dilacerada. Carlota era muitas vezes descrita como repugnante, feia, de corpo pouco bonito, baixa e de rosto horroroso.

Por meio de seu livro, *Chrsysanthème*, nos apresenta aquela que, em sua opinião, seria a “verdadeira” Carlota Joaquina. Uma menina que, muito jovem, foi forçada a se casar com um homem sete anos mais velho e precisou lutar por sua virgindade. Uma mulher muito forte e destemida que mesmo vendo Portugal sendo invadido por Napoleão, não queria abandonar o país. Uma rainha muito inteligente que buscou formas de sobreviver à realeza e a todas as calúnias dos súditos e às mentiras e maus tratos de seu marido.

Infelizmente, até os dias de hoje há “Carlotas” em nossa sociedade, mulheres que são julgadas e colocadas como outras; mulheres que são lembradas apenas pelas mentiras contadas sobre elas. Sabemos, contudo, que em sua verdadeira identidade são mulheres muito fortes, destemidas e admiráveis.

*Cancros Sociais,
de Maria Angélica Ribeiro*



Escrito por
Camila Rodrigues Cunha



O livro “Cancros sociais” é um texto do gênero dramático que critica os malefícios da sociedade do século 19. A peça foi escrita por Maria Ribeiro e chegou a ser apresentada mais de uma vez, porém, como muitas mulheres escritoras da época de 80, teve suas obras sabotadas e amplamente esquecidas pela história.

Em 1860, a autora teve suas produções queimadas por sua própria família, que apenas em 2019, por um proje-



to do Senado de Campinas que tinha o intuito de reviver escritoras nacionais que foram apagadas historicamente, conseguiram reviver algumas dessas escritas de Maria, sendo uma delas “Cancros Sociais”, chamando muito atenção por conta de sua escrita rica em detalhes e muito além do seu tempo.

O Drama é dividido em cinco atos, ganhando o título de Cancros Sociais. Sendo *cancros* uma palavra que remete a um *câncer maligno*, e social, pois denunciava *cancros* familiares, raciais que assolavam a sociedade em que a escritora vivia. O principal cancro refere-se à escravidão, que ainda era um tumor latente na sociedade brasileira da época.

O enredo narra a vida de Marta, uma escrava “parda clara”, que se envolve amorosamente com um patife branco, resultando no nascimento de um menino branco, que assim que nasce lhe é tomado e vendido, crescendo longe de sua mãe e suas raízes africanas.

Eugênio, o filho de Marta que cresce como órfão, já adulto, se casa e tem uma filha, que para comemorar seu aniversário de quinze anos, resolve adquirir uma escrava para a família, que por uma coincidência do destino era sua mãe. Após a descoberta, o homem nega assumir o parentesco com a escrava, pois isso significava a perda de patrimônios e tesouros que sua família adquiria, porém, sua drástica mudança de comportamento faz a sua esposa desconfiar que estivesse tendo um caso com Marta, fazendo com que a mãe preferisse se afastar de seu filho, pois não o queria ver perder todos os seus privilégios e luxos.

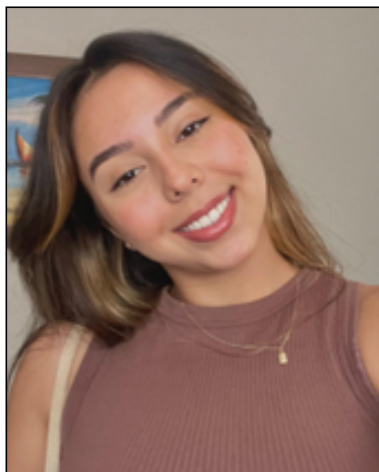
A trama aborda temas abolicionistas, assim como aborda a vivência de uma mulher mestiça no Brasil escravista, retratando as explorações sexuais e de poder



vindo de homens brancos, o que faz da sua escrita muito atual, tendo em vista que mesmo décadas depois da produção do drama, os abusos e preconceitos apresentados ainda são alguns dos nossos cancros sociais.



*Cantos da Mocidade, de Beatriz
Francisca de Assis Brandão*



Escrito por
Isabelli dos Santos Guaripuna



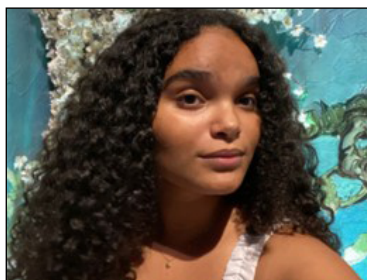
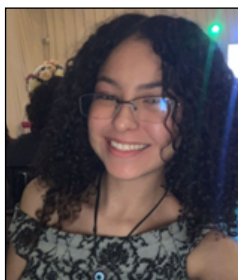
A obra “Cantos da Mocidade” escrita por Beatriz Francisca de Assis Brandão e publicada em 1856 reúne diversos versos da mesma autora, os quais inicialmente foram expostos no jornal Parnaso Brasileiro. Tendo isso em vista, os textos discorrem sobre os mais variados assuntos da época que perduram até os dias atuais, como o amor, traição e sentimentos íntimos, escritos todos com uma linguagem mais com-

plexa, devido à data de criação, sendo às vezes necessário traduções de palavras.

Lendo os versos veio-me à memória o Arcadismo: escola literária que surgiu na Europa no século XVIII. O nome é uma referência à Arcádia, região campestre do Peloponeso, na Grécia antiga, tida como ideal de inspiração poética. Ele tinha como características textuais a louvação da mulher e a busca por um amor inalcançável, semelhante à obra citada, só que agora uma mulher escreve sobre o seu amado e o dom de Beatriz nas formas e escolhas das palavras prende o leitor e traz uma certa identificação com aquilo vivenciado pelo eu lírico.

É impressionante a ousadia da autora, se é que assim podemos denominar, publicar em grandes meios de comunicação, textos com tanta autenticidade, sentimentos e falando sobre temas criticados e desaprovados pela maioria na época, certamente merece todo o reconhecimento que não teve durante a história.

Corpo Desfeito, de Jarid Arraes



Escrito por
Bianca Pereira Teodosio Martins e
Isabela dos Santos Calado



A obra “Corpo Desfeito”, escrita por Jarid Arraes, foi publicada no ano de 2022 e causou um grande impacto a todos que a liam ao relatar o cotidiano de uma família problemática. Em 17 dolorosos capítulos, nós temos o relato dos abusos vividos pelas mulheres dessa família. Amanda é a nossa protagonista e ela vai nos contar sobre a própria vida enquanto viajamos entre passado e presente.



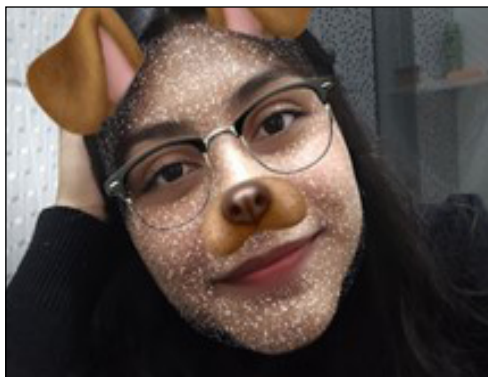
Fonte: Ilustração de Giovanna Cardoso Cuenga

Será uma leitura muitíssimo delicada, por abordar conteúdos sensíveis como agressões físicas, psicológicas e verbais, principalmente voltadas a crianças. A cada capítulo lido o leitor sentirá um misto de emoções, como choque, espanto e um imenso desconforto, pois Amanda foi privada da infância, da felicidade e do direito de um lar afetivo. Um romance que nos mostra os resultados do abuso físico e psicológico nas crianças, que nos deixa perplexos só de lembrar que existem pessoas que viveram e ainda vivem a mesma realidade de Amanda.



Recomendamos a leitura apenas para aqueles que já sabem o que esperar, pois este livro não é para qualquer um. É preciso coragem para ler a história de Amanda, para se jogar de cabeça e, eu espero que não, se identificar com essas páginas.

*Enervadas, de Maria Cecília,
de Melo Vasconcelos*



Escrito por
Maria Clara Nantes Fernandes



O livro “Enervadas” foi escrito por Maria Cecília de Melo Vasconcelos, cujo pseudônimo era Mme Chrsysanthème.

Cecília nasceu em 1869, na cidade do Rio de Janeiro, e faleceu em 1948.

Ao longo de sua carreira publicou cerca de 15 livros e esteve presente em importantes periódicos de sua época.



Além de escritora e jornalista a autora também era feminista, e em suas obras podemos encontrar mulheres que desafiaram o padrão da sua época.

A obra, mesmo sendo escrita há mais de 100 anos, aborda temas recentes e pertencentes ao universo feminino, os quais são amplamente discutidos na atualidade, como o preconceito advindo do divórcio, questões emocionais do universo feminino, uso de entorpecentes, relacionamentos homoafetivos, dentre outros.

Este romance foi escrito em meados de 1922 e conta a história de Lúcia, uma mulher de descendência francesa que vivia no Rio de Janeiro fazendo parte da burguesia carioca.

Essa produção recebe esse nome, pois Lúcia foi diagnosticada com Enervação, “doença” da qual ela suspeitava que suas amigas também sofressem.

Esta personagem em si já estava contra os estereótipos da época, pois divorciou-se, teve amantes e várias outras paixões. Mas além dela a autora também nos apresenta suas amigas, as quais estavam sempre desafiando e quebrando os padrões daquele tempo.

Cecília começa quebrando o estereótipo de casamento perfeito existente naquele tempo, e nos dias atuais. O primeiro casamento, e único no cartório, de Lúcia mostra uma realidade quase sempre ocultada: a dos casamentos “quebrados”. Júlio, o esposo dela, nunca se importou de verdade com sua esposa e estava constantemente saindo para bailes e boates sem que sua amada descobrisse. A fim de conseguir uma promoção em seu emprego, ele pediu para que Lúcia seduzisse seu chefe.

Diante do seu casamento frustrado e da constante solidude, Lúcia recorre à morfina oferecida por sua amiga Magdalena.



Magdalena pertencia também à alta sociedade, era viciada em heroína e morfina, constantemente Lúcia via a amiga sendo levada desacordada pelo seu motorista para casa. Diante da oferta de se esquecer da dor e poder, como Magdalena, viajar para outras dimensões, Lúcia aceita.

Além dessa amiga, também nos é apresentada Maria Helena, uma mulher lésbica que vivia muitos amores com diferentes mulheres. No entanto, em toda a narrativa ela não é chamada de lésbica, mas de ‘a amiga com amigas muito próximas e carinhosas.

Entre todas as mulheres que desafiavam os padrões, esta é a última e chama-se Laura. Esta mulher era conhecida como a amiga do amor, pois tinha vários amantes e homens nos quais era apaixonada. Em toda a história ela aparece com no mínimo cinco parceiros diferentes, no entanto em nenhum momento se casou ou assumiu um relacionamento sério com algum. Sendo isso para época um absurdo e completamente “errado”.

Agora temos Margarida, a amiga “normal”. Esta era casada, tinha um lar estável, dois filhos e estava grávida do seu terceiro bebê.

Infelizmente, essa é a narrativa que como mulheres temos uma “obrigação” de seguir. As demais amigas, mesmo depois de 102 anos, ainda sofrem discriminação e são consideradas “estranhas” e “erradas”.

É muito bom ver que mulheres homossexuais, divorciadas, mães solas e as que não almejam ter filhos estão ganhando respeito e lugar para viver sem ter que se preocupar com julgamento e/ou dificuldade de serem aceitas.



Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis, de Jarid Arraes



Escrito por
Bianca Pereira Teodosio Martins



A obra “Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis”, escrita por Jarid Arraes, publicada em 2017, conta sobre a vida de algumas mulheres pretas que marcaram a história do Brasil. Este livro narra as histórias dessas heroínas e como elas batalharam durante toda história nacional para serem ouvidas e não caladas. Os assuntos discutidos e impostos sobre o livro são cruciais para o conhecimento. A fim de dar vida a essas heroínas,

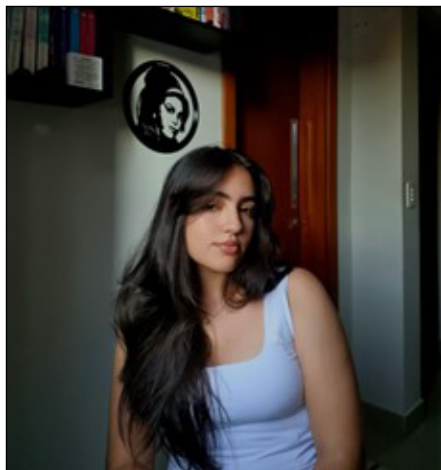


Jarid optou por fazer uso da linguagem popular da literatura de cordel.

“ÀS HEROÍNAS DO PRESENTE, por acreditarem num Futuro possível.” Assim foram chamadas. Esse livro é dividido em 15 cordéis, nos quais há as surpreendentes trajetórias de vida de 15 heroínas negras de nossa história. As mulheres desse livro lutam contra o “poder”, já que naquela época o preconceito e marginalização de pessoas pretas era ao extremo, gerando assim a típica fala racista “Pessoas COMO VOCÊ não têm o direito de falar”. Jarid Arraes, vem, em cada cordel, desbravando um caminho historicamente obscuro a todas elas, por sua raça e por seu gênero, mostrando aos leitores brasileiros que essas heroínas ganharam seus lugares com garra e perseverança e é graças ao sangue por muitas delas derramado que podemos dizer em nosso país que pessoas pretas têm lugar de fala SIM.

Batalharam para serem ouvidas e vistas, lutaram por seus direitos e não pararam até serem escutadas, e foram escutadas marcando assim a história do Brasil. Essas mulheres fizeram o que muitas não conseguiram: elas lutaram por todas que não puderam lutar, marcaram a história, para que hoje muitas mulheres pretas pudessem ser ouvidas e vistas. As suas histórias para sempre serão lembradas. Hoje, servem como inspiração para outras mulheres, são vistas como símbolo de força e resistência.

Macabéa, Flor de Mulungu, de Conceição Evaristo



Escrito por
Maria Clara de Freitas Barcelos



O conto *Macabéa, Flor de Mulungu* descreve o renascimento dessa personagem tão característica de *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector. Escrita por Conceição Evaristo, a narrativa fez parte de um projeto de reescrita de personagens, em homenagem aos 35 anos de falecimento de Clarice Lispector, em 2012, e teve uma versão ilustrada por Luciana Nabuco publicada em 2023, como edição exclusiva.



O enredo nos mostra uma nova Macabéa, a Flor de Mulungu, que florescia e não morria. Que além de datilógrafa, tem as mãos divinas de parteira e cerzideira, tem o dom da vida. Que depois de certo tempo no Rio de Janeiro já não podia diferenciar o tec-tec-tec-tec da máquina de datilografia do barulho mecânico das personalidades à sua volta, seja seu chefe, namorado, colega de trabalho e colegas de quarto. Seu silêncio não era mudo, ela interpretava sinais, ouvia o mundo, era esperta, “era capaz de fingir de morta para enganar o coveiro”.

Do mesmo modo, esta nova protagonista não era afetada pelas dores que se atribuíam a ela, pela fantasia de solidão e desamparo que as pessoas diziam ver na moça. Ela não estava sozinha, não era uma, era três, era a união da maior trindade feminina que se faz presente em todas nós, mulheres brasileiras: a mulher indígena, a mulher africana e a mulher portuguesa.

“Béa” tinha enorme bagagem ancestral, sabia manejar as folhas de Mulungu da maneira que era feita pelos povos que mantiveram intimidade com a floresta. A planta teria efeitos certos para cura e proteção, especialmente no caso antecedente dos indígenas e negros que foram escravizados. Nas palavras da autora:

“O chá das folhas maceradas de mulungu tinha efeitos sedativos. Servia para abaixar pressão, acalmar e adormecer as pessoas. Para uns o oferecimento do chá poderia ser em abundância. Amansava feras bravias, senhores e senhoras, no gozo de escravização do outro, até a profundidade final. Pois o que é demais, sobra. Qualquer excesso é um risco. Inclusive o do sono. O indivíduo fraqueja, mesmo sendo ele o corpo senhoril. O peixe morre é pela boca, pensava Macabéa, quando ouvia essas histórias dos seus. Boa



infusão a das folhas da árvore mulungu, apelidada como “amansa senhor”, “capa-homem” e outras alcunhas” (Evaristo, 2023, p. 19).

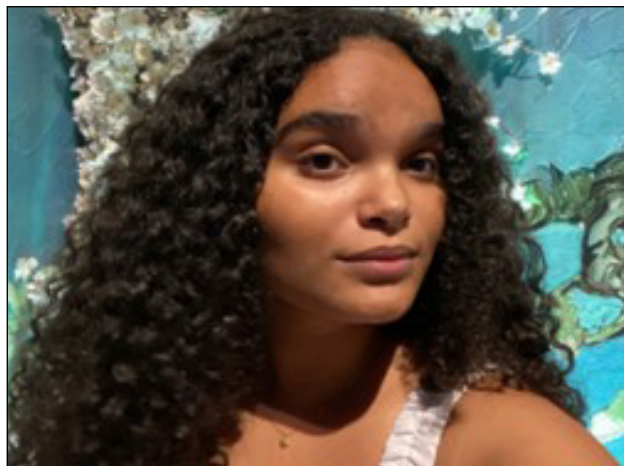
Outrossim, a árvore Mulungu tem como característica estar completamente seca antes da floração, fato que pode ser utilizado na construção de uma alegoria em relação à Macabéa, sendo o florescer do Mulungu símbolo do renascer da personagem. Ainda, em *A hora da Estrela*, se constrói a imagem da morte da protagonista em posição fetal, que Conceição Evaristo utiliza para dar significado vital: “Macabéa ia se parir”, dando nova visão a respeito da moça, que agora se refletia em sua narradora. Neste sentido, Macabéa pode representar inúmeras pessoas que tradicionalmente não são retratadas nos clássicos da Literatura.

Para mais, a obra mantém o traço inconfundível de Evaristo, uma das maiores escritoras da Literatura Contemporânea, de retratar e dar voz à mulheres negras, por muito tempo e até os dias de hoje silenciadas. Conceição ‘escreve’ Macabéa, utilizando da clássica tradição literária ocidental como meio para a quebra de estereótipos e a visibilidade de grupos marginalizados socialmente.

Posto isto, é imprescindível a constatação de que o trabalho feito por Conceição Evaristo é mais que necessário, fundamental. A Literatura pode e deve levantar reflexões sociais contra todo preconceito, principalmente aquele que é direcionado aos grupos que são nossos ancestrais, pois são estes que formam nossa cultura e são a chave de toda nossa existência.



*Poema: Angelina e a Morte de Helena,
Obra: O Horto, de Auta de Souza*



Escrito por
Isabela dos Santos Calado



A obra “O Horto” é uma coletânea de poesias escrita pela autora Auta de Souza no início do século XX. A obra é composta por mais de cem poemas e por isso, para a resenha de hoje, apenas dois foram escolhidos.

Começo pelo poema “Angelina”, que de início me chamou atenção por ter de título o nome de uma colega, muitos dos poemas da Auta tem de título nomes de pessoas, mas depois de ler, me encantei com a escrita e com a delicadeza em que trataram um assunto tão triste.



Angelina era uma criança que morreu numa manhã de esplendores, como diz no poema, e foi enterrada de branco, como uma noiva. Esse poema, assim como a maioria, retrata a morte e o sofrimento dos que ficam.

O segundo poema é “A morte de Helena” e ele fala da morte de uma noiva que não queria morrer e implora para Deus não levá-la. Ela deseja ficar na Terra e, se possível, errar o caminho do céu. Mas no fim, ela morre, deixando sua mãe e seu noivo para trás.

Eu recomendo a leitura desse livro por dois motivos: o primeiro é que todos os poemas da Auta são belíssimos e carregados de melancolia, um reflexo da vida da autora nas suas obras; e o segundo é que precisamos de mais visibilidade para a literatura preta e, obra com tamanha qualidade como a de Auta merece ser lida várias vezes por todas as pessoas. Todos deveriam ter a oportunidade de se encantar com os poemas de Auta, assim como eu me encantei.



*Poema: Angelina, Obra: O Horto,
de Auta de Souza*



Escrito por
Melissa Vitória Silva Gauna



Angelina é um poema de Auta de Souza, uma grande poetisa brasileira, cujo poema foi retratado no livro “O Horto”. O poema narra a história de Angelina em estado de sofrimento. Auta de Souza retrata a menina de forma sensível e melancólica e, fazendo uso da linguagem lírica, repleta de cenários imaginativos a partir da descrição ao longo do poema.

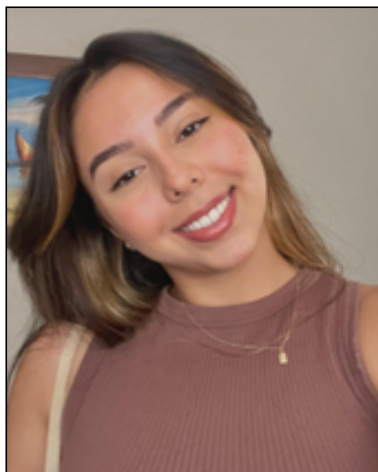


No poema é presente o uso de rimas muito bem elaboradas, com um tom de musicalidade triste e calma. A poetisa gosta de usar elementos naturais, como pássaros, o clima, etc. Isso aparenta muito no sentimento da moça no momento. Auta retrata a tal como uma pessoa angelical, inenarrável, perfeita. Ela usa referências para descrever a cena em que a garota se encontrava, sua roupa, seu sentimento, seu velório e sua desilusão.

Por meio do uso de metáforas, Auta fez um trabalho brilhante no poema “Angelina”, e foi uma das obras mais tocantes e representativas de seu trabalho.



Olhos d'Água, de Conceição Evaristo



Escrito por
Isabelli dos Santos Guaripuna



*O*lhos d'Água escrito por Conceição Evaristo e publicado em 2014 reúne quinze contos, os quais discorrem sobre temas como marginalidade, preconceito, desigualdade social, pobreza e fome sem eufemismos. A obra alcançou o 3º lugar na categoria Contos e Crônicas do prêmio de Jabuti, em 2015. A tradicional premiação literária reconhece grandes nomes da literatura nacional.

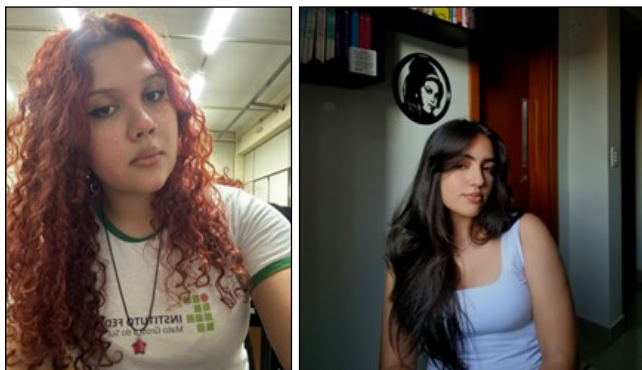


Cada conto lido gera no leitor um choque de realidade ou uma lembrança à realidade, já que a autora não poupa detalhes nas histórias comoventes das mulheres descritas. No conto Duzu-Querença por exemplo, comenta-se sobre uma vida compostas por abusos, estupros e prostituição de menores e no trecho: “Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois.” A autora traz até mesmo aspectos científicos sobre casos como esse, em que as vítimas menores entendem que aquele é um cenário negativo mas não controlam seus impulsos fisiológicos. O que chama também atenção nos textos de Conceição é o grande impacto de pequenas orações como: “Habitou-se à morte como uma forma de vida”.

Conclui-se que, em todos, o desfecho da narrativa envolvendo a mulher é deplorável e levando em consideração o contexto, todas elas tiveram tais desfechos não por escolha, mas sim por serem condicionadas àquela situação, explicitando assim como o sistema como um todo é falho e dependendo da sua cor, orientação sexual, lugar de origem e condição financeira, seu destino já está premeditado...



O Quinze, de Rachel de Queiroz



Escrito por
Angelina Quevedo Bakargi e
Maria Clara de Freitas Barcelos



A obra escrita por Rachel de Queiroz, *O Quinze*, é parte intrínseca desta autora nordestina, que viveu a Grande Seca de 1915 no Quixadá do Ceará. O romance, publicado em 1930, traz um olhar íntimo sobre o fenômeno climático que assola o Nordeste brasileiro há muitos anos, bem como externaliza dores femininas e dialoga sobre o papel da mulher na sociedade do século XX.

O romance de estreia de Rachel de Queiroz foi inovador tanto para literatura brasileira feminina quanto para a



literatura brasileira no geral. *O Quinze* lhe rendeu o reconhecimento em todo o país e elogios de Augusto Frederico Schmidt e Mário de Andrade e inspirou renomados autores, como Graciliano Ramos, que futuramente viria a escrever *Vidas Secas* e se tornaria amigo da autora.

A narrativa se desenvolve em dois núcleos, que eventualmente se conectam. Um deles é a vida de Conceição, professora solteira aos 22 anos, que transita entre a capital do Ceará e o interior do Quixadá, para visitar sua avó, outras amizades que ali cultivou e sua paquera de infância, o vaqueiro Vicente. O outro núcleo é a trajetória da família de Chico Bento, vaqueiro que perdeu seu emprego devido à seca e decide caminhar até a capital, em busca de melhores condições de vida.

Todo o trajeto percorrido pelos migrantes é narrado de forma nua e crua, revelando todos os afetos mobilizados pelo fenômeno climático e por sua consequência: a fome. Além disso, a autora descreve com maestria o sofrimento das famílias citadas no caminho para a capital e no momento de chegada, em que todos os afetados pela seca são colocados em um só lugar, um campo de concentração na cidade.

“O que surpreende mais é justamente isso: a moça vir saindo com um livro humano, uma seca de verdade, sem exagero, sem sonoridade, uma seca seca, pura, detestável, medonha. Raquel de Queiroz eleva a seca a suas proporções exatas – nem mais, nem menos”. O romancista Mário de Andrade sobre *O Quinze*.

A obra se diferencia pelo pioneirismo com elementos progressistas, como uma protagonista mulher que, apesar de se apaixonar, não almejava casamento, trabalhava e se sustentava, uma mulher sem sentimentalismos e sem ideais

de amor à primeira vista e alma gêmea, sem final feliz, com linguagem típica do sertão nordestino, palavras simples e uma denuncia a problemas nacionais, como a miséria.

Vale ressaltar que Rachel de Queiroz foi grande defensora da participação política feminina, bem como expunha isso em suas obras. A autora é referência literária, já que, em 1977, foi a primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras. E, aos 83 anos, foi a primeira mulher a receber o Prêmio Camões de Literatura - o mais prestigioso prêmio em língua portuguesa pelo reconhecimento a seu ofício.

Posto isso, se torna notória a importância da escrita de Rachel de Queiroz, que evidenciava a necessidade do reconhecimento dos direitos das mulheres, e da obra *O Quinze*, que traz à tona uma perspectiva regional, fora do tradicional Rio de Janeiro, sempre retratado pela Literatura clássica.





Capítulo III



Benditos Frutos

Jonathan Gonçalves Marzurkiewicz

Inaiá Gotardi Ruiz

Takuya Leonardo Uchino

Angelina Quevedo Bakargi

Maria Clara de Freitas Barcelos

Isabelli dos Santos Guaripuna

Lorenzo Tresl Bordado de Brito

Giovana Manuela da Silva Garcia

Amanda Messias Silva

Maria Clara Nantes Fernandes

Isabela dos Santos Calado

Camila Rodrigues Cunha

Bianca Pereira Teodosio Martins

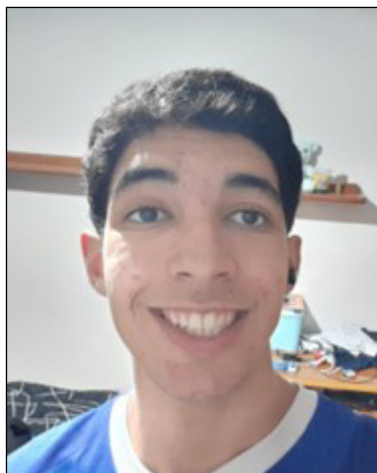
Andréia Dias de Souza

Melissa Vitória Silva Gauna



Parte I – Contos

Em busca de viver



Escrito por
Jonathan Gonçalves Marzurkiewicz

Textos inspiração: *A Hora da Estrela* (Clarice Lispector) e
Macabéa - Flor de Mulungu (Conceição Evaristo)



Em uma cidade onde a densidade populacional e os prédios cinzas são destaque, Dália, uma mulher negra de 51 anos e mãe solteira, se vê presa ao seu trabalho como doméstica na casa de Rodolfo.

Quando se mudou para a cidade em busca de uma vida melhor para ela e seu filho Diego, um rapaz de aparência magra de 23 anos, ela não imaginava que seria tão difícil encontrar um lugar em que o seu salário mínimo traba-



lhando como faxineira em um restaurante conseguisse pagar. Foi então que apareceu a oportunidade de trabalhar para Rodolfo, um homem casado de 40 anos, que a deixaria morar com seu filho em um pequeno quarto no fundo de sua casa.

Apesar de conseguir um lugar para dormir e um sustento, as coisas na vida de Dália não estavam nada bem. Ela passava 24 horas por dia, todos os dias da semana dentro da casa de seu patrão, com exceção das sextas à noite, em que saía para comer na lanchonete em que o filho trabalhava. Seu maior sonho era aprender a ler e escrever, pois isso abriria muito mais oportunidades para a sua vida, sem contar que ela poderia desfrutar daqueles objetos encapados cheios de páginas com letras e mais letras que ela olhava apaixonadamente na estante de Rodolfo. O analfabetismo era um verdadeiro desafio na vida de Dália. Quando criança, ela teve que trabalhar muito cedo e não teve a oportunidade de estudar em uma escola e sente, até hoje, as dificuldades que esse fato gerou. Ela não queria o mesmo para seu filho, então, apesar das imensas dificuldades, ela trabalhou muito e fez de tudo para que Diego pudesse ter o luxo da educação.

Diego reconhece o esforço da mãe e faz de tudo para tentar retribuir tudo o que ela fez e ainda faz por ele. As inúmeras horas de trabalho impossibilitam que ela procure algum curso que ensina adultos a ler e escrever. Diego, resolve, ele mesmo, ajudar a mãe com esse sonho. Todas as noites, antes de dormirem no pequeno quarto em que vivem, ele usa panfletos e cartazes para ensinar a mãe. Com o passar do tempo, na casa de Rodolfo, Dália foi percebendo que Rodolfo já nem conversava com ela e com o filho, apenas entregava o dinheiro no início do mês e reclamava dizendo que a casa precisava ser mais limpa. Ela se sentia



muito solitária e sem amigas, mas se mantinha ali firme, pois sabia que não conseguiria emprego melhor do que aquele, e com um lugar para dormir, já que não havia estudado. Por outro lado, era possível ver um progresso nas aulas que tinha com o filho.

Certa vez, enquanto estava aprendendo sobre o uso do “ss” e seu filho apresentou a palavra *cassa*, ela ficou intrigada se questionando como ela ia saber quando usar o “ç” e quando usar o “ss”. Diego foi pegando gosto por ensinar sua mãe e pensava em tentar ser professor. Uma noite ele disse à sua mãe: “Um dia, mãe, você vai poder escrever histórias e eu vou poder mostrá-las para meus alunos”. Sorrindo, sua mãe deu um beijo em sua testa e disse: “Um dia, meu filho, um dia...”.

Procurando por uma vaga de professor, ele encontrou uma para trabalhar e um projeto que auxiliava crianças com dificuldades. Ele ganharia um pouco menos do que ganhava trabalhando na lanchonete, mas ele precisava de experiência para conseguir uma vaga melhor, então ele aceitou e começaria em um mês. Dália, mesmo ainda estando no processo de alfabetização, começou a escrever pequenas histórias no pouco tempo livre que tinha. Era um pequeno momento de prazer em meio a tanto esforço. Ela queria que as outras pessoas lessem suas histórias, mas descobriu como era difícil e caro publicá-las e acabou por desistir da ideia. Uma vez, enquanto limpava a sala da casa de Rodolfo, ela ouviu na televisão uma reportagem sobre o aumento do salário em relação à inflação com o passar dos anos e percebeu que não recebia um aumento desde que começou a trabalhar para Rodolfo, porém ela tinha medo de comentar sobre isso com ele e acabar sendo demitida, perdendo o quarto em que vive.



Um mês depois de Diego aceitar a proposta para trabalhar no projeto, ele já havia pedido demissão da lanchonete e estava indo buscar suas coisas. Ao juntar suas coisas e sair da lanchonete, um homem que estava passando na rua viu aquela lanchonete vazia com Diego saindo cheio de coisas e pensou que ele era um ladrão e estava roubando o lugar. O homem pegou um pedaço de pau e partiu para cima de Diego e não demorou muito para mais dois homens se juntarem a ele. Sem tempo para se defender, ou ao menos se explicar, já havia três homens espancando o rapaz violentamente e as pessoas que assistiram da rua não fizeram absolutamente nada, pois pensaram que era ladrão, e o negro apanhando fazia o perfil. O fim desse ato cruel e desumano resultou na morte de Diego, que, já sem vida, ficou no chão da lanchonete até a polícia chegar.

Dália, ao saber da notícia, ficou completamente arrasada e, com um futuro sem qualquer vislumbre de felicidade, ela entra em uma depressão profunda. Então ela lembrou do último desejo que seu filho lhe contou: mostrar para seus alunos histórias da mãe. Como lembrança para o filho, ela decidiu escrever a história dela e de Diego, mesmo com a dificuldade em escrever e a imensa dor que ela sentia, ela se manteve forte para poder realizar o último desejo do filho.

Após terminar de escrever, ela levou a uma feira de livros e deu a um escritor ali presente, pedindo-lhe para publicar a história. Os diversos erros de escrita desencorajaram o escritor que, ao ler apenas o início, descartou o livro, mas mentiu para Dália dizendo que publicaria. Aquilo foi reconfortante para Dália, mas ela ainda estava passando por uma depressão profunda aos 51 anos com a dor imensa de perder um filho. A sua depressão estava se agravando a cada dia e não demorou para que sua saúde física também



fosse afetada, junto com a mental. Em poucos meses após tudo isso Dália morreu de problemas cardíacos causados por uma doença crônica que veio junto com a depressão.

Seu livro, que havia sido descartado pelo escritor da feira, foi encontrado por uma escritora que o leu e financiou sua publicação. A simplicidade do livro e o modo como foi escrito chamou a atenção de muitas pessoas e o fez ser muito vendido. Infelizmente, o reconhecimento só chegou depois da morte de Dália, que viveu a vida inteira como alguém à margem da sociedade.



Um grito silencioso



Escrito por
Inaiá Gotardi Ruiz

Textos inspiração: *A Hora da Estrela* (Clarice Lispector) e
Macabéa - Flor de Mulungu (Conceição Evaristo)



amanha era a ânsia de gritar, que Helena teve de contrair seus músculos para que, de sua boca, não saísse nenhum som. Estava debruçada sobre sua mesa pensando no que faria a seguir, sua história havia sido passada por tantos e ainda sim não parecia nada. Ah, ela logo percebera. Se gritasse, ninguém a escutaria.



Sua mente embaçada continuava a tomar a forma do momento desastroso, aquele cuja existência a incomodava, mas ela não sabia o porquê.

Helena trabalhava com cozinha, adorava a ideia de criar sabores e texturas, criar comida. Em sua casa estava sempre testando combinações. Por essa razão, quando foi aceita para trabalhar em um restaurante “dos bons”, sua reação foi como o esperado: aceitou sem contestar nada, nem mesmo os sete ônibus que iria pegar todos os dias, um preço pequeno para uma realização que nem em sua imaginação ela conseguia conquistar.

Alguns dias antes, quando ela estava na cozinha, um de seus chefes a chamou para uma conversa. Seu primeiro sentimento foi o de estranheza, já que ele quase nunca chamava ninguém para conversar dessa forma, tinham discussões apenas com a presença da equipe. O sentimento estranho apenas piorou. Principalmente no momento em que as mãos do homem estavam em seu corpo, ou quando ela tentou se mexer e não conseguiu, tentou falar e a boca dele a impediu. Os segundos pareciam infinitos, aquilo nunca havia lhe acontecido.

Seu incômodo insistia em ficar, então ela contou a sua família, tios, primos, avós. O acontecido parecia a sufocar, mas suas respostas eram sempre as mesmas “Devia estar com uma roupa muito curta”, “Deve ter insinuado que o queria dessa forma”, “Ai, menina, você deveria é estar feliz” e muitas outras falas repetidas. Se estava tão incomodada, não devia ser certo, mas e se a culpa fosse dela? E se tivesse pedido por aquilo?

Na outra manhã, Helena seguiu sua rotina costumeira: acordar, comer, se vestir e ir trabalhar. Enquanto conver-



sava com uma colega, Ana, acabou vomitando informações do acontecido, e a mesma lhe fez uma confissão chocante. Dois anos antes, ela havia passado pela mesma situação. Helena sabia que não devia se animar com a informação, mas não podia deixar de sentir-se acolhida, entendida, como se elas fossem iguais, e seus gritos de socorro pudessem finalmente ser ouvidos.

A sensação foi tão boa que por dias serviu de abrigo, protegendo-a de seus pensamentos negativos.

Logo, uma ideia lhe veio à cabeça. E se houvesse mais mulheres como elas? E se houvesse mais mulheres querendo fazer seus gritos de socorro ouvidos? Helena levou sua questão até Ana e assim começaram sua missão de dar abrigo a mais mulheres que como elas foram usadas, culpadas e invisibilizadas.

Perguntaram às outras mulheres do restaurante e até àquelas que já haviam deixado o lugar. Dentre elas quinze eram as mulheres abusadas e quinze as mulheres ignoradas. Os números eram espantadores e, no entanto, Helena sabia que, se fizesse algo, era o seu emprego que seria perdido, não o do homem que coordenava a cozinha.

Ela tinha duas escolhas: Continuar em um lugar que apagava a sua luz ou sair de lá e talvez até perder sua casa.

De início, com medo, fez a escolha de seguir no emprego. E assim se passaram dias:

Um dia. Era difícil ainda olhar nos olhos do monstro-homem, quando ele pedia a ela que preparasse algum prato.

Dois dias. Se pegava imaginando se os outros homens do recinto já haviam feito coisas parecidas a outras mulheres.

Três dias. Não conseguia ficar no lugar sem que seu corpo falhasse, sem que sua respiração faltasse.

Quatro dias. Tentava falar mas não se movia, corria para o banheiro a cada segundo para acalmar seus nervos e conseguir se concentrar em seu trabalho.

Cinco dias. Medo.

A cozinha já não mais parecia com um sonho conquistado. Ver todos os dias aquelas pessoas, sabendo que seus olhos não a enxergavam como nada além de objeto, sabendo que viam seu corpo, mas não ouviam sua voz. Aquilo a matava, nem mesmo seu abrigo podia protegê-la do sentimento que se apossava dela quando tinha que ficar cara-a-cara com ele.

Ela, que não podia continuar nessa situação, juntou-se com as mulheres, as que ainda trabalhavam no mesmo restaurante e as que já tinham saído de lá.

Helena compartilhou com elas seus medos e sensações, precisava de ajuda. Já tinha ficado claro que permanecer na cozinha nunca foi uma opção, ela não conseguiria suportar.

A sua surpresa foi enorme, quando todas as mulheres se prontificaram para oferecê-la moradia e emprego, no caso de ela precisar.

E foi dessa forma que Helena se libertou.

Ao pisar para fora do restaurante, ao esperar na rua, ela viu que sua vida seria diferente. Enquanto as mulheres invisibilizadas estivessem juntas, ouvindo umas às outras, ninguém poderia ignorá-las. Como tochas elas se acenderiam, emergindo da escuridão onde foram colocadas.



A luta pela esperança



Escrito por
Takuya Leonardo Uchino

Textos inspiração: *A Hora da Estrela* (Clarice Lispector) e
Macabéa - Flor de Mulungu (Conceição Evaristo)



Sempre me perguntaram quais eram os meus sonhos, mas eu nunca tive uma resposta. Cresci ouvindo que uma mulher não tinha lugar fora das paredes de casa, que nossos destinos estavam traçados pela simples biologia de nossos corpos. Aos dezessete anos, minha vida parecia uma série interminável de desistências, uma sequência de portas fechadas antes mesmo que eu pudesse tocá-las.



Lembro-me de quando tinha oito anos. Fiquei fascinada pelos livros de biologia do meu irmão mais velho. Escondia-me no quarto com uma lanterna, lendo sobre o corpo humano e o universo. Mas, claro, meus pais logo descobriram. “Meninas não precisam dessas bobagens”, disse minha mãe, tirando-me o livro das mãos. Naquele momento, aprendi a primeira lição sobre limites.

Meus pensamentos sempre foram sombrios, um reflexo da minha própria existência apagada. Olhava-me no espelho e via uma figura sem vida, uma sombra de alguém que nunca teve permissão para brilhar. Nunca houve um dia em que eu não me perguntasse: “O que uma mera mulher como eu pode mudar nesse mundo?” A resposta, sempre a mesma, ecoava na minha mente: nada.

Foi então que minha saúde começou a se deteriorar. Talvez meu corpo estivesse respondendo ao peso de minha mente, tão carregada de incertezas e medos. A febre alta veio sem aviso, seguida por dores de cabeça lancinantes, tonturas constantes e uma fraqueza que me impedia de levantar da cama. Meu apetite, já pequeno, desapareceu completamente.

Minha mãe, preocupada, chamou o médico da cidade. Doutor Brandon era conhecido por sua competência, mas eu não tinha muitas esperanças.

Doutor Brandon usava uma cartola elegante combinada com um terno grosso e uma gravata, mas o que mais se destacava era, sem dúvida, uma máscara preta que escondia todo o seu rosto; ela me lembrava as máscaras tradicionais utilizadas no Carnaval de Veneza, o que lhe dava um ar enigmático. Me perguntava o porquê daquela máscara.



Ele me diagnosticou rapidamente, atribuindo meus sintomas à falta de apetite e ao estado de estresse em que eu me encontrava. Enquanto preparava os medicamentos necessários, ele começou a falar, contando histórias de sua juventude e das pessoas que ajudou ao longo dos anos. Suas palavras eram uma distração momentânea da dor que eu sentia.

“Você sabe”, ele disse em um tom mais suave, “muitas vezes, a cura para o corpo começa na mente.” Suas palavras ecoavam na minha cabeça, e ele continuava a me tratar. Falando sobre a sua profissão, o doutor perguntou com uma curiosidade genuína na voz “Você já pensou no que quer fazer no futuro?”. Fiquei em silêncio, encarando o chão. Não sabia o que responder, pois nunca havia permitido a mim mesma sonhar com um futuro diferente do que me foi imposto. O doutor, no entanto, não desistia.

“Vamos lá, me conte”, ele insistiu suavemente.

Senti meu coração acelerar e, sem conseguir suportar mais aquele olhar intenso, comecei a falar. As palavras saíam atropeladas, carregadas de angústia e mágoa. “Eu... nunca pensei no futuro. Sempre me disseram que mulheres não podem sonhar alto. Desisti de tudo. Quis ser cientista, mas me disseram que era tolice. Quis ser artista, mas me disseram que era inútil...”. Nesse momento, Calvin me interrompe: “É claro que você consegue!” Ele disse, seu tom firme e encorajador. “Não importa se você é homem ou mulher, se você se esforçar você consegue realizar os seus sonhos!”

“Não adianta!” Respondi. “O que uma mulher como eu pode fazer nessa sociedade?”

“Você pode mudar isso”, ele disse com convicção.

Ele insistia, e eu não compreendia por quê. Não me pareceu que ele estava me encorajando pelo simples fato de querer me animar... Parecia que tinha algo mais... Era como se ele estivesse falando com base em sua experiência própria... Foi o que pensei. “Por que você insiste tanto?” Perguntei, minha voz agora elevada. “O que você sabe sobre mim? Como você pode falar essas coisas? Você não sabe o quanto eu sofri”.

O doutor me olhou fixamente, com expressão serena. “É claro que eu entenderia... Eu entendo como você se sente... Eu entendo”. disse ele, com a voz diminuindo de intensidade. Após um breve silêncio, ele continuou, “É o seguinte mocinha... Eu tenho que te contar um segredo”, ele se hesitou por um momento, mas continuou... “Espero que não se assuste e mantenha a calma...”, nesse momento, eu fiquei confusa, mas continuei o escutando. Ele se aproximou, tirando lentamente a máscara e a cartola. E, e, surpreendentemente... “Ele... ele é mulher?” É o que eu pensei surpresa e sem entender nada.

O “doutor” disse em um tom calmo “Eu sou médica, mas a sociedade não aceita esse fato e me despreza e subestima. Eles dizem: “Como podemos confiar em uma médica mulher?”. Mas eu não desisti; eu pensei em um jeito de continuar, por isso, coloco essa máscara, visto essa roupa masculina e finjo ser um homem, só assim a sociedade me aceita...”

Fiquei pasma, tentando processar a revelação. Ficamos no silêncio por alguns segundos... Logo em seguida, lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto enquanto a realidade se acomodava em minha mente. Sentia um



profundo arrependimento pelo que tinha dito a ela, minha vontade era de sumir daquele lugar. Mas, ao mesmo tempo, sentia em algum lugar do meu coração uma profunda admiração por aquela mulher guerreira à minha frente. Ela me abraçou enquanto eu chorava sem parar; não conseguia encarar seu rosto. E ficamos assim por um bom tempo, até eu adormecer pelo cansaço.

Ao despertar no dia seguinte, a febre já havia passado e eu me senti surpreendentemente leve e melhor do que nunca. Era como se todo o peso que eu carregava durante minha vida tivesse sido removido dos meus ombros. Meus pensamentos começaram a mudar. A revelação da médica plantou uma semente de coragem em meu coração.

Ao levantar da cama, havia encontrado uma carta...

“Sei que a noite passada foi intensa, e quero aproveitar esta oportunidade para compartilhar algumas palavras com você.

Eu sei o quanto é difícil lutar contra as expectativas da sociedade, e a dor de ver seus sonhos serem constantemente desprezados. Eu vivi isso, todos os dias da minha vida.

Há muito tempo, decidi que não deixaria que os limites impostos a mim determinassem o que eu poderia alcançar. E hoje, eu quero dizer a você que também tem essa escolha. Sei que parece assustador e, muitas vezes, impossível, mas você tem uma força dentro de si que pode superar qualquer barreira.

Lembre-se sempre de que você é capaz de qualquer coisa que se propuser a fazer. Seja na ciência, nas artes ou em qualquer outro campo que escolha, sua paixão e determinação são suas maiores aliadas. O mundo pode tentar te diminuir, mas nunca permita que ele apague sua luz.

Acredite em si mesma, mesmo quando ninguém mais acreditar. Cada passo que você der em direção aos seus sonhos é um

ato de resistência e coragem. E saiba que, mesmo nos momentos mais difíceis, você nunca está sozinha. Há muitas de nós, mulheres fortes e determinadas, que trilharam e continuam trilhando esse caminho, e estamos todas conectadas pela nossa luta e pela nossa esperança.

Use o conhecimento que adquiriu e a inspiração que encontrou para criar um futuro brilhante, não apenas para você, mas para todas as meninas e mulheres que virão depois de você. Seu exemplo pode ser a luz que guiará outras a acreditarem em seus próprios sonhos.

Esta máscara e esta cartola são símbolos da luta que travamos. Mas espero que, um dia, nenhuma de nós precise se esconder para ser quem realmente é”.

Minha admiração pela médica cresceu, inspirando-me a lutar pelos meus próprios objetivos.

E assim, com o coração renovado pela força e coragem que a médica havia me transmitido, decidi enfrentar meus medos e desafios de frente. Minha jornada estava apenas começando, e o futuro, antes sombrio e incerto, agora se abria como um horizonte cheio de possibilidades. A história dela não apenas me salvou, mas também acendeu uma chama de resistência e esperança em meu peito. Talvez um dia, eu também usaria minha própria história para inspirar outras meninas e mulheres. E, enquanto caminhava rumo ao desconhecido, sentia que a mudança estava ao meu alcance, pronta para ser moldada por minhas ações e escolhas.



Protagonistas do cotidiano



Escrito por
Angelina Quevedo Bakargi

Texto inspiração: *Olhos d'Água* (Conceição Evaristo)



Até alguns anos atrás, eu não ligava muito para a escola. Eu só ia porque meus pais mandavam. Eles ficavam falando sobre um tal de vestibular, mas eu não entendia: eles não tinham terminado nem a escola, mas eu era obrigada a ir todos os dias e ainda fazer vestibular?

Éramos eu, meus pais e a minha caçulinha, “minha pulguinha”. Eu e ela sempre juntas, na verdade, nós quatro



sempre estávamos juntos. Vivíamos bem, não esbanjávamos riqueza mas tínhamos um teto, nunca faltou comida e acima de tudo: tínhamos uns aos outros.

Eu também era muito próxima da minha mãe, até ela ficar doente. Eu não sabia lidar com aquilo, ver a pessoa mais forte que eu já conheci adoentada em uma cama, fraca.

Acho que eu sentia medo, era estranha demais aquela situação. Ela era meu porto seguro, era como um super-herói para mim. Talvez por não saber como agir, decidi dar uma chance ao que ela tanto me pedia.

Comecei a estudar mais, ir para a escola e certo dia, fui ao laboratório de informática pesquisar sobre o vestibular. Se na prova da escola eu achava que cobravam muito conteúdo, meu queixo caiu quando vi o edital do vestibular. Tinha mais livro do que eu tinha lido em toda a minha vida. Livros chatos, livros “nada a ver”. Uma história sem sentido que nem parece português, não parece a vida real. O que será que é “Niketchi”? Eu lembro ter ouvido falar em Alice no País das Maravilhas, lembrava que era aquele loirinha burra que ia para um mundo encantado. Coelho que fala, rainhas, “chás da tarde”.

Machado de Assis? Só de ouvir esse nome, eu arrepiava. Aqueles livros chatos cheios de palavras difíceis. Leitura, para mim, era isso: um monte de palavras juntadas por alguém querendo parecer inteligente.

E eu não tinha um ‘tostão’ para comprar aqueles livros, porém mesmo assim, fui à livraria perto da escola. Como pode um livro ser um negócio tão caro? Parece que nem querem que os pobres leiam.

Até que cheguei a uma parte da livraria com uns livros mais baratos, dei uma olhada neles e olhei para cima:



“Autoras Femininas”. (Na época, acho que nem parei para formular uma ideia, uma hipótese de por que os livros ali eram mais baratos, e por que de muitos eu nunca tinha ouvido falar. Agora sei o motivo, mas não significa que um dia irei entender).

Tinha um bem bonito, na capa tinha um olhão bem grande e bem choroso. Me lembrou o da minha mãe, mas depois lembrei que nunca tinha visto ela chorar. O olhar de tristeza era igualzinho ao da mamãe nos últimos tempos, sem as lágrimas, mas com a mesma dor.

Eu quis levar, mas só tinha o dinheiro reservado para o almoço. Eu podia ficar sem almoçar um dia, eu sabia que precisava levar aquele livro. Eu dizia para mim mesma que eu ia levar por causa do vestibular, mas no fundo, eu sabia que aquele livro era do que eu precisava.

Assim que comprei (pedi para fazer 99 centavos mais barato para que eu pudesse pagar), comecei a ler. Andei até o ponto de ônibus na frente da escola, e no ônibus, não li aquele livro: eu o dissequei, eu o ingeri, eu o senti, eu o vivi. Vivi enquanto lia, mas também antes, senti que ela escreveu o que eu já tinha vivido.

Não era sobre uma princesa em um reino encantado, nem um homem que virava inseto, nem um casal de séculos passados. Era uma “eu”. Várias “eus”. Mulheres negras, pobres, não só mulheres: naquele livro eu vi meu pai, meus vizinhos. Eu vi o meu cotidiano ali.

Nem mais, nem menos. Ela (a escritora) pegou tudo o que eu sentia e traduziu em palavras, ela pegou e desembolou o novelo de lã que eu tinha no meu inconsciente. Ela não contou uma história de faz de conta, ela contou algo que podia ter acontecido no meu bairro ou comigo.

Descobrir que gente que nem eu também podia escrever foi o máximo para mim. Ali, decidi que iria cursar Letras, para poder também escrever. Escrever sobre mim, sobre outros “eus”. Validar o que sentia, mostrar que eu estava ali. Eu faço alguma diferença no mundo, tem gente que escreve sobre mim. Sobre a anonimidade nas favelas, na periferia. Sobre as vidas menos valorizadas, as que quando morrem não passam no jornal. As que estão ali sempre, as vendedoras, manicures, diaristas, taxistas. Mas invisíveis, reduzidas ao quase não humano.

Tem gente que escreve sobre essa gente. Tem gente que vê essa gente.

Eu vejo. Eu quero que vejam também.

Quero ver livros sobre mulheres negras pobres sendo vendidos por aí. Filmes com protagonistas negros, indígenas, amarelos. Quero ver gente velha sendo protagonista. Quero ver filmes que falam sobre as dores, os sonhos, as frustrações de um motorista de ônibus. Quero saber o que levou cada morador de rua a estar ali. Quero ver gente de verdade, gente que nem a minha professora, que nem o porteiro, que nem a minha mãe.

Os olhos d’água, sempre secos, se umedeceram um dia. Ela chorou copiosamente em meus braços, eu soube coisas que nunca imaginei. Suas frustrações, seus arrependimentos (vindo à tona agora que se via entre a vida e a morte), seus amores. Era a primeira vez dela vivendo também. Ela sonhou, ela amou (e muito), ela fez idiotices, teve medo, teve paixão, teve inveja.

No dia seguinte, ela morreu. Morreu tão leve, que sinto que ela foi para o céu um pouquinho antes de morrer.



Hoje sou formada em Letras, estou escrevendo meu primeiro livro. Sou a primeira e única formada da minha família, mas não por muito tempo. No aniversário de 15 anos da minha irmã, dei a ela o livro “Olhos d’Água”. Hoje ela está estudando para o vestibular e decidiu que quer fazer justiça, vai ser advogada. A mamãe estaria orgulhosa se estivesse aqui, mas parte dela ainda está. Parte comigo e com todos que um dia foram dignos do seu amor, e uma parte neste livro.

Prefácio da obra “Catarse”.



A profundidade das coisas



Escrito por
Angelina Quevedo Bakargi

Texto inspiração: *O Quinze* (Rachel de Queiroz)



Após fazer uma oração e dar um beijo de boa noite em seu filho, Anunciação caminha em direção à porta e escuta:

– E essa chuva, mãe? Não vai acabar nunca? Eu tenho medo – Ele diz, com melancolia em sua voz.

A mãe interrompe seus passos e pensa sobre como iria responder uma pergunta para a qual ela não tinha a resposta.



– Vai sim, meu filho – Responde, pausadamente. Nem ela acreditava nisso, mas ela sabia que tudo que saía da sua boca, tornava-se verdade para seu pequeno.

Seu filho, Josué, era um menino retraído, muito amoroso e tinha medo de tudo. Tinha medo do escuro, medo da chuva, tinha medo de perder sua mãe. Anunciação não era uma mulher religiosa, sequer acreditava em uma divindade, mas instituiu o hábito de rezar com ele antes de colocá-lo para dormir. Isso acalmava o menino e deixava-o menos temeroso.

Viviam juntos, os dois e a mãe de Anunciação, numa cidadezinha no interior de Minas Gerais. No ano retrasado, quando sua mãe faleceu, recebeu uma proposta de emprego e se mudaram para Porto Alegre, “Cidade Alegre”, como ela chamava para cativar seu filho com a ideia de um recomeço em um lugar diferente e feliz. Levaram junto das poucas coisas que colocaram na mala, a coleção de xícaras da falecida mãe e álbuns de fotografias.

As chuvas, que antes vinham e voltavam, agora não paravam, o que assustava os dois: o pequeno com seu temor e Anunciação afligida em ver seu filho angustiado. Nenhuma mãe conseguiria estar bem vendo seu filho assim.

E se pensava que estava passando por um momento ruim, não cogitava o que estaria por vir nas semanas seguintes. Chuva ininterrupta, pesada, grosseira, agressiva. Os desastres que costumava ver nas notícias ou nos livros de história se tornaram o cotidiano. Enchentes, deslizamentos de terra, tempestades. Era como um pesadelo, mas não se podia acordar.

Imagina-se que o único lugar seguro é a sua casa, mas e quando ela é levada pela água malfeitora? E quando a água entra sem nem ter sido convidada e vai subindo, ocupando



todos os espaços, água invasora, até deixar tudo inundado? Memórias apagadas pela água, esforços se esvaindo como se fossem nada.

Lutou para montar aquela casa e comprar os móveis. Mas o que perderam foram as recordações de um tempo que não volta, objetos tão importantes que nenhum dinheiro no mundo poderia comprar. Não lembrava direito como foi o dia que precisaram desocupar a casa, mas sonhava com isso frequentemente. Sonhava acordada, porque não conseguia dormir há dias.

Estavam em um abrigo agora, um lugar úmido e abafado. Era escuro, não tinha energia elétrica e parecia começo de noite o tempo todo, cheio de mosquitos. Foi dada uma coberta para cada um e uma lanterna para cada família, que ela deixava com Josué, que estava constantemente com medo.

Ela não comia bem, não bebia água e não dormia. Estava sempre pensando no seu filho. Só queria tirá-lo dali e nunca mais queria ver seu filho com medo, daquele momento em diante. Não conseguia descansar. De noite, quando deitava, o tempo não passava. Torcia para que fosse tudo um pesadelo e acordasse em um lugar seguro com Josué. Não lembrava a última vez que teve uma boa noite de sono, emendava um dia com outro, sem descanso. Quando tentava dormir, usava todo esforço do seu corpo para tentar lembrar de momentos bons.

Na última noite, tentou lembrar de um dia exatamente uma semana antes de saírem da casa, quando comemoravam que a altura de Josué já “batia” na cintura da mãe. Ela recordava de pensar “como meu menininho está crescendo rápido”.

Não conseguia chorar também, era como se o choro sempre estivesse ali mas não saía. O peito apertava, não



conseguia respirar, às vezes tinha medo de infartar mesmo sendo jovem, assim como a sua mãe, e então repetia para si mesma “Não posso deixar Josué sozinho”, “Ele precisa de mim”. O medo doía, o pesadelo não acabava. As lembranças voltavam o tempo todo, não tão nítidas, mas sempre se acrescia algum detalhe. Às vezes não sabia distinguir se estava desperta ou em um transe.

“A água começou a entrar na minha casa, e sem eu perceber já tinha palmo de altura. Comecei a gritar pelo nome do meu filho, mas eu não me movia, meus pés estavam enraizados no chão. Eu gritava cada vez com mais força, mas cada vez eu escutava menos a minha voz. A água estava nos meus joelhos, minha garganta arranhava de tanto gritar, mas eu não ouvia. Era como se tivesse água nos ouvidos. Eu não sabia onde meu filho estava, não sabia se eu conseguia ir até ele ou se ele conseguia sair de onde estava. A altura da água já estava na minha cintura, exatamente a altura do meu filho, que comemoramos semana passada. Eu não o via e nem escutava, eu não me escutava, eu não sabia se ele conseguia me ouvir e nem sabia se ele estava seguro. A água não parava de subir, me encharcando e me apertando. A água fazia força como se eu estivesse sendo esmagada, por todos os lados. Eu não sabia mais se ainda conseguia gritar, eu não conseguia me mover, eu não conseguia fazer nada, eu estava impotente. A água chegou acima dos meus ombros e subindo, como uma mão apertando minha garganta.”

De sobressalto, acorda sem fôlego e estava tudo escuro e silencioso. As pessoas dormiam, Josué dormia. Anúnciação podia vê-lo ainda que não estivesse tão perto, pois estava próxima ao banheiro, era madrugada e foi percebendo aos poucos o que estava acontecendo. Levantara-se para ir ao banheiro e num canto, sorratamente se escondia um



homem muito alto, de expressão impiedosa o qual ela não conhecia e em questão de segundos ele a jogou no chão, no espaço entre os banheiros masculino e feminino. Ela bateu a cabeça no extintor de incêndio e ao recuperar a consciência, notou o que ele tentava fazer. Relutou e tentou gritar, mas era um pânico tamanho que a voz não saía alta o suficiente. Debateu-se e levou uma bofetada que a desnortou e arrancou de sua garganta um urro mais audível por socorro. Quando ele quase conseguia rasgar sua blusa, um casal se aproximou a passos rápidos. Era um senhor e uma senhora idosos, que ela soube depois que eram um casal e que era ela quem havia percebido a situação e o chamado para ir ao socorro de Anunciação.

O senhor em questão tinha setenta e poucos anos, mas era um senhor forte e tão alto quanto seu agressor e sua atitude firme fez aquele homem repugnante recuar enquanto emitia palavras que mais pareciam grunhidos e afastando-se rapidamente. Infelizmente, pouco puderam relatar às autoridades devido a sua pressa em se afastar, à escuridão e a todo pavor das circunstâncias.

A sensação de irrealidade aumentou, vivia uma distopia. Não havia fuga, apenas a incessante sensação de que este pesadelo angustiante era eterno, uma prisão da qual jamais se despertaria. Só queria que tudo voltasse ao normal, mas ela sabia que isso iria demorar. As chuvas não paravam, e quando parassem, tudo estaria destruído, a cidade seria um caos. Tudo exatamente o oposto do que ela prometeu a Josué.

Se havia coisa impensável para Anunciação naquele momento, era a existência de um Deus. Um Deus bom. Só conseguia pensar o que fez para merecer aquele tormento, mas então pensou “a pergunta não é por que ‘eu’ estou pas-



sando por isso. E as crianças e animais, o que eles fizeram para merecerem passar por isso? Tantos morrendo, que Deus acredita que crianças têm que morrer?”

Que Deus é esse, que não impede mortes inocentes? Não tem sentido. Para que acreditar em um Deus mau? Ou senão, um Deus impotente, que via o que acontecia e não podia fazer nada. Do que adianta acreditar? “Quantas crianças Deus já tinha matado?”, era um trecho de uma música que não parava de passar na cabeça de Anunciação. Mas somente esse trecho, incessantemente, como um eco. Não conseguia nem lembrar de qualquer melodia de música, era incapaz de pensar em música.

Estava tomada se um sentimento sem nome - não conseguia pensar em nada bom, sentia como se o mundo estivesse acabando, mas para sempre. Sentia que vivia um apocalipse sem fim, não mais pensando na sua condição no abrigo, com as enchentes. Mas na sua condição humana, sentia que o fim estava próximo, mas um fim eterno, um inferno ainda maior. A maldade das pessoas não tinha pausa nem em um momento como aquele, que mundo é esse que seu filho terá que enfrentar? Imaginar o pequeno Josué sozinho nesse mundo era demais para Anunciação, que apagou sem saber quando, ou onde. Perdeu todos os sentidos, o cansaço chegou em seu ápice.

Acordou no que achava ser o dia seguinte, porque as horas passaram estranhas no seu sono, talvez dormira por duas horas ou dois dias. Acordou com Josué chamando-a, para tomarem café da manhã. Começou, então, a lembrar-se de tudo que havia acontecido, o sentimento não parecia mais só uma emoção, parecia algo sólido subindo pelo seu corpo, até se posicionar bem no meio do seu peito, dificultando a respiração. Tinha uma pedra dentro de si, muito pesada, parecia que até andar pesava mais.



O dia passou, e outros dias se passaram. Anunciação nem percebeu que a chuva havia parado. Era a mesma rotina todos os dias, junto dos outros desabrigados. Agora, parecia ter mais voluntários. Tinha uma movimentação maior, mais gente circulando. A luz solar pôde finalmente entrar, tinha mais vento e a respiração começou a ficar mais fácil. Durante as noites, passou a estar mais perto de Josué, com medo de que fizessem qualquer mal a ele.

Dias se passando, e apesar de não concretizar esse pensamento no consciente, Anunciação ficara admirada e surpreendida com quanta ajuda estavam recebendo. Via notícias ou então ouvia as pessoas comentarem quantos famosos e ricos doaram, e quantos anônimos também ajudavam e se prontificaram ali, para os ajudar. Não sabia quão importante o sol era para deixá-la feliz, mas então descobriu que nunca conseguiria sentir felicidade de novo se não houvesse sol.

Ela via quantas pessoas estavam saindo de suas casas seguras para ajudar. Certo dia, viu uma moça conversando com Josué, que pela primeira vez conseguia conversar com alguém longe de sua mãe, e ele sorria. Anunciação também sorriu, ver pessoas tratando seu filho bem sempre trazia um bom sentimento.

Entretanto, ainda estavam sem energia elétrica. De noite, a escuridão tomava conta.

Nessa noite, Anunciação, quase pegando no sono mas sempre preocupada, escutou Josué chorar. Antes que pudesse dar um salto e ir imediatamente socorrer seu filho, escutou uma voz conversando com ele. Uma voz baixinha, fininha. Atenta como um cão de caça, começou a ouvir a conversa, preparada para ir ajudá-lo a qualquer momento.

As duas vozes fininhas, vozes de duas crianças como constatou depois, conversavam. A menina que falava



com Josué tentava consolá-lo. Ele estava com medo, havia perdido a lanterna. Anunciação sabia que ele morria de medo do escuro. Depois de acalmá-lo, a garotinha na mesma idade de seu filho, entregou sua própria lanterna a ele.

Anunciação baixou a guarda e se preparou para voltar a dormir, quando viu que o diálogo voltou. Sem conseguir ouvir muito bem as vozes baixinhas cochilando, viu a menininha deitando ao lado do seu filho, eles dividindo a lanterna e adormecendo juntos.

A inocência e bondade das crianças foram um ótimo relaxante para Anunciação dormir.

Estava tudo inundado, mas não era somente água. Havia muita maldade para agravar mais tanta tragédia. Infelizmente, ela sentiu na pele que o ser humano podia intensificar o mal e tornar suas cores mais intensas. Roubar, enganar e violentar quem já perdeu tudo, quem já perdeu tanto... Nunca se acostumaria com isso. Mas agora se sentia inundada de outra coisa: vontade de viver.

O diálogo que presenciou na noite anterior não era mais como a água que destrói e mata, mas parecia remeter à água que sacia a sede, a água que abriga no útero, à água que livra do calor e da sujeira, a água que alimenta a raiz das plantas e traz o verde das folhas e os frutos que nos alimentam.

Seu olhos se abriram para o movimento dos voluntários trazendo e organizando as doações de roupas, alimentos do mundo inteiro, de ricos que deixaram seu conforto e foram eles mesmos com seus recursos socorrer e ajudar, dos menos afortunados que trouxeram apenas sua misericórdia, seu amor e a força de seus braços, dos que trabalhavam incansáveis para resgatar pessoas e animais. De repente eram seus olhos que estavam inundados de água.



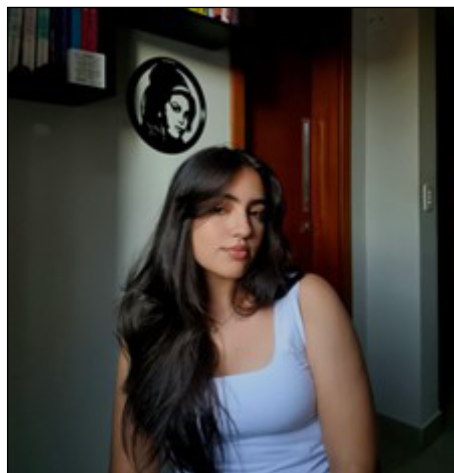
Passou a olhar para aqueles que ela mesma podia ajudar, sentiu essa necessidade. Cuidou de uma criança para uma mãe descansar ou tomar um banho, deu atenção a um senhor que parecia muito assustado e desorientado por estar fora de seu lar em meio a tanta gente e, ao ouvir suas histórias e olhar em seus olhos, sentiu que pôde acolhê-lo. Pequenas coisas fazem, sim, diferença.

A chuva estava dando trégua. Os dias se passaram e ela soube que alguns puderam voltar para suas casas, começaram a limpeza e as reconstruções necessárias. Em uma noite ela acolheu Josué em seus braços, pensou no recomeço e que com ele e por ele ela teria forças para vencer as dificuldades que enfrentariam. Ele suspirou e disse que quando estava perto dela parecia que tudo ia ficar bem.

Maria da Anunciação teve vontade de fazer uma oração com seu filho novamente.



Esse grito não é meu



Escrito por
Maria Clara de Freitas Barcelos

Texto inspiração: *A Hora da Estrela* (Clarice Lispector)



Acabava de chegar. Tinha o pé direito já dentro, o esquerdo se encaminhando para o mesmo fim. Era possível sentir seu cheiro amadeirado, que se espalhava pelo cômodo. Senti minhas mãos escorregando na maçaneta ao fechar a porta. Não era a primeira vez que te recebia em casa. Seus braços enlaçaram minha cintura e me deixaram em estado de inércia. Te ver sentado

na bancada da cozinha, me esperando, com sua presença de estrela quente, me causa um arrepio.

*

Passar pela mesma cozinha agora deixa minha voz entalada na garganta, invisível ao som intenso da sua, mesmo sem presença alguma. Meu grito não tem direção nem sentido quando seus ouvidos só se abrem para meu sim.

Na sala, vestígios de frango desfiado ao molho de tomate entre as dobras do sofá e tapete. Almofadas reviradas. Vidro no chão. O abajur caído. Como se ele se curvasse aos seus pés. Daquele jeito que você gosta.

Me lembro do seu olhar tão cheio de ternura. Tanta que jorrava pelos olhos. Criava em seu rosto a cobertura mais perfeita para o meu juízo de sensibilidade.

Não.

Não vou me render.

Não posso mais.

Vou ao banheiro. Lavo as mãos. Vejo manchas no braço. Roxas. O reflexo à minha frente tem um grande traço vermelho-vivo na bochecha esquerda. A dor pinica cada célula do corpo. Valeu a pena tentar?

A noite anterior se repete em minha mente e todas as sensações na minha pele. Se não estivesse seca, as lágrimas cairiam novamente. Eu tinha tudo. Tinha o queixo erguido, postura reta e a voz no melhor tom. Tinha certo o meu roteiro mental, já havia decorado todas as letras, palavras, cada expressão que usaria para evitar conflito maior.

Ao proferir as duas primeiras palavras, o trem já tinha se descarrilado.



“Tudo no mundo começou com um sim”. Mas se eu quiser que tudo no mundo acabe, Clarice, acaba no não?

Não falo nada. Não tenho direito ao grito, só ao sussurro.

Então eu sussurrei. Gaguejei. Não pude evitar o grito. Não consegui. Nunca consigo.

Se ao menos o grito fosse meu, eu faria...

Se ao menos o grito fosse meu.

Eu faria.

Faria mesmo?

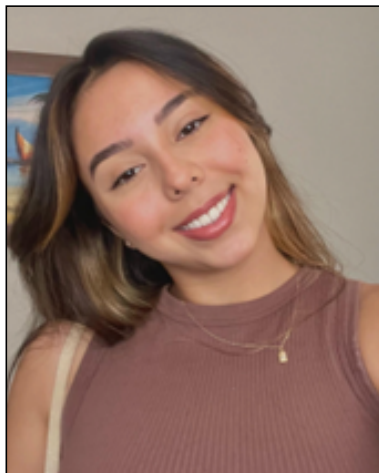
Acho que não.

Existe algo a se fazer afinal? É condenação. Destino banal. Nada que uma mulher não possa aguentar, não é mesmo? Porque somos fortes, poderosas, indestrutíveis. E claro, nenhuma felicidade vem sem sacrifício. A mão que castiga é a mesma que faz carinho.

De todo sacrifício só não fiz o maior deles. Aquele que deu honra ao filho do Senhor. Que nasceu da Virgem Maria. Que pagou pelos nossos pecados. Salve, Rainha, mãe de misericórdia. E toda vez que insistia em me perguntar se eu morreria por você, nunca tive a ousadia de pensar porque me queria morta.



Diário de uma desprovida de encantos



Escrito por
Isabelli dos Santos Guaripuna

Texto inspiração: *A Infanta Carlota Joaquina*
(Cecília Moncorvo de Mello Rebelo)



4 de fevereiro de 1790

Querido diário, hoje tive o que chamam de “chico” e, sinceramente, é o pior dia da minha vida pois agora meu casamento pode ser consumado.

Sei que ninguém nunca lerá essas palavras que escrevo, mas acaso alguém lesse provavelmente indagaria o porquê de tanta amargura visto que agora tenho um companheiro,



mas a resposta é simples: eu estou sendo forçada a realizar a dura tarefa de amar. Ainda menor, lembro de sonhar com o meu príncipe encantado, ele era robusto e alto, moreno dos olhos e cabelos escuros com uma feição dócil e, além de tudo, era o homem mais educado e gentil que minha mente poderia conceber, mas então cresci e o que a vida, ou melhor, meus pais prepararam para mim, foi deprimente. Meu marido tem vinte e dois anos enquanto possuo quatorze e me vejo presa, oprimida e obrigada a seguir regras e deveres de alguém que não quero ser. Ele não se porta como um homem respeitoso e de bons modos e o que realmente me aterroriza é pensar em estar ao lado dele na noite de núpcias...

5 de abril de 1790

Foi tudo pior do que eu imaginava, nem sequer escrevi mais em meu querido diário temendo o dia de hoje, que infelizmente chegou. Sempre pensei que a noite de núpcias era um momento especial, uma única oportunidade de celebrar a união, mas eu nada tenho a comemorar.

Eu estava ajoelhada apoiando-me na nossa cama, em nosso quarto, pedindo a Deus que tirasse a sua pobre filha daquela situação e então o monstro abriu bruscamente a porta. Ele estava todo sujo de frango, o qual também adorava devorar, arrotando todos os ares podres vindos de dentro daquele buraco tenebroso, enquanto vinha em minha direção. No tempo de eu piscar meus úmidos olhos, aquela criatura estava puxando para cima meu vestido de seda branco, branco como a cor da minha pureza, da minha inocência, da virtude que me foi arrancada com dureza, sem o mínimo de respeito, piedade e carinho... Apenas consegui



arranhá-lo e morder com toda a minha força as orelhas daquilo que era obrigada a chamar de marido, afinal o que mais poderia fazer? Os berros do monstro atraíram almas cegas e curiosas, as quais riram da situação ao saberem no outro dia que mais uma vez era evidenciado como em mim não havia encantos. Não vejo mais sentido em meus dias, nem mesmo em minhas palavras que de nada valem, isso é um adeus meu querido diário, também mudo...

A voz silenciada, a flor que desabrocha

Escrito por
Lorenzo Tresl Bordado de Brito

Texto inspiração: *Macabéa, Flor de Mulungu*
(Conceição Evaristo)



Em uma pequena aldeia, onde as sombras da tradição se estendiam longas e opressivas, vivia Ana. Uma jovem de olhos brilhantes e mente inquieta, que sonhava com um mundo além dos muros daquela comunidade.

Inspirada pelas histórias das Macabéas, mulheres fortes e resilientes que marcaram a história, Ana ansiava por romper as barreiras que a aprisionavam. Naquela sociedade, as mulheres eram vistas como meros instrumentos para a procriação e o serviço doméstico. Seus desejos e ambições eram sufocados, suas vozes silenciadas. Ana, no entanto, recusava-se a se conformar. Observava as outras mulheres, submissas e resignadas, e sentia uma profunda tristeza.

Um dia, durante uma reunião da comunidade, o ancião, com sua voz carregada de autoridade, anunciou: “As mulheres devem conhecer seu lugar. A casa e a família são seus domínios. Qualquer desejo de ir além disso é uma



afronta aos costumes e à ordem divina.” Ana levantou-se, sua voz firme ecoando no silêncio que se seguiu. “Mas e nossos sonhos, ancião? E nossos desejos de aprender, de crescer? Não temos o direito de buscar mais da vida?” A comunidade a olhou com espanto e reprovação.

As mulheres, que antes se mantinham caladas, agora trocavam olhares nervosos. O ancião, enfurecido, a acusou de ser rebelde e desrespeitosa. Mas Ana não se intimidou. “As Macabéas, mulheres de fé e coragem, desafiaram as convenções de sua época. Elas nos mostraram que é possível sermos fiéis a nós mesmas e, ao mesmo tempo, contribuir para o bem da comunidade.” Suas palavras como que despertaram uma chama nas outras mulheres. Uma a uma, elas começaram a se manifestar, compartilhando seus próprios anseios e frustrações.

A reunião, que se iniciara como um ato de opressão, transformou-se em um espaço de empoderamento. A partir daquele dia, a vida na aldeia nunca mais foi a mesma. Ana e as outras mulheres passaram a se reunir em segredo, estudando, trocando ideias e planejando um futuro diferente. Elas aprenderam a ler e escrever, a cultivar a terra e a produzir seus próprios alimentos.

Com o tempo, a resistência delas se fortaleceu. A comunidade, inicialmente hostil, começou a perceber a importância do trabalho das mulheres e a valorizar seus conhecimentos. A mudança foi lenta, mas gradual. Ana tornou-se uma líder inspiradora, mostrando a outras mulheres que era possível romper com os padrões estabelecidos e construir uma vida autêntica.

A voz que antes era silenciada, agora ecoava forte e clara, inspirando gerações futuras. A história de Ana nos



ensina que a luta pela igualdade é um processo contínuo. Que a força da união feminina é capaz de transformar realidades e construir um mundo mais justo e equânime. Que a semente da esperança, uma vez plantada, pode florescer e transformar o deserto em um jardim. A flor que antes era pisoteada, agora desabrochava em toda sua beleza, espalhando sua fragrância por toda a aldeia e inspirando outras a fazer o mesmo. A voz silenciada, finalmente, encontrava sua voz.



Parte II – Crônicas



O amor é trégua



Escrito por
Angelina Quevedo Bakargi

Texto inspiração: *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*
(Conceição Evaristo)



O mundo anda tão complicado, desde sempre. Mas o amor é descomplicado.

O amor é simples, o amor flui, sem manivelas. Se exige “malabarismo” demais, não é amor. Lendo a obra “Regina Anastácio”, refleti, porque ali estava uma história de amor que enfrentou complicações, mas o sentimento sempre foi natural e nítido. Isso é amor.



É uma força imensurável, é capaz de vencer quando tudo está contra. Quando o mundo está complicado, o amor sempre é trégua. O mundo tem diversas interpretações, é confuso. E o amor não causa dúvidas, não existe incerteza quando se trata de amor.

Na obra, as famílias de ambos os amantes são contra o relacionamento. A sociedade da época era contrária também. O mundo estava contra eles, mas eles estavam juntos, nada seria suficiente para afastá-los. E lendo o conto, me lembrei também da música “O Mundo Anda Tão Complicado”, da banda Legião Urbana. Fala de um amor quase inocente, um sentimento infantil, sem maldade, sem vaidade, sem tensão. Não existe disputa, existe amizade, parceria.

O conto pintava um quadro do mundo ao nosso redor, um retrato de uma sociedade conturbada e preconceituosa, mas em contraste, também retrata o sentimento mais honesto e belo que existe. “O Mundo Anda Tão Complicado” é uma crônica musical que nos convida à reflexão. No turbilhão de acontecimentos que permeiam o mundo atual, onde a vida parece se desdobrar em uma complexa série de relações e problemas, existe um refúgio, um oásis de simplicidade que nos envolve e nos faz acreditar em algo maior: o amor.

Tenho visto através das notícias a repetição de fatos, em releituras de temáticas ainda não superadas há séculos, “um museu de grande novidades”, como diria Cazusa: Intolerância, guerras e ódio. Tantas complicações e obstáculos. Tanto caos, tanta confusão, tantas entrelinhas.

Um mundo onde pessoas são tratadas de formas diferentes por causa da cor da pele; como no conto, que se passa no início do século passado, mas também como ocorreu



semana passada. Pessoas impedidas de amarem porque têm cores de peles diferentes, pessoas atacadas por causa de sua cor. Sempre “mais do mesmo”.

E qual a razão disso? Por que tanto ódio? Por que algumas pessoas se acham no direito de despejar ódio nos outros? E além desse fato, existe o avanço das tecnologias, a guerra, riqueza demais para poucos, falta do básico para muitos. Enquanto o mundo se complica, com suas incertezas e desafios, o amor surge como uma resposta e traz alívio para as almas cansadas. Ele é uma força capaz de trazer paz em meio à tempestade, de curar feridas e de encher os dias de luz e esperança. Às vezes, é apenas uma fuga do mundo real.

O amor é um sentimento poderoso e genuíno, capaz de transcender as barreiras que o mundo cria. Ele não conhece fronteiras, não se prende a diferenças de raça, classe ou religião. É simplesmente um elo que conecta as pessoas em sua essência mais profunda. É nos gestos simples que o amor se revela.

Enquanto o mundo nos impulsiona a correr, a buscar sucesso e reconhecimento, o amor nos convida a desacelerar e apreciar os momentos mais singelos da vida. É nas risadas depois da escola que nos fazem perder o ar, nos olhares trocados que valem mais do que qualquer palavra, uma conversa para esquecer um pouco do trabalho, assistir o pôr do sol com alguém que te faça esquecer dos seus problemas, é naquele sentimento que nos faz sentir em casa, que encontramos a verdadeira essência do amor.

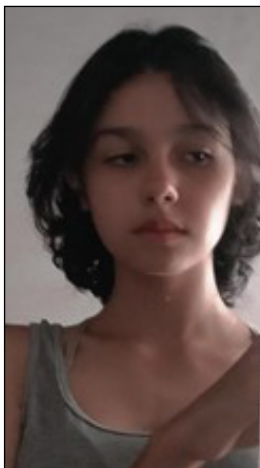
No caos do mundo, o que precisamos é o conforto e a calma que o amor nos trás. A sensação de se entregar por inteiro, sem preocupações e sem dúvidas. A cada dia, li-



dando com o mundo e inquietações desde o nascer do sol.
O que mais se pode esperar além de um poente, diante do
qual a vida traz sentido e harmonia?



Guerreira Dandara



Escrito por
Giovana Manuela da Silva Garcia

Texto inspiração: *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*
(Jarid Arraes)



Qntem estava organizando algumas coisas da casa. Enquanto minhas mãos trabalhavam agilmente, minha mente aos poucos se distanciava. Com o foco no presente, penso em algo mais recente: o que irei fazer ao decorrer do dia? Estou de férias, então minhas tarefas mais recorrentes no momento são finalizar as atividades da escola que estão pendentes. Recordo a crônica que preciso fazer e seu tema: um livro sobre 15 heroínas brasi-



leiras, onde suas histórias são contadas em cordéis. Ainda preciso decidir qual das 15 escolher, portanto, tento lembrar algumas, as que mais me chamou a atenção. Então me lembro de Dandara dos Palmares. Sua história me cativou – me surpreendeu quando contou a razão de seu óbito – uma heroína que encarou a morte para negar a escravidão. Porém, após ler o seu cordel questioneei: por que não ouvi seu nome e sua história antes? Digo, sabia sobre seu parceiro Zumbi dos Palmares, mas por que não havia conhecido Dandara? Era igualmente guerreira, igualmente histórica.

Começo a definir se vou fazer a crônica sobre ela ou não. Lembro quando estava no fundamental e tive o meu primeiro contato com o assunto “escravidão”, na aula de história. Ensinararam sobre a colonização do país e sobre aqueles que perderam a liberdade de forma desumana. Me espantava tamanha crueldade, a desconsideração com o outro mascarada com uma estúpida ideia de que aqueles dos quais tiravam a liberdade eram inferiores. A insensibilidade ofuscando a visão do outro como um igual a ti. Os escravos eram capturados e colocados em uma vida miserável; muitos nessa situação ficariam enfurecidos, porém, estranhamente não me lembro de contarem dessa parte. As revoltas e lutas eram deixadas de lado, pulavam logo para a abolição da escravatura e depois não voltavam ao assunto. Alguns dos que lutaram eram mencionados e tinham destaque, me lembro de Zumbi e seu quilombo, mas Zumbi está longe de ser o único guerreiro e seu quilombo o único existente.

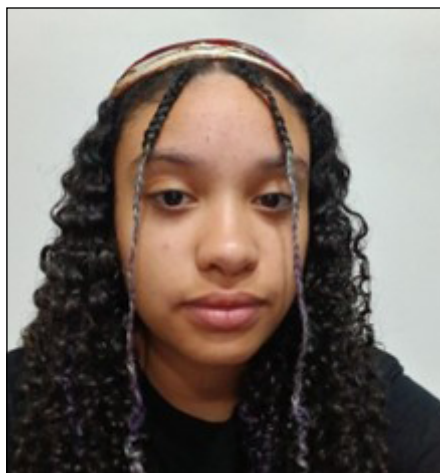
Penso novamente em Dandara e decido ler sua história mais uma vez, agora já mais convencida com a ideia de escrever sobre ela. Vejo que em certa parte é mencionado “que quase como lenda, não há provas de sua vida”; percebo uma possível explicação para sua invisibilidade, mas sei



que não apenas por isso é desconhecida. Na escola, aprendemos sobre diversas figuras importantes, principalmente nas aulas de história. Porém, essas figuras dificilmente incluem mulheres e pessoas pretas. Imagino quantas pessoas de feitos importantes e ideias brilhantes foram excluídas, isso me revolta. Quando criança, sei que adoraria saber a história de Dandara, é inspiradora e admirável tamanha coragem e bravura. Mas não foi o caso, nem foi mencionado seu nome. Agora eu busco essas pessoas de tamanha importância por conta própria – e sempre encontro novas histórias, novas inspirações – dessa vez foi Dandara.

Assim, com a chegada da noite eu já havia me decidido, escreveria sobre esta guerreira. Mencionaria o nome que não me foi mencionado, daria destaque para alguém que foi ofuscado. Não contarei sua história aqui, mas dei motivos para que tu, leitor, procure-a. Caso leia os cordéis das outras 14 heroínas, procure sobre elas também – todas são guerreiras formidáveis e possuem motivos para serem chamadas de heroínas – naquela noite fui dormir com a decisão em mente e as ideias se formando. Meu último movimento foi fechar os olhos. Meu último pensamento foi: se minha criança pedisse por uma história de herói, eu lhe contaria a história da Guerreira Dandara.

Lida de mentiras



Escrito por
Amanda Messias Silva

Texto inspiração: *Água Funda* (Ruth Guimarães)



Chegaram a mim com lindas promessas ilusórias, com falsas propostas de um trabalho melhor.

Mais dinheiro, mais descanso, menos trabalho e mais reconhecimento, um verdadeiro luxo para um simples caboclo xucro.

Sua realidade simulada me encantou os olhos; e minha falta foi acreditar.

Mas como não? Parece até que sabiam de meu anseio por um futuro melhor. Suas palavras fingidas e sua história fictícia convenceriam a qualquer um.

E eu, bruto e ignorante, estava desesperado por ser tratado como gente. Então fui.

Cheguei e fui recepcionado logo pelo chefe. Chamava o velho branco, gordo e baixo de chefinho.

Na lida logo percebi a falcatrua, não recebíamos em espécie, mas em tickets que só poderiam ser usados no mercado de nosso chefe. Mercado esse em que os preços eram exorbitantes.

Além disso, tínhamos que trabalhar até depois do braço cansar e isso foi demais para mim.

Tentei me demitir, mas ai de quem o tentasse. O nosso chefe vinha com umas dívidas que nem nós sabíamos que tínhamos, ficávamos amarrados a ele até o pescoço por conta disso, e pra piorar mandavam gente pra nos vigiar, com medo de que tentássemos fugir.

Se alguém não andasse na linha, apanhava. Se alguém não fizesse o trabalho, apanhava. Se alguém buscasse liberdade, apanhava. Se alguém reclamasse, apanhava. Se alguém respirasse na hora errada, apanhava. Cada açoite cortava a alma, com uma dor que nos maltratava. Às vezes com motivo, às vezes sem nenhuma razão, mas quem é o caboclo pra questionar retaliação.

E era assim, a cada dia nos afundávamos em mais dívidas vindas do além, trabalhávamos sem parar e ainda não era nem perto do suficiente para alcançar a liberdade. O desespero por um emprego melhor, se tornou o desejo de voltar atrás.



Eu passei a contar os suspiros que me faltavam para entender que não havia esperança.

Doía e ainda dói tanto. Minhas feridas nunca vão cicatrizar, e a minha liberdade eu nunca vou encontrar.

Nosso chefe, nosso chefinho, nos devorou, nos lançou ao caos, e fez de nós um jarro vazio.

Tal como uma serpente ele nos engoliu, encheu seu estômago com nossas vidas e então nos vomitou.

Que a violência cometida contra nossa carne esteja sobre aquele velho maldito.

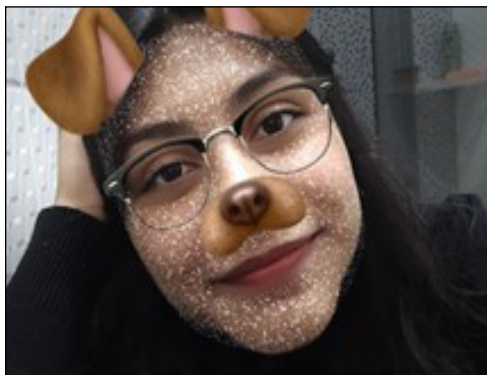
Que o nosso sangue esteja sobre aqueles que nos vigiavam.

E que suas casas todas se tornem um amontoado de ruínas, uma habitação de pulgas, objeto de zombaria, um lugar onde ninguém vive.

O mal que nos foi feito é impossível de traduzir em palavras. Nosso choro nunca foi ouvido do meio das matas. Nossa dor precisa ser contada. Mas ninguém entenderá completamente, ninguém poderá nos recompensar.

Deixamos nossas famílias para viver num mundo melhor, mas ao chegarmos na lida, abdicamos de nossa vida e a tristeza que sentimos deixou cicatrizes que nem o tempo pode apagar.

Floresça como mulungu



Escrito por
Maria Clara Nantes Fernandes

Texto inspiração: *Macabéa, Flor de Mulungu*
(Conceição Evaristo)



O mulungu é uma árvore encontrada nos países sul-americanos, sendo comum no sudeste do Brasil. A árvore floresce em meados de agosto, prolongando-se até o final de setembro. As flores são alaranjadas e as pétalas são longas, finas e espessas.

Mas o interessante é que essas flores brotam no final do inverno, no clima 'errado' já que normalmente as flo-



res começam a nascer em setembro quando inicia-se a primavera. Porém em setembro as flores de mulungu já estão murchas e no final de seu ciclo de vida.

Além de florescer no inverno as árvores de mulungu ficam sem folhas quando estão na flora, proporcionando uma linda paisagem.

Existem muitas mulheres mulungus.

Mulheres estas que encontram força mesmo na sua pior estação para florescer.

Mulheres que estão lutando para doar seu melhor.

Mulheres que perseveram diariamente para dar o seu melhor.

Mulheres que são símbolo de força e determinação.

Mulheres que aprenderam como serem fortes e a fortalecer outras pessoas.

Mulheres que mesmo sem saber servem de inspiração para outras.

Mulheres que encontram motivos para sorrir mesmo em meio ao caos e à sequidão.

Parte III – Poemas



Poema para ninar meu filho Oscar



Escrito por
Isabela dos Santos Calado

Texto inspiração: *A Divorciada* (Francisca Clotilde)



Eu queria a sorte de um amor tranquilo
Desejava amor e queria ser amada
Mas, como mulher, sabia bem o que me aguardava.

Na minha época, filho, não se casava por sentimento
Abandonei minha felicidade pela de meu pai
E vi o amor da minha vida sumir mar adentro.



Há muito tempo que meu marido também se foi
As tardes com você eram como a escuridão, como a dor
Porque você nunca vai conhecer o homem que eu
conheci.

Talvez nem ao que era meu amor, e nem a seu pai
Pois o primeiro partiu para não sofrer com o desprezo
E o segundo ficou só pra nos fazer sofrer.

Casada com a vergonha de ter um marido odioso
E sem esperança de um casamento feliz
Eu vivia naufragada às margens da sociedade.

Seu avô me percebia triste e sabia a razão,
Meu disfarce de boa esposa não enganava ninguém,
E ele quis, como um bom pai, me compensar.

Ele ofereceu o oásis, a liberdade, o divórcio
Mas pelas minhas pesadas amarras, eu rejeitei
Eu tinha um dever, era o que me foi ensinado.

Humilhada e desonrada, já não sabia o que fazer
A única opção que me restava era a separação
O que também me deixava em desgraça.

Mas às vezes, Oscar, o final é feliz e assim foi o nosso
Eu ganhei o título de divorciada e logo depois o de
esposa
E você, finalmente, conhece o amor que eu conheci.

Filho, eu te conto nossa história porque quero você
como um rio

Um rio que deságua no oceano somente bondade e
amor

Mas para isso, é necessário conhecer a nascente.



Opção



Escrito por
Isabelli dos Santos Guaripuna

Texto inspiração: *Olhos d'Água* (Conceição Evaristo)



Opção?

Aqui não tem disso não.

Aquele irmão escolheu a prisão?

O parceiro que ofereceu o dinheiro

Dinheiro fácil, ágil, abalável.

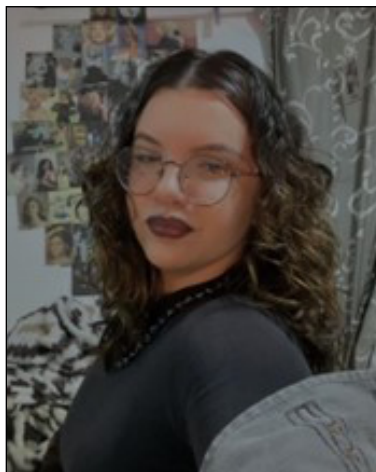
Desde criança já tinha que tramar

Se o pão quisesse comprar

E por falar em comprar,
Quem vai comprar de volta aquela vida?
Vida tirada com uma bala,
Bala apressada.
Mas vão, sim, podem comprar
A família vai comprar
O caixão,
Com o dinheiro do pão,
do sabão, do colchão, do busão.
Acorda pra realidade,
Só pode escolher
O que ter e ser
Quem do outro lado nascer.



A cor de seus olhos



Escrito por
Camila Rodrigues Cunha

Texto inspiração: *Olhos d'Água* (Conceição Evaristo)



O olhar de quem sempre me guiou
Mas não de cor recordada
Qual é a cor dos olhos cheio de dor?
A cor dos olhos com muito sofrimento não é lembrada.
A dúvida que me trouxe tamanha agonia
Como não me lembrar da cor do olhar que me mantia?
Que na falta de alimento, com brincadeiras nos distraia

Que para enganar o estômago, a água fervia
Que nas fortes chuvas, com seus braços nos protegia
E que enquanto vivesse, sempre nos amaria.

Ao voltar me a minha cidade Natal
Para descobrir a cor de seu olhar original
Não ao menos consegui ver a sua coloração
Se encontravam cobertos, como sempre.

A cor de seus olhos era cor de olhos d'água
Os prantos sempre enfeitam seu rosto
Acompanhado de um sorriso grande cheio de gosto
Seus olhos eram confundíveis com calmos riachos
Destacava se com sua pele escura e fortes traços
Que mesmo cheios de tristeza
Ainda encontrávamos muita beleza.



A morte é triste



Escrito por
Bianca Pereira Teodosio Martins

Texto inspiração: *O Horto* (Auta de Souza)



Oh, Dona Morte, tem como a senhora esperar?
Sei lá, não me leva
Me deixe ficar?
Eu não quero morrer, não quero ir pra lá...
Tô prestes a me casar, tenho um noivo a me esperar.
Eu quero viver nesta linda primavera

Mainha quer me ver casar

Quero ver meu noivo no altar

A senhora entende, Dona Morte, por que eu quero tanto ficar?

Eu quero ficar.

Tem como a senhora errar o caminho e não me buscar?

Ainda quero me casar, ver meu marido no altar

Dona morte, deixa eu dizer que os amo, deixa eu me despedir?

Deixa eu criar um lar, eu não quero me despir...

Mas tenho algo a construir, a realizar, a ver se formar

Quero ter uma família

O meu bebê quero ninar

Quero ver ele chorar e o caminhar ver se realizar.

Então, Dona Morte, deixa eu realizar estes sonhos, e assim poderá me levar.

A morte se recusou, e assim ela finalmente me levou, deixando-os sofrer.

E minhas palavras, que um dia foram sonhos, hoje são apenas vestígios de minha memória.



Me olhando no espelho, me vejo além



Escrito por
Isabela dos Santos Calado

Texto inspiração: *A Carne* (Elza Soares)



Me olhando no espelho me vejo além,
Porque em mim reconheço todas as minhas ancestrais.
Na cor de minha pele, nos meus lábios, em meu nariz.
Meus cabelos me recordam de um tempo que já se foi,
mas ainda é presente,
Porque tenho consciência do que sou e de onde vim.
Porque sei que sou fruto de uma mistura de raças

violenta, agressiva e não consentida.

Me olhando no espelho me vejo além,

Porque não sinto a essência de meus antepassados.

Não sinto afeição por meus traços e

Sempre me pego tentando mudá-los.

Porque mesmo quando me reconheço não consigo me encontrar.

Lembro das bonecas que me davam na infância, nada iguais a mim e muito iguais às meninas das novelas.

E então, me perguntava, eu não era bonita para estar na TV?

Foi quando percebi que só se é belo o que a maioria acha.

E no dia que decidiram, esqueceram de meninas como eu.

Me olhando no espelho me vejo além

Porque imagino como seria ser uma garota branca

Me identificar em todos os lugares e me sentir satisfeita todos os dias

Desde cedo vi que o mundo não foi feito pra mim, nem pra ninguém parecido comigo

E só hoje entendi o porquê.

Sou de uma cor que não é bonita

Pelo menos não bonita o suficiente para quererem ser como eu

Que nem eu quero ser como elas.

Entretanto, quando eu me olho no espelho, não quero me ver além



Quero me olhar e me apreciar, apenas.

Sem o peso de todas as reflexões e sem todos esses sentimentos

Mas hoje, me olhando no espelho, eu me vi além e me perguntei quando isso será possível?



Minha pele tem a melanina



Escrito por
Bianca Pereira Teodosio Martins

Textos inspiração: *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*
(Jarid Arraes)



Ela se ilumina

Ela é preta, ela é linda.

Mas corra, pois eu tenho A MELANINA.

A tal pele preta, a tal pele linda



Que todos almejam

Que todos desejam.

Que piadas a serem ditas, a serem faladas...

HOJE EM DIA, amam minha pele, meu cabelo, minha cor...

Mas calma, lá? Não são vocês que nos marginalizam?

Não são vocês que não nos dão emprego por conta da minha pele, do meu cabelo?

Eu acho que são vocês que nos violam.

Vocês que nos xingam, que nos agridem, TUDO ISSO, apenas por eu ser uma pessoa de cor, UMA PESSOA PRETA.

Realmente corra pois eu tenho a melanina, e ela realmente se ilumina...

Mas calma, eu acho ela linda. Mas por que muitos falam que é suja e que feia?

Por que quando o guarda passa eu não posso correr?

São tantos porquês...

Mas o porquê maior é, POR QUE tanto ódio?



Em pedaços



Escrito por
Bianca Pereira Teodosio Martins e
Andréia Dias de Souza

Texto inspiração: *Corpo Desfeito* (Jarid Arraes)



Meu corpo está desfeito
Totalmente quebrado
Estilhaçado
Ao olhar para o chão não me vejo
Vejo só um corpo esfolado
Totalmente machucado.

Olho este corpo
Cadáver,
Pálido,
Cansado...

Ao me olhar no espelho, lembro
Teus tapas,
Teus socos,
Teus muros,
Teus insultos.

Minha dor,
Minha pele,
Minha carne,
Meus ossos,
Minhas veias
O jorrar de meu sangue,

Estou te educando,
Tua voz,
Tua autoridade,
Tua verdade

Meu corpo,
Minha mente,
Minha vida,
Minha saúde,

Decepções,
Agressões,
Hematomas,
Traumas,
Feridas,
Cicatrizes,
Projeções.

Eu só queria teu amor!
Devias ser minha guardiã,
Minha protetora
Mas na verdade só tenho teus punhos sobre meu rosto,
Teu narcisismo.
O abuso que eternamente marcará minhas relações,
As lágrimas que como ácido corroem minha saúde
mental.
O sangue caindo dos meus lábios
Manchando o chão com minha dor.
Com a cor da minha história.



Faço isso porque te amo, para te ensinar,
O mundo não vai te amar
Preparo-te para suportar a dor da vida.
Então é assim a vida, a proteção agride,
A guardiã ataca e ensina a sentir a dor...
Ainda não sei... talvez nunca descubra
Mas não era para o amor ser tão doloroso.

O mar traidor



Escrito por
Isabela dos Santos Calado

Texto inspiração: *Cantos da Mocidade*
(Beatriz Francisca de Assis Brandão)

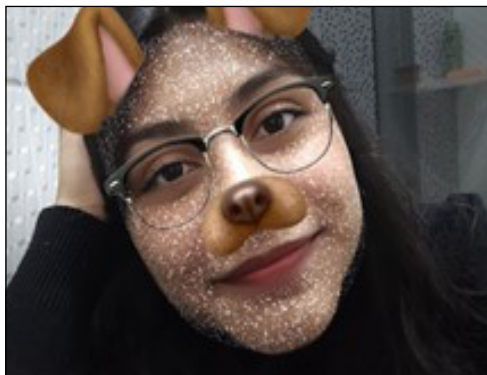


Durante minha juventude, eu me apaixonei.
O amor foi para mim como uma cura,
Um respiro que me salvou de sucumbir.
Tudo era perfeito até que deixou de ser.
Nunca achei que fosse possível morrer
Pelo que um dia já te fez voltar à vida.

Eu me afoguei em um oceano de mentiras
E me tornei um naufrago da afeição.
Meu amor foi desleal comigo, infiel
Fui refém dos meus próprios sentimentos
Pois eu sonhava com amor amigo
E tudo que recebi foi traição.
Talvez essa seja minha desgraça,
Almejar o amor somente, jamais senti-lo.
Agora que acabou a mocidade, escrevo
E em meus cantos, eu declaro:
Já não creio mais no amor.



Agora sou divorciada



Escrito por
Maria Clara Nantes Fernandes

Texto inspiração: *Enervadas*
(Maria Cecília de Melo Vasconcelos)



Eu pensei que ele me amava...

Que ele me cuidava...

Mas depois daquela discussão.

Daquela emoção, que pensei que nunca sentiria.

Nunca senti medo dele.

Mas depois que ele ergueu o braço.
E não foi para um abraço.
E então meu marido
Meu ex-marido deu mais um passo
No final tive medo, e concordei com ele.

Dias depois, ele partiu...
E ele nunca mais subiu aquela escada.
Nunca mais abriu a nossa porta.
E assim ele nunca mais existiu em minha vida.

Só apareceu para me dar um papel.
Ele já tinha um anel em sua mão.
E foi assim, que apenas para assinar eu servi.

Enfim agora sou divorciada

A solidão não ecoa



Escrito por
Melissa Vitória Silva Gauna

Texto inspiração: *Macabéa: Flor de Mulungu*
(Conceição Evaristo)



Eu queria ter o poder de conseguir fazer com que você
olhasse para mim.

Você só olha para si mesma.

Não é egoísta da sua parte?

Tu não queria renascer.

Tu queria todo brilho pra si.

Infelizmente tens carisma.
Quem seria tu sem carisma, meu bem?
Eu não tenho inveja.
Inveja dessa sua personalidade?
Mas talvez eu tenha...
Por que não consigo ser igual a você?
Você nunca está cansada.
Nunca sentiu exaustão?
Você chora quando ninguém está por perto?
Jamais me senti forte como você.
Você nunca esteve sozinha.
Não sabes o poder de ser eremítico.
Você só se sobressai.
Eu não odeio você.
Mas também não posso te mudar.
Hoje consigo te entender.
Você é o curativo para as pessoas.
Mas para mim,
Você me dilacera.
Como se fosse uma lâmina.
Suas lágrimas secam rapidamente em suas bochechas.
Você não consegue mais se emocionar.
Sua vida é uma fantasia, meu bem.
Quero ser teu reflexo.

Preciso roubar sua alma para mim,

Assim serei como você.

És completamente magnífica.

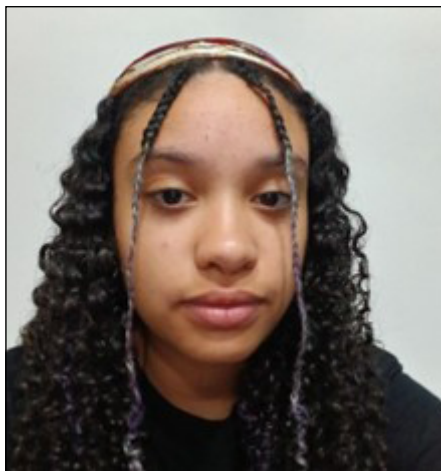
Não me deixe inquieta,

Você serve pra isso.

Você não pode morrer de aflição.



Preta Jabuticaba



Escrito por
Amanda Messias Silva

Texto inspiração: *A Cor da Ternura* (Geni Guimarães)



Eu tinha olhos de jabuticaba
E era meu primeiro ano escolar
Num dia comum, como qualquer outro
Resolvi testar algo novo
Um penteado, uma marinha-chiquinha
Um cabelo amarrado, meio solto
Que foi motivo de piada

Até então só usava coque
Mas a partir desse dia escondi cada cacho com a
xuxinha
Passei longos anos no mesmo lugar
E na cabeça rondavam as risadas e os xingamentos

Depois de longos anos finalmente
Eu vi beleza nesses cachinhos
O meu medo não sumiu
E o passado ainda me dói
Mas o tempo me ajuda
A ter coragem de ver o cabelo solto
Minha ascendência e minhas raízes
Meu cabelo, presente divino
Que eu aprendi a elogiar
Independente do penteado
Porque um dia de cabelo ruim
Não pode impedir
De brilhar os olhos e os cachos
Da cor preto jabuticaba.





Capítulo IV



O que é ser mulher?

Amanda Messias Silva

Angelina Quevedo Bakargi

Bianca Pereira Teodosio Martins

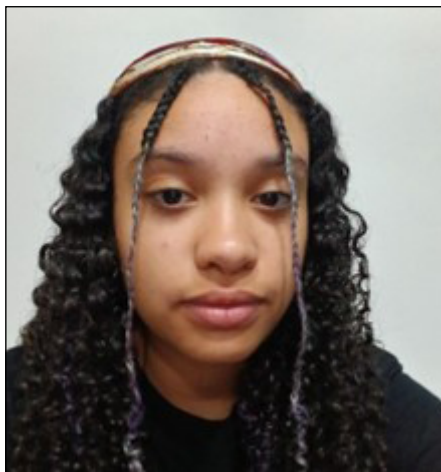
Camila Rodrigues Cunha

Isabela dos Santos Calado

Isabelli dos Santos Guaripuna



Segundo a Bíblia



Escrito por
Amanda Messias Silva



A mulher que chora

Mulher na Bíblia é Ishá,
Que do hebraico vem representar.
Mas como ela deveria ser?
O que deveria fazer?
Se a sociedade nos impõe um padrão,
Por que as Escrituras não?

Mas ela diz sim,
Que existe uma dor que incomoda,
Que consome e transtorna.
Que tem horas na vida que a gente só faz sentir e chorar.
Que somos imperfeitas com sentimentos ruins a guardar,
Que existem dias em que tudo que queremos é que o dia chegue ao fim.
E que não tem como falar de dias penosos sem falar do Deus do jardim.
Por isso chore,
Encha cada lágrima com um coração que se quebranta.
Por isso chore,
E dê espaço a toda lágrima.
Por isso chore,
Levando em conta os gritos de dor e frustração.
Por isso chore,
Sofrendo o peso de cada lamentação.
Por isso chore,
Se permitindo sentir a dor do que somos.

Mas filha,
Entenda que você não controla o que vai acontecer,
Só escolhe o que fazer com o que ocorrer.

Mas filha,
Não se desespere,
Ele enxuga toda lágrima que você enxerga.
Mas filha,
Seja forte e corajosa;
Leve e delicada;
Chorando como alma amada.
E filha,
Seja bem-aventurada,
Pois quem chora é consolada.

Na Bíblia mulher é Ishá,
Que do aramaico vem retratar.
Mesmo marcada a gente aprende a caminhar.
E em Jesus confiar.
Deus nos acolhe e valoriza;
Lembra e cita.

Mulher na Bíblia nos encoraja,
A viver de maneira plena e cheia de graça.
Nessa história a mulher nunca foi coadjuvante,
Nem precisa brigar para ser a estrela brilhante,
Deus sempre lhe deu sua devida honra.
Ele não desprezou mulher nenhuma

Pelo contrário, usou-as uma por uma
Como exemplo as criaturas
Ao longo de toda a Escritura.



O que é ser mulher?



Escrito por
Angelina Quevedo Bakargi



Sim, nasci mulher. Ou melhor, me tornei mulher no momento que descobriram meu sexo. Me tornei mulher no dia do ultrassom, quando a médica disse para a minha mãe: é uma menina.

Me tornei mulher no dia que descobriram que eu tenho uma vagina e um útero, quando descobriram o meu potencial de gerar a vida.

Digo isso pois esse foi o momento que fui apresentada à sociedade como mulher.



Eu me perguntava quando e por que o patriarcado surgiu, eu não tinha essa resposta. Sou feminista há muito tempo, mas não tinha essa resposta concretizada.

O homem é fisicamente mais forte, isto é um fato. O que nós temos que eles não têm? O que equilibraria essa desvantagem?

Certo dia, li sobre a “inveja do pênis”. Aquilo não fez sentido. Então, me veio um pensamento: não tem sentido uma menina, durante seu desenvolvimento, refletir e concluir ter inveja daquele órgão. Mas vejo razão em um menino concluir ter inveja do útero, inveja da capacidade de gerar uma vida.

Ao meu ver, não há algo mais fantástico que um ser humano possa fazer do que criar um novo ser humano. Gerar a vida.

Não só os seres humanos. As fêmeas animais também têm esse potencial.

Esse é o nosso poder, gerar a vida. Não há homem nenhum que possa fazer isso. Tentam compensar a falta desse poder nos impondo seus corpos e ideias, retirando de nós nosso poder político, econômico, social, histórico e intelectual. Nos reduzem a nada, apenas a uma pessoa que engravida.

Refleti e, então, cheguei a minha resposta subjetiva e pessoal à pergunta que eu me fazia. Para mim, a ditadura patriarcal surgiu quando os homens constataram que nós tínhamos a força e o poder de gerar a vida. A inveja do útero, que se efetiva no momento em que os meninos percebem que temos a capacidade de materializar a vida em nossos corpos. Meninos que se tornam homens e que, ao exercer seu poder sobre aquelas que têm a capacidade re-



produtiva, sentem-se eles próprios os produtores da vida. A inveja do útero, como entendo, também respondeu outras perguntas minhas. Por que os seios femininos eram sexualizados?

Na tentativa de dominar o poder feminino de prover o alimento da prole com seu próprio corpo, por meio da amamentação, os homens transformaram esse poder, esse ato sagrado, em algo profano. Ao sexualizar o seio feminino, por inveja, vulgarizaram o que antes era santo e divino.

Tentam tanto controlar e decidir o que podemos fazer com nossos corpos, nos impõe expectativas. Querem nos dominar e invadir.

Sou mulher porque fui apresentada à sociedade como fêmea, e então me impuseram expectativas e papéis a serem seguidos. Sou mulher porque luto contra essas designações, porque luto contra a imposição de poder, Sou mulher porque sei que além do poder de conceber a vida, tenho o poder de luta, o poder sobre mim mesma, poder de decisão e liberdade.

Ser mulher



Escrito por
Bianca Pereira Teodosio Martins



Ser mulher é odiar a si mesma?!
Já é uma lei, se tornando uma legião.

Por que ser mulher é odiar a si mesma?
Porque a sociedade quis assim!
Colocaram essa lei sobre nós.



Tal lei que não existe, só foi imposta sobre nós.
Como nos vestir
Como nos portar
Como nos impor
Como falarmos
E quando não nos comportamos como eles querem
Nos xingam
Nos menosprezem
Nos comparam
Nos humilham
Por isso eu falo
Por isso eu grito
Por isso eu escrevo

Quando falo que sou mulher
Eles riem
Desdenham de mim
Quando eu falo que sou mulher
Eles falam: “ser mulher é muito fácil”, “vocês não vão
pro exército” e blá blá
“isso é ser mulher?”
E eu respondo: “Sim! Isso é ser mulher”.

Ser mulher é andar nas ruas com medo de estar sendo seguida.

Não poder andar onde e quando quiser

Por que? Porque saímos de casa, já com o pensamento de que talvez não voltemos para ela.

O que é ser mulher?

Aos meus olhos?

Uma guerreira incansável

Aos olhos da sociedade?

Um indivíduo do sexo feminino

Aos olhos de um homem?

Uma companheira...

Uma amada...

Uma amante...

Uma fêmea...

Um corpo...

Um saco de pancadas...

Um útero...

Uma cuidadora.

Aos olhos de um filho?

A guardiã,

Porto seguro.

Mulher sagrada



Aos olhos de uma filha?

O espelho

A guardiã,

Porto seguro

Nascer com um destino já traçado

Não pode mudá-lo

Só pode cumpri-lo

Para mudança,

Será punida

Banida

Silenciada.

Toda vez que uma mulher grita e se impõe

Uma é liberta

Toda vez que uma mulher grita e se impõe

Uma é liberta

Toda vez que uma mulher grita e se impõe

Uma é liberta

Toda vez que uma mulher grita e se impõe

Uma é liberta

Toda vez que uma mulher grita e se impõe

Uma é liberta

Toda vez que uma mulher grita e se impõe

Uma é liberta

Toda vez que uma mulher grita e se impõe

Uma é liberta

Eu queria não ser mulher

Livre para fazer o que quisesse

Quando quisesse

Sem medo do que pensariam ou falaria por eu ser mulher.

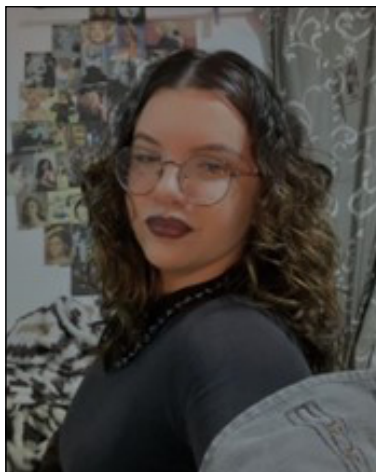
Queria usar as roupas que eu quisesse, sem medo de ser assediada ou assassinada

Queria ser respeitada e não julgada

Queria ser ouvida e não silenciada



Ser mulher é símbolo de resistência



Escrito por
Camila Rodrigues Cunha



Ser mulher é símbolo de resistência
Fazendo nossa história
Ele se incomoda
Porque temos consciência
Porque mesmo sem nos dar espaço
A gente entra.



Ser mulher é símbolo de resistência
Pra seguir sem apoio
Tem que ter paciência
Tem que manter a potência
Tem que fazer a diferença
E eu aguento tudo, e tenho persistência
Para que futuras possam ter presença.

Ser mulher



Escrito por
Isabela dos Santos Calado



Aos 9 anos,

senti desabrochando em mim o virar mulher.

Todo mês eu era normal até que um dia, todo mês eu sangrava. Um sangue puro e sem cheiro, apenas vermelho. E as dores que achava que eram horríveis, ao crescer, se tornariam muito piores.

Aos 15,

descobri que existiam sangues piores que aquele e dores mais fortes que as menstruais.

Se sangra para gerar vida e não para tirar vida. Meu pai discordaria e minha mãe já não está mais entre nós.

Aos 27,

casada e com filhos, achei que seria diferente. Que o ciclo acabaria. Mas esqueci que ele volta todo mês. Jurei lá atrás que jamais me casaria com meu pai, mas casei e me tornei minha mãe.

Aos 40,

só tinha isso, filhos. Um filho que se parecia cada vez mais com o pai e uma filha que se parecia demais com a avó. Eu te entendo agora, mãe. A senhora estava certa quando dizia que não basta querer.

Aos 50,

Eles saíram de casa e meu pai morreu, os dois. Pensei, ingênua, que aí sim, finalmente acabaria. Mas um dia recebi uma ligação. “Seu filho foi preso por agressão”. E lembrei que até meu pai tinha mãe.

Aos 55,

Lembrei-me da raiva que senti da minha mãe quando ela voltou pro meu pai. “Desmiolada que não pensa nos filhos”. Mas hoje eu entendo, ela pensava e só por isso ficou.



Aos 56,

Meu filho, que era o retrato menos nojento do pai e do avô, saiu da prisão. Conte pra ele que sua irmã tinha morrido. Um ex-namorado enciumado tinha matado-a dois anos atrás. Ele me perguntou como isso era possível e eu respondi que ser mulher é um ciclo incurável de dor.

Dádiva ou maldição?



Escrito por
Isabelli dos Santos Guaripuna



Em uma ilha mais distante do que qualquer lugar que se possa imaginar, inesperadamente nasce uma bela e poderosa flor, diferente de todas as outras ao seu redor, pois ela possuía o dom mais lindo de todos, algo único, especial, uma verdadeira dádiva: gerar uma nova flor. Com isso viriam muitas obrigações, uma enorme carga que ela estava prestes a enfrentar.

Logo no início de seu longo caminho, com apenas cinco anos, o que era muito pouco (ou não) para uma flor, ela tinha muitas responsabilidades como cuidar das outras



flores e do ambiente ao seu redor. Todos ali gostavam dela, pois era a mais amorosa, carinhosa, responsável, afetuosa e até madura demais para sua idade como alguns comentavam. Nossa jeitosa flor até gostava de sua rotina, apesar de não compreender o porquê de ter que fazer todas essas coisas sozinha. A puberdade também deu as caras e o que mais diziam era que precisava aparar e melhorar suas pétalas que cresciam sem controle, na verdade toda sua estrutura crescia sem controle, também aconselhavam-na a usar o seu dom, afinal aquilo era incrível e que aloucada não iria aproveitar tal dádiva?

Aquilo a incomodava, pois não sabia se iria dar conta, era muita responsabilidade, precisaria de recursos, como faria tudo sozinha? Seu tamanho aumentava e cada vez mais beleza exalava, beleza essa que não trouxe tanta alegria para a flor, porque atraía muitos insetos, insetos maus, que invadiam seu corpo sem o menor receio. Eles a devoravam de forma lenta, sem pressa nenhuma, nada muito planejado mas sempre com intenções muito bem prontas e mascaradas, esgotavam-na por completo até ficarem satisfeitos e então iam embora, sem ressentimentos. As súplicas eram agonizantes de se escutar, mas por algum motivo ninguém era capaz de ouvi-las, apenas podiam ver, ou não, afinal o que os olhos não veem o coração não sente, mas o da nossa flor sentia e muito. As lentes que enxergavam, não aprovavam a situação, mas não poderiam fazer nada, ou na verdade poderiam. Todas essas tragédias eram desabafadas com uma madura joaninha que morava por perto, que aconselhava a flor a não se importar, pois era um sinal de que seus nectários extraflorais eram salientosos e de nada adiantava tanto *mimimi* - certamente era um castigo que teria de ser carregado até seu túmulo.



A força incomparável de nossa flor fez com que se guisse em frente e logo gerou cinco outras flores, anafadas, esplêndidas, flóreas, formosas, “atacáveis” e com o mesmo belo dom. Era dado muito amor para as pequeninas, um amor único e incomparável, a mamãe esgotava todos os seus recursos para cuidar, alimentar e proteger suas belas criações e isso era muito admirado e reconhecido. Elas se sentiam amadas, apesar de que todos naquela ilha desprezavam esse sentimento. Vivenciar toda essa experiência deixava a vida da nossa flor mais corrida, porém leve, aquelas criaturinhas tão inocentes e frágeis faziam os seus dias mais coloridos e davam à flor a resposta da pergunta que fazia-se todo dia: Ninguém merece ter de lutar assim para viver, será que eu irei aguentar?



Referências



AFOLABI, N.; BARBOSA, M.; RIBEIRO, E. (Orgs.). **A mente afro-brasileira: crítica literária e cultural afro-brasileira contemporânea / The afro-brazilian mind: contemporary afro-brazilian literary and cultural criticism**. 1 ed. Trenton (NJ) / Asmara (Eritrea): Africa World Press, 2007.

ARRAES, J. **Corpo Desfeito**. 1 ed. Rio de Janeiro: Alfabara, 2022.

ARRAES, J. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. 2 ed. São Paulo: Editora Seguinte, 2020.

AUGEL, M. P.; GUIMARÃES, G. M.; DUARTE, E. A. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

AUTA de Souza por Taís Araújo. Publicado pelo canal Josivan Sabino [S. l.: s. n.], 1 vídeo (2 min). Disponível em: https://youtu.be/x_NR8kw94gw?. Acesso em: 16 mar. 2024.

AVALARA. **Mulheres extraordinárias. Avalara**, São Paulo, 12 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.avalara.com/br/pt/blog/2022/01/mulheres-extraordinarias-narcisa-amalia.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BARBOSA, D. Escritora cearense do século XIX desafiou a sociedade ao falar sobre divórcio em livro. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 20 de julho de 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/amp/>



escritora-cearense-do-seculo-xix-desafiou-sociedade-ao-falar-sobre-divorcio-em-livro-1.3257678. Acesso em: 23 ago. 2024.

BIGUELINI, E. Narcisa Amalia de Campos (1852-1924). **Claudemir Pereira**, 27 de agosto de 2023. Disponível em: <https://claudemirpereira.com.br/2023/08/narcisa-amalia-de-campos-1852-1924-por-elen-biguelini/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BLOG DA CIDINHA. Ruth Guimarães assume vaga na Academia Paulista de Letras, aos 88 anos. **Blog da Cidinha**, 22 de setembro de 2008. Disponível em: <http://cidinhadasilva.blogspot.com/2008/09/ruth-guimares-assume-vaga-na-academia.html>. Acesso em: 14 set. 2024.

BRANDÃO, B. F. A. **Cantos da mocidade**: volume 1. Rio de Janeiro: Impressor da Casa Imperial, 1856.

CARTA CAPITAL. Jarid Arraes: “escrevo para honrar minha ancestralidade”. **Carta Capital**, São Paulo, 29 de março de 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/jarid-arraes-201cescrevo-para-honrar-minha-ancestralidade201d/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

COLINA, P. **Axé**: antologia contemporânea da poesia negra brasileira. São Paulo: Global, 1982.

CONCEIÇÃO, J.; BARBOSA, L. **Quilombo de Palavras**: a Literatura dos Afro-descendentes (Orgs.). 2 ed. Salvador: CEAO/UFBA, 2000.

CONHEÇA a história da escritora Conceição Evaristo. Publicado pelo canal TV Aparecida. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo



(11min23seg). Disponível em: <https://youtu.be/9POX2gt-fmFI?si=cXsviEFakbZOC81C>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CHRYSANTHÈME, C. M. **A infanta Carlota Joaquina**. 1 ed. Brasília: Editora Senado Federal, 2022.

CHYSANTHÈME, C. M. **Enervadas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Carambaia, 1922.

CLOTILDE, F. **A divorciada**. 1 ed. Rio de Janeiro: Janela Amarela, 2022.

DOCUMENTÁRIO Noite Auta. Publicado pelo canal Mulherio das Letras Zila Mamede. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (21min25seg). Disponível em: <https://youtu.be/ldZ-75VwK0do?>. Acesso em: 16 mar. 2024.

ELIAS, B. Escritora negra Jarid Arraes fala sobre sua obra e influência nordestina. **A Freaka**. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/escritora-negra-jarid-arraes-fala-sobre-sua-obra-e-influencia-nordestina/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

EVARISTO, C. **Macabéa, Flor de Mulungu**. 1 ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FEBNET. Fatos e personalidades: nascimento de Auta de Souza. **Febnet - Federação Espírita Brasileira**, 12 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/2020/09/12/fatos/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

FIOCRUZ. Narcisa Amália de Campos. **Fiocruz**, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.fiocruz.br/biosse->



guranca/Bis/Biograf/ilustres/narcisa.htm. Acesso em: 24 jun. 2024.

FRAZÃO, D. Rachel de Queiroz: escritora brasileira. **E-biografia**, 2 de maio de 2023. Disponível em: https://www.ebiografia.com/rachel_queiroz/. Acesso em: 20 abr. 2024.

FRAZÃO, D. Clarice Lispector: escritora e jornalista brasileira. **E-biografia**, 12 de abril de 2023. Disponível em: https://www.ebiografia.com/clarice_lispector/. Acesso em: 14 set. 2024.

FUKS, R. Elza Soares: cantora e compositora brasileira. **E-biografia**, 6 de junho de 2022. Disponível em: https://www.ebiografia.com/elza_soares/. Acesso em: 14 set. 2024.

GENS, R. Modernas mulheres: Cecília Vasconcelos e a figuração de Chysanthème. **Abralic**, 2016. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491260585.pdf. Acesso em: 14 set. 2024.

GOMES, A. L. F. **Vida e obra da poeta potiguar Auta de Souza (1876-1901)**. Rio Grande do Norte: Limiar Espírita, 2003. Disponível em: http://www.limiarespirita.com.br/livros/vida_e_obra_da_poeta_potiguar.pdf. Acesso em: 16 set. 2024.

GUIMARÃES, G. M. **Balé das emoções**. Barra Bonita: Evergraf, s/d. (poesia).

GUIMARÃES, G. M. **Leite do peito (anteriormente A cor da ternura)**. 3 ed. Revista e ampliada. Belo Horizonte: Mazza, 2001.

GUIMARÃES, R. **Água funda**. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2018.



GUIMARÃES, G. **A cor da ternura**. 12 ed. São Paulo: FTD, 1998.

JARID Arraes apresenta “Heroínas negras brasileiras”. Publicado pelo canal Editora Seguinte. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (4min12seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DJj68LkSkwY>. Acesso em: 24 jun. 2024.

JOVINO, I. Resenha de *A cor da ternura*. **Revista Palmares – Cultura Afro-Brasileira**. Brasília: Ministério da Cultura / Fundação Cultural Palmares. Ano 1, n° 1, agosto 2005.

LIMA, O. S. O feminino negro em *Leite do Peito*, de Geni Guimarães. **Revista Intercâmbio**, Brasília, 2009. Disponível em: <http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/269/225.pdf>. Acesso em: 14 set 2024.

LISPECTOR, C. **A Hora da estrela**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LITERAFRO. Ruth Guimarães. **Literafro - o portal da literatura afro-brasileira**, 9 de julho de 2024. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/434-ruth-guimaraes>. Acesso em: 16 set. 2024.

LOBO, L. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1993.

LUSTOSA, I. Rachel e o golpe. **Instituto Moreira Salles**, 2 de abril de 2014. Disponível em: <https://em1964.com.br/rachel-e-o-golpe-por-isabel-lustosa/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MARINHO, F. Rachel de Queiroz. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/raquel-queiroz.htm>. Acesso em: 20 abr. 2024.



MENDES, I. **Poemas de Auta de Souza**. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014. Disponível em: <https://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/366495.PDF>. Acesso em: 16 mar. 2024.

MOURA, G. Francisca Clotilde. **Recanto das Letras**, 7 de março de 2022. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/biografias/1789435>. Acesso em: 23 ago. 2024.

OLIVEIRA, E. Quem é quem na negritude brasileira. **Congresso Nacional Afro-Brasileira CNAB**, 1998. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/crt-2635>. Acesso em: 16 set. 2024.

OLIVEIRA, I. Aniversário de Elza Soares, a mulher do fim do mundo. **Nova Brasil**, São Paulo, 23 de junho de 2023. Disponível em: <https://novabrasilfm.com.br/notas-musicais/com-voce-nos-vamos-cantar-ate-depois-do-fim-elza-soares>. Acesso em: 14 set. 2024.

OLIVEIRA, J. Jarid Arraes, a “jovem mulher do sertão” que faz literatura retirante. **El País**, 21 de julho de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/16/cultura/1563309707_729625.html. Acesso em: 14 set. 2024.

OLIVEIRA, M. O. Literatura infantojuvenil brasileira: tecendo fios para o fortalecimento de nossa identidade étnico-racial?. *In: Lugares dos discursos. X Congresso Internacional da ABRALIC. Simpósio Afrodescendências*. Rio de Janeiro, 2006.

PACHECO, G. Antes de tudo Madame Chrysanthème. **O Globo**, 2 de maio de 2019. Disponível em: <https://oglobo>.



globo.com/epoca/antes-de-tudo-madame-chrysanthe-me-23636733. Acesso em: 14 set. 2024.

PADILHA, L. C. *Poesia africana, em feminino*. Belo Horizonte: UFMG/AMPOLL, 1990.

PRIAMO, F; GONÇALVES, L; NOGUEIRA, N. *Literatura Imperial: a escrita poética feminina de Beatriz Brandão*. *Revista Contemporâneos*, Santo André, n. 8, p. 1-19, 2011. Disponível em: <https://www.revistacontemporaneos.com.br/n8/dossie/literatura%20imperial.PDF>. Acesso em: 6 maio 2024.

QUEIROZ, R. *O Quinze*. 93 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

RIBEIRO, A. O meu bem, a minha lira. *Hhmagazine*, 2023. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/o-meu-bem-a-minha-lira/>. Acesso em: 11 mar. 2024.

RIBEIRO, M. *Cancros sociais*. Brasília: Senado Federal, 2021.

RODA Viva Retrô - Rachel de Queiroz (1991). Publicado pelo canal Roda Viva. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (88 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zz-CoEwnI-Ek>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SILVA, L. M. A cor da ternura, de Geni Guimarães: uma análise de sua tradução para o inglês sob uma perspectiva descritivista. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 25, n. 1, p. 177-193. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/10198. Acesso em: 16 set. 2024.

SILVA, O. M. L. Trajetória da poetisa Narcisa Amália de Campos: 1872-1924. *In: IV Seminário Internacional*



Brasil no Século XIX, 2021, Rio de Janeiro, UFF. Disponível em: https://www.seo.org.br/download/download?ID_DOWNLOAD=349. Acesso em: 24 jun. de 2024.

SILVEIRA, M. C. Muito prazer, meu nome é Maria Cecília. **Jornalismo & História - Grupo de Estudos de História do Jornalismo na América Latina (UFSC)**. Florianópolis, 31 de julho de 2020. Disponível em: <https://jornalismoehistoria.sites.ufsc.br/2020/07/31/muito-prazer-meu-nome-e-maria-cecilia/>. Acesso em: 14 set. 2024.

SOARES, A. **A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

SOARES, E. **A carne**. Elza Soares. Álbum Do Cócix até o pescoço. Formato CD. Gravadora Maianga, 2002.

SOUZA, A. **O Horto**. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014.

SOUSA, A. L. Representação afro-brasileira em livros Paradidáticos. **Literafro - o portal da literatura afro-brasileira**, 7 de maio de 2021. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/51-andreia-lisboa-de-sousa-representacao-afro-brasileira-em-livros-paradidaticos>. Acesso em: 16 set. 2024.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro, ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, W. Conceição Evaristo. **Mundo Educação**. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/conceicao-evaristo.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.



SOUZA, W. Clarice Lispector. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://m.brasilecola.uol.com.br/amp/biografia/clarice-lispector.htm>. Acesso em: 14 set. 2024.

SPAGNA, J. Olhos d'água: resumo da obra de Conceição Evaristo. **Guia do estudante**, 31 de março de 2023. Disponível em: https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/olhos-dagua-resumo-e-analise-da-obra-de-conceicao-e-varisto#google_vignette. Acesso em: 6 maio 2024.

SUZUKI, S. Elza Soares: “rainha invencível” da música brasileira morre aos 91 anos. **BBC News Brasil**, São Paulo, 20 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60077675>. Acesso em: 14 set. 2024.

VIDA e obra da escritora Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868). Publicado pelo canal IHGMG. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (32min17seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DHleFTGWhO0>. Acesso em: 14 set. 2024.

WIKIPÉDIA. Elza Soares. **Wikipédia**, 14 de setembro de 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Elza_Soares&oldid=68627006. Acesso em: 14 set. 2024.

WIKIPÉDIA. Clarice Lispector. **Wikipédia**, 8 de setembro de 2024. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Clarice_Lispector. Acesso em: 16 set. 2024.

WIKIPÉDIA. Arcadismo. **Wikipédia**, 18 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Arcadismo&oldid=67503408>. Acesso em: 14 set. 2024.

WIKIPÉDIA. Maria Angélica Ribeiro. **Wikipédia**, 2 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Maria_Ang%C3%A9lica_Ribeiro. Acesso em: 16 set. 2024.



WIKIPÉDIA. Chrysanthème. **Wikipédia**, 8 de novembro de 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chrysanth%C3%A8me>. Acesso em: 16 set. 2024.

WIKIPÉDIA. Francisca Clotilde. **Wikipédia**, 7 de novembro de 2022. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Franisca_Clotilde. Acesso em: 14 set. 2024.



Posfácio



Conforme dissemos no posfácio do primeiro volume da obra “Damas literárias: pelo reconhecimento da escrita feminina apagada da história”, nossa história não acabou. É mister permanecermos no caminho do reconhecimento e da valorização das vidas e das obras de autoras cujas histórias foram silenciosamente apagadas pelo tempo. Nossos estudantes e professores do IFMS tiveram, têm e sempre terão a coragem de dar voz aos esquecidos, aos que tiveram seu brilho apagado e sua importância ocultada em uma sociedade ainda marcada pelo patriarcalismo excludente.

A partir deste movimento de reavivamento do legado de tantas mulheres que foram deixadas à margem da história literária, estamos possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico e a reflexão sobre a efemeridade da memória coletiva, ressaltando a importância da valorização, para a literatura brasileira, das contribuições de autoras femininas pioneiras e inovadoras, mulheres à frente do seu tempo, com a certeza de que o valor de boas obras literárias não é reduzido com o passar do tempo.

Você, leitor, está convidado a abrir os olhos e os corações para o que cada um dos capítulos que compõem a obra pode nos propiciar – desde a biografia das autoras selecio-



nadas, o posicionamento de jovens estudantes transcrito nas resenhas sobre as obras e a liberdade artística para a produção de textos inspirados nos livros escolhidos.

Ao aceitar o chamado para o resgate de vozes abafadas pelo tempo e pensar sobre os motivos pelos quais certas histórias são destacadas e outras esquecidas, o leitor tem a chance de dar um passo rumo a uma sociedade mais inclusiva e justa, reconhecendo e honrando as vozes que fazem parte do panorama cultural brasileiro. Sigamos (re)descobrimo e valorizando valiosos tesouros em forma de obras literárias – a nossa caminhada continuará!

Prof^a Ma. Danyelle Almeida Saraiva
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
Campus Campo Grande



Organização



Andréia Dias de Souza
Doutora em Estudos Linguísticos
Professora EBTT IFMS
Campus Campo Grande



Flávio Amorim da Rocha
Doutor em Letras
Professor EBTT IFMS
Campus Campo Grande

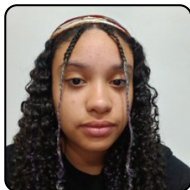


Jaqueline Alonso Braga de Oliveira
Mestra em Letras
Professora EBTT IFMS
Campus Campo Grande

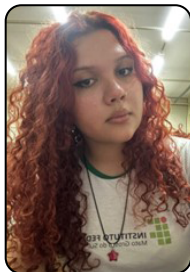


Danyelle Almeida Saraiva
Mestra em Letras
Professora EBTT IFMS
Campus Campo Grande





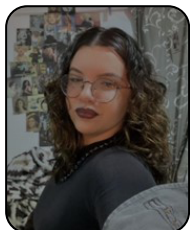
Amanda Messias Silva
Estudante do Ensino Médio Técnico
Integrado no IFMS
Campus Campo Grande



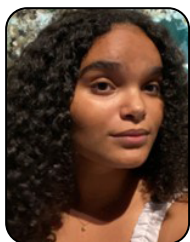
Angelina Quevedo Bakargi
Estudante do Ensino Médio Técnico
Integrado no IFMS
Campus Campo Grande



Bianca Pereira Teodosio Martins
Estudante do Ensino Médio Técnico
Integrado no IFMS
Campus Campo Grande



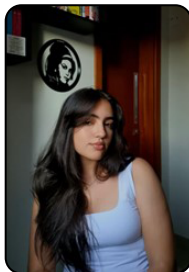
Camila Rodrigues Cunha
Estudante do Ensino Médio Técnico
Integrado no IFMS
Campus Campo Grande



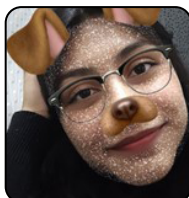
Isabela dos Santos Calado
Estudante do Ensino Médio Técnico
Integrado no IFMS
Campus Campo Grande



Isabelli dos Santos Guaripuna
Estudante do Ensino Médio Técnico
Integrado no IFMS
Campus Campo Grande

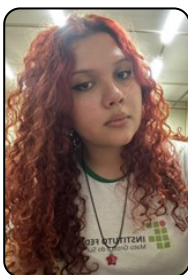


Maria Clara de Freitas Barcelos
Estudante do Ensino Médio Técnico
Integrado no IFMS
Campus Campo Grande



Maria Clara Nantes Fernandes
Estudante do Ensino Médio Técnico
Integrado no IFMS
Campus Campo Grande

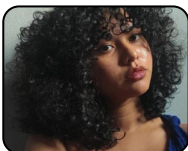
Ilustradores



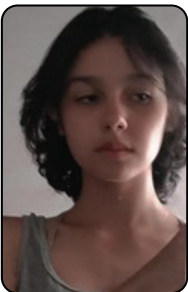
Angelina Quevedo Bakargi



Clara dos Santos Calado



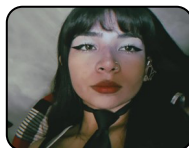
Emanuelle Candido Pimenta



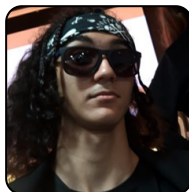
Giovana Manuela da Silva Garcia



Giovanna Cardoso Cuenga



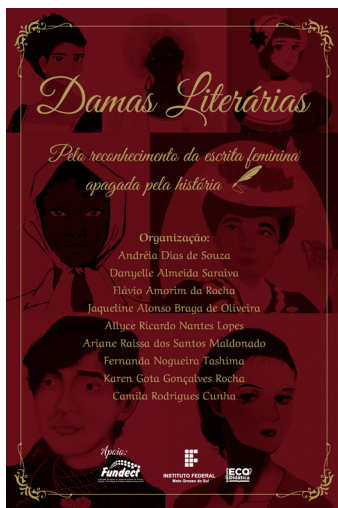
Maria Isabel Moura Teixeira



Tarsis Junio Alencar Guedes



Tauane Francine Fonseca Gomes



Em *Damas literárias: pelo reconhecimento da escrita feminina apagada pela história*, volume 1, publicado no ano de 2023, as vozes silenciadas de grandes autoras encontram reconhecimento por meio da exposição de suas biografias, da produção de resenhas sobre as obras e da produção de textos inspirados nas obras cuidadosamente selecionadas. Os capítulos contêm textos de

autoria estudantil, a saber: biografias de autoras femininas marginalizadas e/ou esquecidas pela academia e sociedade; resenhas de algumas de suas obras; além de minicontos, contos, poemas e artigos de opinião de autoria estudantil inspirados a partir dos textos das referidas autoras.

Neste volume são contempladas as seguintes Damas Literárias e obras: Maria Firmina dos Reis (*A escrava e Úrsula*); Emília Moncorvo Bandeira de Melo, sob o pseudônimo de Carmen Dolores (*Um drama na roça*); Francisca Senhorinha da Motta Diniz e A. A. Diniz (*A Judia Raquel*); Josefina Álvares de Azevedo (*O voto feminino*); Júlia Lopes de Almeida (*O laço azul*); Maria da Conceição Evaristo de Brito (*Insubmissas lágrimas de mulheres*) e Carolina Maria de Jesus (*Quarto de despejo: diário de uma favelada*). Para o desenvolvimento dessa proposta foram realizadas rodas de leitura, análise e discussão das obras e das histórias dessas escritoras a fim de disseminar o conteúdo necessário para que os discentes pudessem produzir seus textos.



Esperamos por meio dessa obra contribuir para o objetivo maior ao qual nosso trabalho está vinculado: promover e disseminar discussões e reflexões a respeito do papel da mulher na sociedade atual e contribuir para a erradicação de todas as formas de discriminação contra mulheres e meninas.

O volume 1 do *Damas literárias: pelo reconhecimento da escrita feminina apagada pela história* está disponível para download gratuito:



<https://editoraecdidatica.com.br/damas-literarias-pelo-reconhecimento-da-escrita-feminina-apagada-pela-historia/>





INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso do Sul

Apaio:

Fundect

Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino,
Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul

ISBN 978-85-85640-07-7



9 788585 640077

Damas Literárias

*Pelo reconhecimento da escrita feminina
apagada pela história* 

Volume 2

Nossa história não acabou. É mister permanecer no caminho do reconhecimento e da valorização das vidas e das obras de autoras cujas histórias foram silenciosamente apagadas pelo tempo. Nossos estudantes e professores do IFMS tiveram, têm e sempre terão a coragem de dar voz aos esquecidos, aos que tiveram seu brilho apagado e sua importância ocultada em uma sociedade ainda marcada pelo patriarcalismo excludente.

**Fundect**
Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino,
Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul


INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso do Sul

editora **ECO**
Didática

